

5-7

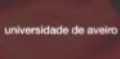
DEZEMBRO

ICS | UMINHO

VIII CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE CULTURAS

CULTURAS DE RESISTÊNCIA

LIVRO DE RESUMOS



Segunda-feira, 5 de dezembro de 2022

Sessões Paralelas 1

GT 1 Práticas culturais e resistência

Sala de Reuniões do ICS

Expressões culturais e práticas políticas: o MIMO Festival e a ocupação consciente do Centro Histórico do Porto (Portugal)

Alessandra Nardini & Elaine Trindade (Universidade do Minho, Portugal)

Esta comunicação analisa o MIMO Festival, evento que ocorreu durante três dias no Centro Histórico do Porto em setembro de 2022, com o objetivo de apresentar uma reflexão acerca de práticas culturais heterogêneas e ações políticas em cenários urbanos. Realizado desde 2004 no Brasil, o MIMO é um festival gratuito que viabiliza a ocupação consciente de diferentes cenários das cidades históricas por onde passa, promovendo inclusão e diversidade cultural. Nesta edição do MIMO Porto, o público pode conferir uma vasta programação de atrações musicais, residências, videoarte, performances, entre outras atividades culturais. Com o propósito de levar conhecimento a jovens profissionais e estudantes de Música, o MIMO ofertou um amplo programa educativo com palestras e workshops. Uma das grandes iniciativas do festival foi o Fórum das Ideias, que propiciou o encontro desses jovens profissionais com artistas consagrados, estimulando principalmente a criação musical. Entre os artistas que participaram do MIMO Festival estavam: Mário Lúcio, um dos maiores nomes da música e das artes de Cabo Verde, que subiu ao palco acompanhado pelos Kriols, grupo formado por jovens portugueses, trazendo ao público experiências da sonoridade crioula; o jornalista, poeta, compositor e intérprete brasileiro Chico César, que se classifica como um “ser político” e faz de sua música um canto de libertação; Emicida, uma das maiores revelações do rap no Brasil da década de 2000, que através da música busca reescrever a história de seu país e denunciar o racismo estrutural. O objetivo deste estudo é analisar as potencialidades do MIMO Festival na construção da conscientização e na capacidade de transformar o espaço público por meio de sua ocupação cultural. Em um primeiro momento, esta comunicação propõe uma revisão de literatura que apresente os conceitos de “micropolítica” e de “heterotopias urbanas”, propostos e trabalhados por Michel Foucault (2001; 2017). Em um segundo momento, as práticas culturais e iniciativas promovidas pelo MIMO Porto são analisadas, apresentando pontos de convergência com a abordagem teórica escolhida para conduzir este estudo. Por meio da aproximação etnográfica e da observação participante, esta comunicação apresenta, em um terceiro momento, uma reflexão acerca das lutas de resistência micropolíticas e da maneira como elas potencializam valores e o exercício de uma ética cidadã.

Palavras-chave: Cultura, Política, Cidadania, Música, Espaços Urbanos

Resistência e cultura Beradeira em Porto VelhoRO – Amazônia brasileira

Analia Cordeiro & Ana Cláudia Maynardes (Universidade de Brasília, Brasil)

O objetivo desse ensaio é descrever o contexto de nascimento do Movimento Cultural Beradeiro. Que surge em Porto Velho/RO como reivindicação identitária da cultura ribeirinha local, fruto das migrações nordestinas que fugiram das grandes secas nos anos de 1879 e 1940 (Martinello, 2008) para os seringais da Amazônia Rondoniense. Para tanto, partiu-se da contextualização histórica da ocupação da região, e de uma análise do conceito de cultura de Roque Laraia (2001) e identidade de Stuart Hall (2016) para melhor compreensão da relação dos indivíduos com o local, os outros indivíduos e a memória dos antepassados. De acordo com Santana Junior (2019), *esignific* é o indivíduo que vive na beira, no caso local, esse indivíduo vive na beira do Rio Madeira e que no passado não era parte de uma elite econômica, política e nem intelectual. O termo servia para identificar essas pessoas de modo informal, porém pejorativo, relacionando a origem dos trabalhadores a algo ruim. O estudo aponta um crescimento de interesse acadêmico, artístico e econômico no tema da cultura beradeira no início da década de 90, quando começaram a surgir estudos culturais e grupos artísticos que se reapropriaram do termo pelo qual são chamados, a exemplo da Beradeira Companhia de Teatro; banda Beradelia; festivais de música como o Festival Beradeiro; a Noite Beradeira no Mercado Cultural da capital; restaurantes como o Béra Gastronomia, além da banda Quilomboclada, que é uma mistura dos termos Quilombo e Caboclada. Todo esse movimento segue no sentido de restabelecer as origens e valorização da cultura local. Tanto é que existe a intenção de criação de um local que reúna todas essas manifestações. O Movimento Cultural Beradeiro é a força dos caboclos e das caboclas nascidos na beira do Rio Madeira; criado por diversos indivíduos munidos de todas as diversidades que habitam esse território, capaz de ajudar a preservar conhecimentos tradicionais e criar ressonância naqueles que carregam em si as características necessárias para ser chamado de *esignific*. Gerando emancipação para o desenvolvimento das próprias potencialidades, além de promover desenvolvimento da cultura regional.

Palavras-chave: Cultura, Movimento Cultural, Beradeiro, Porto Velho

Resistências, dissidências e insurgências: a procura por marcos conceituais e metodológicos para um mapeamento

Carolina Maria Soares Lima, José Marcio Barros, Maria Clara Martins Rocha, Felipe de Oliveira & Lucia Lamounier (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil; Goldsmiths University of London, Reino Unido; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil)

Esta comunicação refere-se ao momento inicial da pesquisa em andamento do Grupo de Pesquisa Observatório da Diversidade Cultural (CNPq-Brasil), objetivando estabelecer marcos conceituais e metodológicos para o mapeamento de coletivos de arte, que expressam modos de resistência, dissidência e insurgência na conjuntura política brasileira.

A arte reorganiza frações do mundo já dado e reorienta para olhá-lo, por meio da construção de espaços e relações capazes de reconfigurar o material e o comum (Rancière, 2010). Por constituir uma experiência sensível compartilhada, a arte assumiria um caráter político: um modo de ser compartilhado que se opõe a outro modo de ser fundamentado, ausência de qualquer natureza de dominação e princípios de igualdade. Esse caráter político da arte se relaciona ao que Rancière (1996) apresenta como consenso e dissenso. O consenso é a supressão da política, já o dissenso é a possibilidade de compartilhar em comum a partir de diferentes pontos de vista. Assim, propõem-se caminhos para se alcançar o dissenso: 1) a dissidência; 2) a insurgência e; 3) a resistência. Estar fora de ordem, na des-ordem possui duas figuras fundamentais (Dunker, 2018). Pode-se dizer que a dissidência é aquela do agente está fora da ordem porque “saiu da ordem”. Estes que da ordem saem, o fazem por escolha e seu sofrimento se origina quando dentro da ordem. A segunda figura se refere àqueles que estão fora da ordem porque são desprovidos daquilo que é necessário para pertencer à ordem. O dissidente é aquele que deixa de participar de um grupo por não concordar com seus preceitos. Deixar de participar, é uma escolha racional, que se relaciona ao dissenso, ao ato de dissentir, com liberdade de escolher estar fora do grupo. Já a insurgência, finalmente, se refere a uma rebelião contra um poder estabelecido, não apenas se coloca fora da ordem como sistematicamente propõe algo contra ela. A resistência se refere àqueles da segunda figura, são marginalizados, excluídos da cidadania, desprovidos de uma existência válida no âmbito das validações sociais e/ou artísticas em que se inscrevem.

Pretende-se, então, apresentar aspectos conceituais e metodológicos para um mapeamento de práticas artísticas e culturais coletivas contemporâneas brasileiras que se configuram como caminhos propositivos de dissenso, seja na perspectiva da resistência, da dissidência ou da insurgência. A partir do mapeamento, serão sugeridas análises dos contextos de criação e publicação dos coletivos, além dos debates e narrativas que eles suscitam coletivamente.

Palavras-chave: Arte, Resistência, Dissenso, Insurgencia, Dissidência

Cultura, coletividade e resistência

Maria Helena Cunha (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Vivenciamos essa crise pandêmica, desde 2020, uma difícil experiência coletiva mundial, que nos trouxe a oportunidade de refletirmos sobre a necessidade de nos reinventarmos sob uma lógica mais colaborativa.

Não é uma mudança tão fácil. Dificulta-se ao pensarmos na educação sedimentada numa lógica competitiva e individualista, ou seja, “[...] a ideia de uma ajuda mútua de uma partilha ou de uma troca horizontal de saberes é por assim dizer, estranha à escola que herdamos.” (Mergy,2021). Para transformar a vida cotidiana mais comunitária e comprometida socialmente, a base está na junção entre educação e cultura e na possibilidade de atuarmos em colaboração, onde o indivíduo se faz, e só tem sentido, dentro da coletividade. Ailton Krenak (2020) diz que, “[...] quando eu percebo que

sozinho não faço a diferença, me abro para outras perspectivas. É dessa afetação pelos outros que pode sair uma outra compreensão sobre a vida na terra”.

Tais reflexões nos provocam a investigar as relações profissionais colaborativas, as formalizações de redes e criações em processos coletivizados, na busca de modos de produção que se baseiam na gestão participativa como forma de resistência e de posicionamento no mundo.

A experiência vivida coletivamente no período pandêmico e reconstruída sobre bases ainda incertas e emocionalmente frágeis, nos leva a perguntar: no campo da arte e da cultura, o que veio para ficar?

Buscamos respostas nas reflexões trazidas pelos documentos das agendas internacionais. A Declaração de Roma (2021), por exemplo, indica que a “[...] cultura é a base para relançar a prosperidade, a coesão social e o bem-estar das pessoas e comunidades”. Já a EICDS- Estratégia Iberoamericana para a Cultura e o Desenvolvimento Sustentável (2020) alerta sobre as transformações mundiais e impactos nas sociedades a “[...] pandemia mostra-nos a inexistência de fronteiras e traça uma realidade de interdependência muito ampla dentro de um mundo cada vez mais globalizado”. Coloca-se no debate atual sobre políticas públicas um reposicionamento sob abordagens mais transversais em âmbitos locais e internacionais a partir da centralidade da cultura.

Palavras-chave: cultura, educação, coletividade e resistência

Cultura, comunicação comunitária e educação popular: Famílias em Luta por moradia da população em situação de rua no Centro Antigo de Salvador

Patrícia Carla Smith Galvão & Gabriela Pires Queiroz Sodré (Universidade do Estado da Bahia)

É de um tempo, e de um campo próprio de sentidos, que nasce a ideia da habitação como direito e, de acordo com Peruzzo (2013), noções assim assemelhadas encontram-se frequentemente em processo de expansão, conforme as necessidades dos sujeitos e novidades dos tempos. O Decreto Presidencial nº 7.053/09 (Brasil, 2009) (Art. 1º, parágrafo único) considera População em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento. Em sua maioria, estas pessoas tiveram pouco acesso à educação escolar, são trabalhadores informais, catadores de recicláveis, carregadores, guardadores de carros, vendedores ambulantes, e vivem em condições de vulnerabilidade social. Não se trata apenas, todavia, de indivíduos mais pobres, mas aqueles que, em se fragilizando vínculos familiares e sociais, são expostos ao sofrimento físico e emocional pela severidade e risco do ambiente urbano (Galvão, 2021). Neste contexto, o grupo Famílias em Luta por Moradia se formou há mais de seis anos, em razão da luta pela habitação no centro da cidade de Salvador, Bahia. É composto sobretudo por mulheres negras, mães, avós, com trajetória de rua, mas também agrega e acompanha homens e mulheres, jovens e idosos, ainda em situação de rua no Centro Antigo e na Cidade Baixa de Salvador. Durante a pandemia, com o objetivo de manter a dinâmica e a proximidade entre seus participantes, em virtude do agravamento das dificuldades vivenciadas e da emergência de resolução de necessidades básicas, como alimentação diária, proteção física através

de uma moradia digna e segura, e cuidados de saúde (física e mental), e também buscando dar continuidade às atividades de formação e capacitação em curso, sua coordenação criou um grupo de whatsapp, com 52 participantes, através do qual passaram a realizar trocas diárias de mensagens: estava aberta, assim, a possibilidade para experimentarem e exercerem sua luta pela habitação, associando-a ao direito à comunicação, no sentido da livre expressão, organização e manifestação da sua causa sociopolítica. Visando acompanhar e apoiar este movimento, o projeto “Comunicação comunitária e educação popular: Famílias em Luta por moradia da População em Situação de Rua no Centro Antigo de Salvador” propôs e realizou uma pesquisa-ação (Thiollent, 1986), na perspectiva da Comunicação Comunitária relacionada à luta para a efetividade dos direitos (Peruzzo, 2013), buscando identificar, sistematizar e compreender formas de expressão (produção e recepção de mensagens) envolvidas na autoformação cidadã num grupo socialmente vulnerável. A partir da teoria dialógica da ação (Freire, 2020), além de terem sido realizados sete Círculos de cultura, por dois meses, as trocas de mensagens no grupo de whatsapp foram acompanhadas, revelando temas prioritários, imagens, abordagens e perspectivas, a serem apresentados neste escrito, que evidenciam visões de mundo, formas expressivas e conteúdos, em suma, aspectos da cultura que se voltam à consciência crítica, à reivindicação, e à potencialização do desejo/empenho na luta pela liberdade (Freire, 2020), para a mudança social (Nicodem, 2015).

Palavras-chave: cultura; comunicação comunitária e autoformação cidadã; movimentos sociais; população em situação ou com trajetória de rua; mudança social.

GT 2 Corpo, feminismo e resistência Sala de Atos do ICS

Sangue Serpente. Cultura menstrual como cultura de resistência

Rita Xavier (Universidade do Minho, Portugal)

O estigma do sangue menstrual tornou-se um tema quente na atualidade. Das práticas artísticas às holísticas, das reflexões e manifestos feministas e LGBTQIA+, às discussões e ações políticas, esta função biológica do corpo fértil pode ser interpretada, quase paradoxalmente, como sintoma e cura da sociedade contemporânea.

O ciclo de vida/morte/vida que atravessa o corpo com útero e que menstrua todos os meses, reúne-o com o mesmo ciclo fecundo da natureza, como um período que, na era do antropoceno, constitui a eterna promessa de regeneração.

Mas como pode hoje a consciência e o poder a partir e sobre o ciclo menstrual oferecer uma cultura de resistência? A análise brota na cadência de cada um dos diferentes estados deste ciclo - fase folicular, ovulação, fase lútea -, para chegarmos à menstruação aprendida na cultura de higienização do sangue desconfortável, (des)controlável e descartável, muito assente no pensamento dualista judaico-cristão. Em contraponto, propomos uma reflexão ecofeminista assente na nutrição, (re)conexão e regeneração

desse sangue que flui e na sua potência empoderadora da criatividade, sexualidade, produtividade e espiritualidade individual e coletiva.

Nestas fases, colhe-se o contributo de autores com diferentes entradas de conhecimento, desde a perspectiva antropológica de Chris Knights, com as investigações de Lara Owen, a visão arquetípica e psicanalítica de Clarissa Pinkola-Estés, ou a poesia e mediatismo de Rupi Kaur, sem descurar as práticas ritualísticas ancestrais, como a "benção do útero" e o "plantar da lua", resgatadas por autoras como a aclamada Miranda Gray e veiculadas por terapeutas por todo o mundo. Com todas elas, procuramos pensar o cuidado pelo corpo que sangra como forma de resistência gentil e profunda: a ideia de sangue serpente. Esse revestimento do útero que se decompõe a cada mês, a mesma mudança de pele da serpente libertada à medida que se despe e cresce no contacto com o chão selvagem da terra.

Palavras-chave: ciclo menstrual, culturas do cuidado, arquétipos femininos, sagrado feminino, arte e sangue menstrual

As filosofias feministas e o meio ambiente: os ecofeminismos

Idalina Sidoncha (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Quando falamos de culturas da resistência, imediatamente somos confrontados com a posição teórica de fundo postulada pelos diferentes feminismos. Este campo de estudo, por ser demasiado vasto, impossibilita uma qualquer leitura linear ou simplista que dele queiramos fazer. As múltiplas teorias existentes inviabilizam liminarmente a possibilidade de colocar num mesmo âmbito posições e perspectivas apresentadas sob o signo da heterodoxia, havendo, todavia, uma temática que perpassa todas estas teorias: a reflexão sobre a condição feminina.

É precisamente esta reflexão, associada à condição da natureza, que faz pressupor uma atitude de carácter reivindicativo, isto é, uma cultura de resistência, que procura denunciar, através da aproximação da condição da mulher e da natureza, o dualismo que perpassa a cultura ocidental e que encontra expressão na metáfora “do senhor e do escravo”, que procuraremos trazer à liça no contexto desta nossa apresentação.

Palavras-chave: Culturas da resistência, mulher, natureza, feminismos, ecofeminismos

Solidariedade feminista digital: uma análise do perfil "Brasileiras não se calam" no Instagram

Camila Florencio Santos (Universidade do Minho, Portugal)

Quando pensamos em imigração, muito se fala sobre as relações com o país de origem, situação laboral e condições sociais relacionadas com essa mudança. Pouco se fala, no entanto, sobre as questões de gênero, assumindo a migração masculina como um padrão universal. Ao assumir essa universalidade, ignoram-se as variáveis associadas à decisão

de mulheres que escolheram residir em outro país. O levantamento International Migrant Stock 2020, da Organização das Nações Unidas, revela que, em todo o mundo, existem 280.598.105 pessoas vivendo em países ou em áreas diferentes daqueles em que nasceu. Desse total, 134.942.261 são mulheres, o que representa cerca de 48% dessa população. Ou seja, se trata de um número expressivo de pessoas que escolhem viver em um país diferente do de origem. Dessa forma, a importância de pensar questões de gênero e feminismo na imigração não deve ser ignorada.

Em Portugal, segundo o levantamento População Estrangeira Residente em Portugal - Brasil, do Gabinete de Estratégia e Estudo do Governo de Portugal, em 2019, a comunidade brasileira representava o maior número de estrangeiros no país. No total 151.304 brasileiros vivem no país, sendo 86.158 mulheres. A partir desses dados, percebe-se que a maior fatia, 56%, é de imigrantes do sexo feminino.

Este número, porém, não indica necessariamente uma abertura da comunidade portuguesa para a presença desses imigrantes. O levantamento Experiências de Discriminação na Imigração em Portugal, realizado pela Casa do Brasil de Lisboa, afirma que, entre os respondentes, 86% de imigrantes já sofreram preconceito em Portugal. A pesquisa aponta ainda que, entre as mulheres, há um forte estereótipo que associa, de maneira pejorativa e violenta, mulheres brasileiras com a prostituição.

Como uma maneira de oferecer suporte digital e, também, realizar denúncias de casos de xenofobia sofridos por mulheres imigrantes, em 2020 (durante a pandemia de Covid-19) foi criado no Instagram o perfil “Brasileiras não se calam”. O perfil, administrado de maneira anônima, compartilha relatos enviados por vítimas em todo o mundo. Para compreender o seu impacto nos seguidores – em setembro de 2022, são mais de 59 mil pessoas – essa comunicação tem como pergunta de partida “Quais conversas são fomentadas pelas publicações realizadas pelo perfil ‘Brasileiras não se calam’ no Instagram?”. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a feminização da imigração e do conceito de solidariedade feminista, abordando interseccionalidade, sororidade e dororidade. Em seguida, foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória usando Análise de Conteúdo em publicações do perfil @brasileirasnaosecalam, relativas a Portugal, em novembro de 2021.

Nessa análise, foi possível perceber que a nacionalidade de origem se torna um importante elemento para criar conexão entre imigrantes que usam a internet para manter conexões com familiares e outras pessoas da mesma origem. Além disso, as conversas fomentadas pelo perfil têm, em sua grande maioria, teor de revolta com as situações relatadas – muitos desses comentários, inclusive, apresentam um teor agressivo. Por fim, percebe-se a importância desse espaço para união entre as pessoas que vivem as mesmas experiências enquanto imigrantes.

Palavras-chave: Feminismo, solidariedade feminista, gênero, ciberfeminismo

Uma visão da violência e dos corpos femininos no novo extremismo francês

Sara Calvete Lourenço (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha)

Na tradição fílmica do horror, é um gosto bem conhecido recriar com maior cruzeza a morte do personagem secundário ou com as actuações do elenco menos empático da

trama, que, afinal de contas, não passam de números de contagem de corpos. *Voltando à Madeira* (1986) ou ao *Trevo* (1993), é impossível compreender esta afirmação sem a ligar à engrenagem do castigo moralista e do voyeurismo catártico. A absorção pelos grandes estúdios da estética, enredos e personagens característicos deste novo horror dos finais dos anos setenta e da década que se seguiu levou a uma marcada mudança ética. A grande indústria estabeleceu novos padrões para a história e arquétipos, eliminando o sentido cáustico e radical da década anterior. A existência de um preconceito moral tradicionalista em subtexto desleal levará as personagens, especialmente no caso feminino, a uma morte desajeitada e morbidamente terrível. Isto será provocado por uma sexualidade inadequada de acordo com um conceito moralista conservador, por um corpo que não está em conformidade com a normatividade desejável ou outras causas estéticas ou ideológicas, ligadas a conceitos abertamente patriarcais. Com o tristemente famoso Código dos Fenos retirado do seu papel no cinema, muitos psicopatas da época não são mais do que assassinos contratados do cadáver do mesmo.

A irrupção nas últimas décadas de novas diretoras e outros imaginários de justiça irá gerar uma reevolução e abertura, quebrando a moralidade reaccionária prevalecente nas décadas anteriores. Um exemplo perfeito disto são as novas directoras sob o guarda-chuva do Novo Extremismo Francês. Um termo utilizado pela primeira vez pelo crítico James Quandt na revista *Artforum*, para englobar o novo universo cinematográfico produzido pelos realizadores franceses no início do século XXI.

Em *Titane* (Ducournau, 2021), o director propõe-nos um jogo como espectadores, absolvemos Alexia da violência exercida como auto-defesa. Posteriormente, este castelo de cartas que construímos com base na personagem irá desmoronar-se.

O mesmo acontece com Claire Denise ou Marina de Van, o explícito, a carne e o sangue, ligados ao corpo feminino, assim como os espaços comuns e públicos como lugares de terror sexual merecem uma menção especial, uma vez que a irrupção de novas narrativas propostas por directoras contemporâneas femininas.

Palavras-chave: Corpos, Femininos, Violência, Extremismo, Francês

GT 3 Novas tecnologias e cultura colaborativa Auditório Multimédia de Educação

Pesquisa Nacional sobre práticas em educação museal

Daniele Pereira Canedo & José Roberto Severino (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Esta apresentação é fruto dos trabalhos que têm como objetivo promover e difundir os princípios e as diretrizes estabelecidas pela Política Nacional de Educação Museal (PNEM) através da elaboração de um panorama geral das práticas educativas desenvolvidas pelas instituições museológicas brasileiras. A partir de uma abordagem que concilia métodos quantitativos e qualitativos, a pesquisa nacional vai gerar dados inéditos sobre as práticas de educação museal dos museus brasileiros, relacionando as informações obtidas com o que está preconizado na PNEM, de modo a permitir análises sobre lacunas e dificuldades na execução da Política. O projeto vai ser executado pelo OBEC Bahia-Observatório da

Economia Criativa da Bahia, grupo de pesquisas interinstitucional (UFRB/UFBA), através de um convênio celebrado com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

A Política Nacional de Educação Museal (PNEM) resulta de um processo participativo que mobilizou educadores e museus em todas as regiões do país. É constituída por cinco princípios e dezenove diretrizes organizadas em três eixos: Gestão; Profissionais, Formação e Pesquisa; Museus e Sociedade. A PNEM foi institucionalizada por meio da Portaria 422, de 30 de novembro de 2017 com o objetivo de estabelecer parâmetros e orientações para o desenvolvimento do trabalho em Educação Museal nas instituições museológicas e processos museais do Brasil. Durante o processo de elaboração da política foram criados diversos fóruns de discussão em âmbito virtual e presencial em torno dos temas: Perspectivas Conceitual; Gestão; Profissionais da Educação Museal; Formação, Capacitação e Qualificação; Redes e Parcerias; Estudos e Pesquisas; Acessibilidade; Sustentabilidade; Museus e Comunidade; Comunicação. Essa mobilização gerou 411 propostas e 355 destaques, que depois foram sistematizados e ao final convergiram para a definição dos princípios e diretrizes que integram a portaria.

O processo de construção da Política Nacional de Educação Museal- PNEM evidenciou a necessidade crescente de levantamento de dados específicos para a educação museal. Num primeiro momento, a existência de dados permitiria que as discussões que geraram os princípios e diretrizes da política estivessem assentados em referenciais que manifestam a realidade do campo da educação museal. A necessidade persiste, uma vez que a ausência de informações mais organizadas sobre o campo não permite, até o momento, o estabelecimento de parâmetros para verificação do impacto e a adesão às proposições da PNEM. As informações coletadas a partir dessa pesquisa servirão como fundamento para a construção e manutenção de programas, projetos e ações voltados ao acompanhamento, promoção, incentivo e orientação do campo da Educação Museal no Brasil.

Palavras-chave: Educação em museus, diversidade, cultura

Novas tecnologias, cultura e comunicação: O caso do Museu Virtual da Lusofonia

Tatiane Oliveira (Universidade do Minho, Portugal)

As novas tecnologias de comunicação exerceram implicações amplas para a produção, a disseminação e a receção da arte. Neste contexto, têm sido reveladas novas práticas, em que projetos de exposição realizam convergências entre o digital e a prática espacial, gerando novas formas de comunicação entre os museus e os seus públicos (Drotner, Dziekan, Parry & Schroder, 2019). Recorrendo a ferramentas como sites, aplicações móveis, média sociais e realidades virtuais e/ou aumentadas, os museus vêm propondo experiências de visita aprimoradas, com o objetivo de melhor impactar as suas audiências. Fazem-no através de coleções e exposições mais interessantes e interativas, melhores serviços e maior aposta no design de galerias. No caso específico dos média sociais, as novas tecnologias também facilitam uma experiência cultural participativa, permitindo que os museus mantenham um diálogo cultural, e em tempo real, com os seus públicos (Russo, Watkins, Kelly & Chan, 2008).

Observando estas novas práticas de comunicação entre os museus e os seus públicos, analisamos o caso do Museu Virtual da Lusofonia (MVL). O Museu foi criado em 2017,

como uma plataforma de cooperação acadêmica em ciência, ensino e artes, no espaço dos países de língua portuguesa e das suas diásporas. À luz de uma perspectiva pós-colonial, o MVL pretende convocar a importância da memória nas experiências e relações entre os países e, assim, reunir, num esforço comum, universidades com projetos de investigação e de ensino pós-graduado, associações culturais e artísticas e todos os interessados na construção de uma comunidade lusófona (Martins, 2017, pp. 46-47).

O objetivo deste trabalho é apresentar as transformações ocorridas no Museu Virtual da Lusofonia, proporcionadas pelas novas tecnologias. A partir de uma investigação da organização cultural, mostra-se que esta lançou a sua comunicação estratégica com a finalidade de promover o diálogo intercultural e a participação ativa da comunidade lusófona nas suas atividades. Ao qual se acrescenta o incrementar da difusão do acervo e do seu conjunto de atividades, através dos canais digitais. O propósito foi o de tornar possível a amplificação do conhecimento para um maior número de pessoas, reproduzindo a pluralidade dos países da Língua Portuguesa, das produções artísticas e científicas, de forma humanizada, com respeito às múltiplas culturas.

Palavras-chave: novas tecnologias de comunicação, comunicação estratégica, cultura

Partilha entre leitores: uma nova hermenêutica no ciberespaço

Ivanilde de Lima Barros & Patrícia Nakagome (Universidade Federal de Roraima, Brasil)

Em rearranjos mais contemporâneos de recepção, carecemos de um olhar sobre o leitor a partir de uma reflexão que dispa a leitura das auras de atividade engendrada apenas por prazer ou fruição, gerando uma visão romantizada, ou um enfoque em ideologias que estariam dissimuladas do/no texto. No que chamamos, a partir de Pierre Lévy (1999), de ciberespaço, os leitores, sobretudo os mais jovens, encontram nas mídias e redes sociais um universo de viabilidades que os coloca em contato mais direto com outros leitores, textos e autores. Desse ambiente “virtual” destacam-se as leituras de curadores literários que ganham a alcunha da rede que utilizam, como no caso do YouTube™, com os booktubers. Seleccionamos para este estudo as booktubers Tatiana Feltrin e Bel Rodrigues a fim de, por meio da metodologia da Análise de Conteúdo, observarmos nos vídeos e nos comentários de leitores, em sua temática, linguagem, apontamentos, como (re)produzem e como percebem aquilo que se (re)produz sobre literatura no ciberespaço, criando ligações e senso de comunidade entre leitores, e entre leitor e livro. As booktubers seleccionadas estão entre as cinco maiores, em número de seguidores, no Brasil e divergem quanto às abordagens de leitoras e curadoras, sobretudo no conteúdo e na linguagem, frequentemente pautando de forma dessemelhante alguns livros em comum, além de voltarem-se a um grupo diferenciado de obras literárias. Como corpus, entretanto, elegemos dois vídeos, um de cada booktuber, nos quais ambas falam sobre livros que consideram clássicos da literatura universal, apontando suas preferências. Os comentários dos leitores serão trazidos tendo como critério serem do mesmo ano da publicação do vídeo e conterem falas de concordância e de discordância com o que as curadoras apresentam sobre os livros, quanto à instância do texto. Analisamos, neste trabalho, a forma como os booktubers, em suas curadorias, reconfiguram percepções sobre a leitura. Também buscamos compreender em que medida tecem com seus

seguidores uma hermenêutica desvincilhada dos moldes tradicionais dos estudos literários e desenlaçada das argumentações dos estudos sociológicos cunhados pela teoria crítica, duas faces de uma mesma moeda forjada nos bancos da academia. Se na sua origem a curadoria cunhada por booktubers era facilmente combatida por sua indiferença aos valores canônicos e pela não disseminação das pautas sobre identidade e cultura que frequentemente se constituem mais em ensaios sociológicos do que propriamente em leituras literárias, a afinidade entre leitores e curadores, na atualidade, instaura um senso de comunidade que acaba por retroalimentar, na sua fulcral interação, as bases de uma curadoria dinâmica e lúdica que reverbera na forma como a leitura é fomentada: sem as amarras das ponderações austeras dos literatos e sociólogos da literatura, e sem, ainda assim, constituírem-se em respostas excepcionais aos outros modos de percepção, antes, apresentarem-se como reconfiguração de uma partilha. Nessa perspectiva, nossas reflexões dialogam com Jacques Rancière (2005; 2012), Hans-Ulrich Obrist (2014), Ricardo Piglia (2006), Laurence Bardin (2016), entre outros.

Palavras-chave: Literatura, Leitor, Curadoria, Hermenêutica, Ciberespaço

A insignificância do aspecto cultural das experiências de realidade virtual

Rocío del Pilar Sosa Fernández, Enrique Castelló Mayo & Roi Mendez Fernández
(Universidade de Santiago de Compostela, Espanha)

As novas tecnologias estão presentes em todas as áreas do ser humano e a sua constante incursão no nosso modo de vida leva-nos a adaptar-nos à constante actualização, se não quisermos cair na obsolescência. O interesse em analisar tecnologias como a realidade virtual aumentou ao longo dos anos e reflecte-se no aumento das publicações científicas em várias bases de dados como a Web of Science ou Scopus. As vantagens da sua utilização no ambiente universitário incluem a sua utilidade como complemento da formação, como dinamizador de aulas, bem como para melhorar as competências em ambientes de aprendizagem mais informais (Cardwell *et al.*, 2017; Chaturvedi *et al.*, 2012; Moro *et al.*, 2017). Os estudos dos últimos anos concentram-se em analisar aspectos tais como: vantagens e limitações da utilização da realidade virtual em diferentes ambientes académicos, níveis de educação ou contextos pessoais. No entanto, este turbilhão de publicações diminuiu abruptamente se se procurar incluir a percepção cultural dos utilizadores na análise. Por conseguinte, pretende-se abrir o debate para novas abordagens, para além da simples utilização da análise da utilização da realidade virtual no ambiente universitário. É necessário chamar a atenção para a falta de consideração do papel étnico dos participantes nas experiências. Contudo, há poucos exemplos que incluem a etnicidade, o que enriquece os resultados dos estudos e permite uma compreensão mais abrangente das implicações da utilização da realidade virtual a nível universitário. É inegável que a forma de perceber o mundo, de o compreender e a bagagem cultural que cada pessoa transporta poderia ser um factor influente na forma como utilizamos a tecnologia, razão pela qual analisar a sua inclusão nos estudos permitiria uma interpretação correcta dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Perspectiva cultural, realidade virtual, experiências do usuário

As estratégias interpretativas na criação de fanfics sobre a série brasileira *As Five*

Daiana Sigiliano & Gabriela Borges (Universidade Federal de Juíz de Fora, Brasil)

Esta comunicação tem como objetivo analisar as estratégias interpretativas adotadas pelos fãs no desenvolvimento de fanfics sobre a série brasileira *As Five* (Globoplay, 2021 - atual). Produzida pelo serviço on demand Globoplay a trama é um spin-off da telenovela *Malhação: Viva a Diferença* (TV Globo, 2017 - 2018). A história é protagonizada por Keyla, Ellen, Lica, Tina e Benê, que se reencontram após seis anos sem se verem. As personagens estão no começo da vida adulta e enfrentam conflitos comuns à Geração Z. Entre os temas abordados no spin-off estão o feminismo, o preconceito, a xenofobia, o capacitismo e a maternidade solo. No Brasil, a trama mobilizou o público, em sua maioria jovens de 18 a 24 anos, em diversas práticas da cultura de fãs tais como podcasts, fanarts, vídeos on crack, etc (Sigiliano; Borges, 2021a; 2021b). Jenkins (2012; 2015) pontua que a produção e o consumo de fanfics abarcam dois modos de leitura: a crítica e a criativa. A leitura crítica está relacionada não só com a familiaridade que o fã tem do universo ficcional em questão, sendo capaz de identificar lacunas, incoerências e potencialidades narrativas, mas com o repertório midiático do público. A leitura criativa refere-se à capacidade dos fãs de engendrar novas camadas interpretativas da história, explorando diferentes formatos, gêneros e perspectivas. É a partir deste estímulo a compreensão crítica e a produção criativa dos fãs que a fanfic se insere nos estudos sobre a literacia midiática (Korobkova; Black, 2014; Guerrero-Pico, 2022). Ao criar e consumir fanfics, os fãs desenvolvem habilidades relacionadas, por exemplo, à construção de uma narrativa, ao questionamento de padrões e estereótipos, ao modo como o perfil dos personagens é desenvolvido. (Thomas; 2007; Jamison, 2017; Jenkins, 2012). De acordo com Jenkins (2015), o processo criativo dos fãs no desenvolvimento de uma fanfic é pautado por dez estratégias interpretativas. São elas: a recontextualização, a dilatação da linha temporal, a refocalização, o realinhamento moral, a variação de gênero, o crossover, o deslocamento de personagem, a personalização, o reforço emocional e a erotização. A partir deste contexto, realizamos um levantamento na principal plataforma de fanfics do Brasil, o Spirit Fanfiction, das histórias criadas por fãs com base no universo ficcional de *As Five*. A filtragem foi realizada de acordo com as especificidades da arquitetura operacional do site, abrangendo todas as tramas com a indexação/categoria “As Five”. Ao todo foram identificadas 90 fanfics publicadas entre janeiro de 2020 e agosto de 2022, abrangendo o período de pré-produção e exibição da primeira temporada e as gravações da segunda e terceira temporadas, respectivamente. Após a sistematização dos dados no software Atlas.it e a análise das fanfics a partir da proposta teórico-metodológica de Jenkins (2015), conclui-se que as estratégias interpretativas do fandom de *As Five* são norteadas pela refocalização, o reforço emocional e a erotização. Desta forma, as fanfics abordam questões relacionadas a população LGBTQIA+, aprofundando as motivações pessoais dos personagens e o teor sexual das histórias.

Palavras-Chave: Cultura de Fãs, Fanfic, Literacia Midiática, *As Five*

A Arte Escultórica Makonde moçambicana e o seu legado na contemporaneidade artística de Reinata Sadimba: aproximações possíveis com a Lei 10.639/03

Evelyn Magalhães Oliveira (UNICAMP, Brasil)

O projeto tem como objetivo compreender alguns aspectos antropológicos e etnoculturais acerca do Povo Makonde de Moçambique – África, e investigar a produção estética de sua arte escultórica e o legado dessa arte na contemporaneidade artística de Reinata Sadimba, ceramista Makonde mais prestigiada de Moçambique e uma das mais importantes do continente africano.

A Escultura Makonde, é o símbolo de resistência contra o período da opressão colonial portuguesa, pois ela ajudou a financiar a luta pela Independência de Moçambique e sua originalidade contribuiu para o Movimento Nacionalista do país. Reinata simboliza o progresso, representa a passagem e a junção da tradição e da contemporaneidade da cultura de Moçambique e dos Makonde, articula de forma inovadora os períodos artísticos, do passado e do presente.

Alicerçados na Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira", buscaremos analisar se há aproximações possíveis no que diz respeito à Arte do Continente Africano nos diferentes níveis de ensino, a fim de enriquecer e disseminar uma arte decolonial e singular para além das relações étnico-raciais, de modo a ressignificar elementos da cultura africana na educação do Brasil.

A pesquisa será feita a partir de levantamentos bibliográficos de pesquisadores, como: Margot e Jorge Dias, Gianfranco Gandolfo e Lia Laranjeira; filmes como de: Catarina Alves Costa e Licínio Azevedo; de historiadores da arte negro-africana, como: Kabengele Munanga, Mesquitela Lima, Frank Willett e Sally Price; de estudiosos da Arte Makonde, como: Margot Dias, Roger Fouquer e Ricardo T. Duarte; além de análises de obras escultóricas de etnia Makonde e da escultora Reinata Sadimba em catálogos de exposições de arte, em websites de museus e galerias moçambicanas e internacionais.

Palavras-chave: Escultura Makonde, Reinata Sadimba, lei 10.639/03, Educação, Arte Moçambicana

A hermenêutica como caminho metodológico para o estudo da “portugalidade”

Vítor de Sousa (Universidade do Minho, Portugal)

O desenvolvimento de uma metodologia, no quadro de uma investigação científica, pressupõe um bom conhecimento do campo onde ela é desenvolvida. No caso particular das Ciências Sociais e Humanas, não é muito frequente a utilização de uma única metodologia, mas de metodologias compósitas. Sendo que, com a investigação, não se atinge um resultado, mas uma metodologia, como assinala Gonçalo M. Tavares (2006). Em problemáticas complexas e datadas – como é o caso da “portugalidade” -, a hermenêutica interpretativa revela-se uma boa proposta a seguir (Ricœur, 1978; 2013). Pressupõe leituras exaustivas, comparações e desenvolvimento de eventuais novas teorias delas resultantes, para além de convocar outro tipo de interpretações do mundo.

O pós-colonialismo, apesar de ter as suas debilidades, constituiu um momento para pulverizar categorias anteriormente consideradas canónicas. Deixar de considerar as diferenças entre histórias coloniais e processos de colonização, pode significar que, quando menos se espera, o colonialismo pode estar a falar em nome de um pós-colonialismo crítico, descentrado e nãohegemónico (Ferreira, 2007). A apropriação de uma metalinguagem crítica e historicamente descontextualizada, mesmo quando feita com a melhor das intenções, acarreta riscos teóricos consideráveis, como o de voluntariamente perpetuar a um outro nível a relação colonial que se pretende abolir (Pereira, 2017). A descolonização do conhecimento permitiu dar passos em frente, apesar de desestabilizar o mundo social que, não sendo reificado, não poderá gerar ele-próprio conhecimento reificado. Sendo um tema que já está na agenda académica há alguns anos (Hicks, 2020), utilizá-lo em relação à História, como sustenta Isabel Castro Henriques (2020), permite libertar esta área do conhecimento dos valores fundamentais da dominação. O que vai além da descolonização da linguagem das grandes narrativas europeias, com vista à descolonização dos povos (Ribeiro, 2016). Esta proposta assenta numa prática contra-hegemónica, desenvolvendo-se numa lógica póscolonial: na língua, na história e na memória. Pensar sobre a realidade e contextualizar acontecimentos, tendo presente que a História não é linear mas retrospectiva (Hegel, 2008), permitirá consubstanciar essa descolonização do conhecimento. Nesta comunicação, apresentamos a “portugalidade” como caso prático de uma metodologia assente, fundamentalmente, na hermenêutica.

Palavras-chave: metodologia, hermenêutica, métodos qualitativos, ciência aplicada vs Ciências Sociais e Humanas

Moçambique – 1978-2018 – 40 anos da cultura: mitos, utopias e polissemia da nação

José Martins Mapera (Universidade de Licungo, Moçambique)

Georges Eugène Sorel estabelece diferenças nítidas entre mito e utopia. Na sua concepção, utopia é uma criação do espírito, racionalista, abstracta, violentando a complexidade do real. Ao contrário, o mito configura um complexo de imagens, capazes de evocar em bloco, apenas pela instituição, antes de qualquer análise reflectida, instintivamente, a massa dos sentimentos que acompanham as contradições travadas pelo proletariado contra a sociedade moderna. Aqui, salienta-se um duplo mérito para o mito: o poder de agir sobre o presente, assim como o de unificar um dado grupo social. Estas duas visões sobre dois conceitos importantes para este ensaio fazem-me desenhar posição oposta, corroborando com a filosofia de Walter Benjamim, face aos sonhos do colectivo, que separa a utopia do mito, um pensamento crítico que coexiste, graças a esta separação. No contexto da construção dos nossos sonhos, a principal utopia que deflui da sociedade reside na consagração dos festivais nacionais da cultura como pontes através das quais se pode alcançar a cultura-nação, num país caracterizado pela polissemia do conceito de nação, enquanto instituição desfasada pela diversidade étnica, linguística e cultural. Por isso, quarenta anos depois da instituição dos Festivais Nacionais da Cultura em Moçambique, pretende-se questionar os processos de construção do imaginário colectivo, sabendo que o homem não constitui em si mesmo uma dualidade

de práticas e manifestações de ser e estar, de fazer e construir o seu próprio modo de vida.

Palavras-chave: Cultura, Mito, Utopia, Polissemia da Nação, Imaginário Colectivo

Um breve relato sobre o protagonismo das mulheres nos circuitos do patrimônio cultural na Bahia

José Roberto Severino & Ilda Jaqueline Fraga (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Esta apresentação é fruto dos trabalhos realizados no âmbito de uma rede de pesquisadores que têm como objetivo apresentar uma pesquisa realizada sobre o patrimônio cultural imaterial em seu amplo espectro articulado aos debates do campo novas demandas e agendas sociais. Nos últimos anos merecem atenção, as ativações de bens e valores culturais imateriais a partir de uma visão matrifocal, devido o papel das mulheres enquanto sujeitos de direitos e produtoras culturais. Sob inúmeras formas de ativismos femininos a categoria *pci*, emerge como vetor de desenvolvimento e afirmação de identidades indispensável para a sobrevivência das comunidades da Latino América e Caribe.

Na mesma medida, esses coletivos estendem uma crítica a prevalência androcêntrica das políticas de salvaguarda concentrando as agendas em torno da equidade social e de gênero, como temas a serem levados em conta pelas iniciativas de preservação e fomento cultural. As mobilizações buscam superar as lógicas discriminatórias que culturalmente contribuem para limitar a representatividade das mulheres nos debates pela cidadania cultural de seus grupos de origem, na tentativa de reduzir a falta do acesso aos bens e serviços públicos.

As lideranças femininas em prol dos direitos à fruição e a produção cultural, interpelam cada vez mais o Estado e as demais organizações da sociedade civil, para a urgência de políticas sensíveis às necessidades, tanto econômicas quanto socioculturais, dos grupos de detentoras e suas comunidades, condições agravadas pela covid-19.

Sensível a questão que atinge grande parte das mulheres e sociedades da latino américa, a comunicação pretende levantar reflexões com base em experiências de protagonismos femininos pela defesa do repertório cultural e humano de regiões periféricas das cidades e das lutas pela qualificação da vida e dos recursos estruturais (educação, saneamento básico, preservação ambiental, empreendedorismo, etc), em contextos urbanos estigmatizados pela desigualdade social.

Toma como referência o Instituto Oyá, criado a partir da liderança de mulheres negras ialorixás, do terreiro de candomblé Ileaxé OyÁ, multiplicadoras de expressões e modos de vida que reverberam em projetos de organização comunitária, em um bairro da periferia de Salvador – Bairro Pirajá, Bahia/Brasil. O Instituto está entre os muitos empreendimentos existentes no país ativadores da história e da identidade afrodescendente. Através do estudo de caso explicitamos uma cartografia dos afetos e sensibilidades marcadas por uma pedagogia de bem viver, próprio dos povos da diáspora africana, apreendida como patrimônio cultural imaterial.

Assentados numa pedagogia ancestral, os projetos do Instituto Oyá configuram circuitos culturais imbricados à cosmovisão e às redes de solidariedade étnica. Os mesmos resistem em meio à violência, a precarização das periferias, o racismo estrutural e as

intolerâncias à diversidade. Ao considerarmos a pauta como prioritária para a elaboração de medidas de salvaguarda discorreremos inicialmente, sobre às discussões contemporâneas em torno da equidade de gênero no campo do patrimônio e os retos que sugerem à gestão do *pci*.

Em seguida, apresenta-se o contexto histórico no qual as origens do território analisado se constituí, conectado à protagonismos femininos desde a sua formação. Posteriormente analisamos, desde uma perspectiva reflexiva multidimensional e algumas variáveis levantadas, as propostas desenvolvidas pelo Instituto em suas relações com o Estado, instituições e agentes sociais discorrendo sobre os impactos, avances e necessidades, no sentido de contribuir para recomendações sob este enfoque de gênero.

Palavras-chave: Educação em museus, diversidade, cultura

Terça-feira, 6 dezembro 2022

Sessões Paralelas 2

GT 1 Jornalismo, (in)visibilidades e ativismos

Sala de Atos do ICS

De um jornalismo em fugas ao jornalismo em fuga – o jornalismo de investigação entre captura e resistência

Luís M. Loureiro (Universidade do Minho, Portugal)

Apesar de lhe apontar nuances formais como a escala (Sambrook, 2016), a relação específica entre fontes e jornalistas (Landert & Miscione, 2017; Woodall, 2018), a relação entre as grandes quantidades de dados, as tecnologias de informação e as metodologias do jornalismo de investigação (Sambrook, 2016, 2018; Hume & Abbott, 2017) ou o modo como informadores e informação são enquadrados pela opinião pública no seio da comunicação política (Touchton *et al*, 2020), a academia tem extraído, essencialmente, de casos consecutivos como os das revelações da WikiLeaks (2007-2012), de Edward Snowden (2013), dos Panama Papers (2016) ou dos Pandora Papers (2019), uma noção de continuidade processual e histórica, associando-os como um fluxo de acontecimentos que reflete uma lógica de continuidade evolutiva do jornalismo de investigação e da sua relação com os ambientes técnicos e com os enquadramentos económicos da atividade jornalística. Se a primeira década do milénio terminou sob o signo da crise financeira e dos mercados, com a conseqüente ameaça sobre o jornalismo de investigação (Marsh, 2013), a segunda parece ter significado o ressurgimento, marcado nos anos mais recentes pelas lógicas colaborativas e pelos coletivos transnacionais (Sambrook, 2018).

A perspetiva crítica que pretendemos desenvolver interroga radicalmente esta noção de continuidade, argumentando que, partindo de antecedentes como o da narrativa das armas de destruição massiva com que foi politicamente justificada a invasão do Iraque (2003), os casos WikiLeaks e Snowden inauguraram uma fase propriamente digital da information warfare, guerra informacional global cuja vítima, ou o seu mais conceituado quão inapercebido prisioneiro, é hoje o jornalismo de investigação – onde jornalistas devêm ativistas, soldados informacionais mobilizados para o campo de batalha.

Para sustentarmos a perspectiva proposta, cruzaremos a produção jornalística da última década com informação especificamente relacionada com os desenvolvimentos mais recentes da economia política do jornalismo de investigação.

Palavras-chave: jornalismo de investigação, guerra informacional, advocacy journalism, comunicação política, ética

Pense na Lagosta: debates sobre ética e ativismo no jornalismo ambiental

Camila Kieling (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil)

A reportagem *Pense na lagosta* (*Consider the lobster*, no idioma original) foi escrita, sob encomenda, pelo jornalista norte-americano David Foster Wallace (1962-2008) para a renomada revista *Gourmet*, do grupo Condé Nast, e publicada em agosto de 2004. Foi traduzida no Brasil em uma coletânea de textos do autor intitulada *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo* (2012). A reportagem tem como ponto de partida a experiência pessoal do repórter no Festival de Lagosta do Maine, no noroeste dos Estados Unidos, evento que se repete anualmente. Entre impressões pessoais, descrições pormenorizadas e revelações sobre os bastidores da apuração, elementos característicos do estilo do autor, Wallace questiona: “É certo ferver uma criatura senciente para nosso mero prazer gustativo?” (2012, p. 246).

Apresentamos uma análise discursiva do texto (Van Dijk, 2005), procurando localizá-lo entre parâmetros teóricos daquilo que se compreende, na atualidade, como jornalismo ambiental: (1) Ênfase na contextualização; (2) Pluralidade de vozes; (3) Assimilação do saber ambiental; (4) Cobertura sistêmica e próxima da realidade do leitor; (5) Comprometimento com a qualificação da informação e (6) Responsabilidade com a mudança de pensamento (Loose & Girardi, 2017). Ainda que a reportagem não tenha circulado sob a categorização de “jornalismo ambiental”, entendemos que o texto se presta ao tensionamento proposto, contribuindo para uma reflexão ampliada do gênero, tendo em vista que as questões contemporâneas relativas ao meio ambiente se relacionam com uma noção de cidadania global, na qual a sustentabilidade emerge como um novo valor (Veiga, 2019).

Nesse sentido, entendemos que a reportagem, ao percorrer dimensões históricas, econômicas, culturais, neurológicas, bioéticas e filosóficas acerca do ato de comer lagostas evidencia aspectos essenciais para a compreensão sobre a comunicação ambiental na atualidade: a moral, a ética e o ativismo. Ainda que as conclusões de Wallace sejam consideradas por alguns como amostra do conservadorismo do autor (Santel, 2014), vemos que, para além das respostas, são as perguntas tidas como “inconvenientes” e enfrentadas pelo autor que podem abrir brechas para um diálogo sobre os incontornáveis problemas ambientais da atualidade e o papel do jornalismo na mediação dessas questões.

Palavras-chave: jornalismo ambiental, ativismo, alimentação, cultura, lagosta

Ativismo climático jovem na televisão portuguesa: uma análise exploratória de formas de (in)visibilidade

Tânia Santos, Mehmet Ali Uzelgun & Anabela Carvalho (Universidade Nova de Lisboa e Universidade do Minho, Portugal)

Os media tradicionais tendem a privilegiar um discurso hegemónico de como lidar com as alterações climáticas, oferecendo pouco espaço às propostas da sociedade civil (Horta, Carvalho & Schmidt, 2017). Contudo, o movimento climático jovem, como a greve estudantil - uma iniciativa global que teve expressão significativa em Portugal - tem oferecido uma oportunidade de pluralizar e aprofundar o debate na esfera pública. A investigação em outros contextos geográficos mostra que os media reforçaram a questão intergeracional do movimento, por vezes promovendo visões “idadistas” que retiram legitimidade dos jovens como atores políticos (e.g. Bergmann & Ossewaarde, 2020). Este trabalho visa explorar a forma o movimento climático jovem é apresentado no contexto mediático português, focando em particular na representação televisiva - que apesar de menos explorado pela investigação, é o meio mais consumido pelo público português em geral.

Este estudo visa perceber de que forma o movimento climático estudantil foi representado em três canais de acesso aberto (RTP1, SIC e TVI) e nos programas noticiosos em horário nobre em Portugal entre 2018 e 2021. O estudo tem três grandes objetivos: 1) explorar de que forma os três canais apresentam diferenças na sua cobertura; 2) perceber de que forma a apresentação mediática terá mudado ao longo do tempo e 3) perceber a forma como a tensão local-global é construída, moldando formas mais superficiais ou aprofundadas de discussão de alternativas políticas.

Selecionaram-se 230 vídeos de notícias “prime time” entre 2018-2021 onde o movimento climático jovem era referido. Realizou-se uma análise de conteúdo em que foram constituídas várias categorias estruturais associadas a uma maior ou menor visibilidade e legitimidade do movimento climático jovem na esfera televisiva. Essas categorias são: 1) o tipo de notícia televisiva (e.g. reportagem, notícia, comentário); 2) o local da notícia (dentro do país, no estrangeiro ou ambos); 3) presença de jovens ativistas (em primeira voz ou só imagem); 4) presença da polícia/confronto e 5) momentos de interação entre os jovens ativistas e representantes governamentais. Posteriormente, realizou-se a contagem de frequências e analisaram-se as diferenças em relação ao ano, canal e local da notícia. Também se realizou uma análise de conteúdo argumentativo de modo a explorar as principais reivindicações apresentadas – tanto pelos próprios ativistas como reportadas pelo pivot.

Os resultados mostram algumas diferenças na forma como cada canal fez a cobertura do movimento climático jovem, bem como transformações ao longo dos anos. Os resultados também apontam para diferenças na forma como as notícias reportam o movimento climático na arena internacional e nacional. De forma geral, apesar da grande visibilidade mediática – e.g. 68% das notícias tinham jovens ativistas em primeira voz, principalmente a de Greta Thunberg –, houve pouco espaço para aprofundar as reivindicações do movimento, em especial, nas notícias nacionais. Esta invisibilidade e falta de aprofundamento condicionam práticas democráticas e de cidadania, essenciais para lidar com os desafios das alterações climáticas.

Palavras-chave: alterações climáticas, ativismo climático jovem, análise de televisão, visibilidade mediática

Primeiras impressões do jornalismo de marca na Bahia: Análise do Estúdio Correio

Michelle Matos Rubim & Adriano Sampaio (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

A comunicação tem como interesse discutir a utilização do jornalismo de marca, *brand journalism*, na Bahia a partir de um veículo noticioso tradicional, o Estúdio Correio*, núcleo do Correio24horas. Sabemos que o jornalismo enquanto tipo de discurso cumpre relevante papel no âmbito da discussão pública no campo social. Em virtude dessa característica, buscamos refletir sobre de que maneira essa relação do discurso jornalístico com o domínio da comunicação estratégica pode vir a fragilizar o seu papel social. Este estudo exploratório examina a conceitualização do jornalismo de marca a partir da análise do jornal baiano, o Correio* e, para tanto, foram observadas as implicações do uso de técnicas do marketing de conteúdo em disputa com os atributos do gênero jornalístico nesse mesmo jornal. A composição do corpus compreende matérias da editoria de educação, do Correio*, dos primeiros seis meses de 2018, ano de lançamento do jornalismo de marca nesse suporte, além de um breve comparativo com as matérias produzidas no ano de 2022. Os resultados preliminares da pesquisa demonstram que as matérias do núcleo de jornalismo de marca se assemelham, quanto à sua enunciação, àquelas produzidas pelo veículo em editorias mais tradicionais, e, em muitos casos, não há um claro direcionamento ao leitor do jornal que possibilite desassocia-lo de um conteúdo patrocinado. Essa constatação traz uma reflexão sobre os limites do ethos jornalístico, enquanto discurso social, e sua tênue relação com o domínio mercadológico.

Palavras-chave: jornalismo de marca, ethos jornalístico, perspectiva social

Distorção da palavra e resistência pela palavra: o ataque a Julián Fuks

Patricia Nakagome (Universidade de Brasília, Brasil)

Julián Fuks, autor de livros como o premiado *A resistência* (2015), sofreu recentemente ameaças de morte após ter publicado em sua coluna semanal o texto “Precisa-se de terrorista, capaz de um ato sutil que transforme a história” (UOL, 27/08/2022). A chamada ao terrorismo é já suavizada no título e tem sua forma tradicional negada na primeira linha do artigo: “Não desses violentos, nunca desses intolerantes e truculentos, jamais desses sanguinários e grosseiros”. Apesar dessa negação explícita, pessoas violentas, intolerantes e truculentas, incluindo um filho do atual presidente do Brasil, passam a atacar o escritor nas redes sociais, descontextualizando o artigo de modo a generalizar uma suposta incitação à violência por parte da esquerda. Nesta comunicação, realizamos uma análise desse episódio, que se mostra emblemático para entender o modo como o ataque à democracia e à cultura é perpetrado no país, valendo-se, paradoxalmente, de um discurso que visa a defender a própria democracia e cultura, tomadas, porém, num sentido bastante restritivo e distorcido. Para tanto, fazemos uma discussão do citado texto de Julián Fuks à luz de suas outras publicações semanais e romances, nas quais rastreamos um modo ao mesmo tempo suave e incisivo de se posicionar contrariamente às diversas formas de violência. No caso do escritor, fica evidente o quanto sua vida é marcada, desde o nascimento, pela resistência à opressão,

já que é filho de argentinos exilados, que deixam o país e vão ao Brasil por conta de perseguição política. Nos romances, esse passado é retratado com vistas a pensar possibilidade de intervenção no presente, a qual ganha contornos mais sutis em suas publicações semanais. Nas colunas, temos acesso à feição privada do escritor, com sua visão realista e delicada das amizades, da família e do cotidiano. A partir da discussão dessas fontes, discutiremos em que medida a resistência é feita por ações mais potentes, voltadas ao campo mais amplo da política, e também mais suaves, no meio doméstico, com ressonâncias que extrapolam os limites da casa. Analisamos essas duas instâncias, a pública e a privada, para mostrar como ambas podem fornecer instrumentos para a resistência. Afinal, quando a realidade oferece a violência gratuita, mobilizada, como no caso de Julián, pela distorção da palavra alheia, buscamos, na palavra literária, formas variadas para seguir lutando pela democracia. Como embasamento dessa reivindicação, nosso trabalho se ampara especialmente na obra de Jacques Rancière (2014, 2018), com suas reflexões sobre os impasses da democracia e a oposição entre política e polícia.

Palavras-chave: Literatura, resistência, ódio, Julián Fuks.

GT 2 Cultura, redes e movimentos feministas Sala de Reuniões do ICS

Movimento feminista como forma de resistência à cultura hegemónica: entre as redes e as ruas

Celia Silva, Carla Cerqueira & Ana Sofia Pereira (Universidade do Minho; Universidade Lusófona, Portugal)

São diversos os estudos que se têm debruçado sobre a ligação entre a ação digital em rede e os movimentos sociais, nomeadamente o feminista, revelando que estas ações transnacionais, assumem um carácter global, mas que não ignora as particularidades locais. Além disso, o ativismo que surge ou que se desenvolve e fortalece nas plataformas digitais coexiste com a presença física no espaço público, numa espécie de *continuum* relacional. Estas dinâmicas ativistas trazem para o espaço público discussões que afrontam o historicamente estabelecido nas culturas hegemónicas. Movimentos como a Slutwalk, 8 M, Ele Não, e #MeToo confrontam os valores socialmente construídos da feminilidade e masculinidade, colocando nas suas agendas questões como: assédio e violência sexual, greve ao trabalho doméstico e ao consumismo, interseccionalidade, recorrendo ao ativismo digital, o que os projeta a uma escala transnacional, visibilizando a sua ação. Desta forma, estes movimentos necessitam um olhar atento às singularidades culturais locais, às formas como se mobilizam nas redes e agem nas ruas, atendendo às interações que se desenvolvem entre estes domínios.

Esta comunicação centra-se na discussão em torno de ativismos, ações coletivas, e movimentos ativistas de carácter feminista, que resgatam as vozes subalternas e as temáticas historicamente silenciadas em culturas paternalistas, e que possuem um carácter transnacional, mas que têm tido expressão no contexto português. Olhamos para estas novas formas de ativismo, na sua pluralidade e complexidade, tentando perceber

em que medida são estratégias de reparação histórico-culturais, de fomento da intergeracionalidade e da interseccionalidade.

Palavras-chave: movimento feminista, ativismos, resistência, ação coletiva

TransComics. Banda desenhada e resistência à simplificação de género

Nicoleta Mandolini (Universidade do Minho, Portugal)

De acordo com um relatório da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra 2022), o Brasil é o país que mata mais pessoas travesti, transgénero e transexual no mundo desde 2008. Estes dados são a prova da persistência, no grande país lusófono, de um sistema sócio-simbólico em que a dissidência de género, ou seja, a rejeição do binarismo hetero-cis-patriarcal em que as categorias culturais de masculinidade e feminilidade são rigidamente atribuídas com base nas características anatómico-biológicas do sujeito em questão, é tratada como um desvio a ser discriminado, isolado e punido.

Se é verdade que a violência social está sempre ligada a uma violência simbólica (Bourdieu, 2002) ou cultural (Galtung, 1990) mais subtil que actua como um factor legitimador, as representações mediáticas e artísticas que lidam com questões socialmente relevantes desempenham um papel fundamental na perpetuação de sistemas de opressão ou, inversamente, na resistência aos mesmos.

Entre os vários meios e sistemas de representação hoje disponíveis, a banda desenhada (tanto na sua versão impressa como digital) é hoje reconhecida como um poderoso instrumento que favorece a difusão de narrativas caracterizadas por uma marcada capacidade de estimular a identificação do leitor (McCloud, 1994; Boyd, 2010) e por um claro potencial educativo-didáctico (Syma e Weiner, 2013; Kirtley, Garcia & Carlson, 2020).

Esta proposta de contribuição visa mapear e discutir a produção de narrativas gráficas que circulam entre o Brasil e outros contextos lusófonos nos quais o tema do travestitismo e da transexualidade emerge como paradigma temático utilizado, para além de contar histórias de vida e denunciar discriminações, para resistir ao sistema simbólico que regula a construção da identidade e que, ao fazê-lo, limita a liberdade de expressão e gera violência.

Palavras-chave: banda desenhada, Brasil, transgenero, trassexualidade, violência de género

Um retrato das mulheres na gestão pública da Cultura em Portugal

Cláudia Dominguez, Rui Vieira Cruz, Joana Almada & Ana Carolina Silva (Universidade do Minho, Portugal)

As questões de género encontram-se explicitamente presentes na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, explanadas no ODS 5 - Alcançar a igualdade de género e empoderar todas as mulheres e raparigas, - e atravessam as quatro dimensões temáticas e os 22 indicadores para a cultura na Agenda 2030. Neste sentido, percebe-se que é urgente interpretar a cultura na sua interseção com os estudos de género,

particularmente ao nível local, o que formaliza um cruzamento com a dimensão política. E é no âmbito desta tripla envolvência – cultura, género e política que esta investigação procura lançar um olhar sobre a presença das mulheres nos cargos políticos de poder, de tomada de decisão e de gestão, particularmente na área da cultura. Este é o principal foco desta comunicação cujo âmbito é a representatividade do género feminino na composição autárquica dos 308 municípios portugueses. Este estudo originou-se por ocasião do Dia Internacional da Mulher, em 2021, e culminou, numa primeira fase, na identificação das mulheres que se encontravam em cargos de decisão autárquica, nomeadamente, aquelas que dirigiam os pelouros da cultura em Portugal até ao momento das novas eleições, decorridas no mesmo ano, procurando-se compreender a representatividade que as mulheres exercem, ao nível local, na gestão cultural do país. Procedeu-se também à análise da composição dos partidos/movimentos nas presidências de Câmaras e/ou na vereação do pelouro da cultura cujos cargos são ocupados por mulheres. Um ano após as eleições autárquicas realizadas em setembro de 2021, a segunda fase do estudo mostra o movimento na composição das cadeiras ocupadas por mulheres no escopo da área da Cultura. Em termos metodológicos, este estudo conjugou uma abordagem qualitativa com uma abordagem quantitativa. Efetuou-se a recolha de dados de todos os municípios de Portugal Continental e Ilhas, com a informação sobre os/as Presidentes de Câmara, os/as Vereadores/as responsáveis pelo pelouro da Cultura tendo como fonte de informação o Ministério da Administração Interna (MAI) e os sites oficiais das Câmaras Municipais de todo o país. A recolha de dados também agregou os partidos associados às mulheres que ocupam a presidência e/ou a vereação do pelouro da cultura, sendo a informação reorganizada e analisada a partir da agregação dos municípios proposta na Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro. Os resultados da fase 1 revelam que as mulheres estão ainda longe de terem cargos de liderança ao nível das autarquias, sendo que particularmente no que diz respeito aos pelouros da cultura, apenas no Algarve e na Região Autónoma da Madeira ultrapassam os homens nesse cargo. Ao final da fase 2 que se encontra em andamento, pretende-se perceber a evolução ou não da representatividade feminina nos cargos de poder político na área da Cultura em Portugal.

Palavras-chave: Género, Cultura, Agenda 2030

Mulher e a utopia da liberdade em Niketche, de Paulina Chiziane

José Martins Mapera & Zito Macario Julio (Universidade Licungo, Moçambique)

Niketche é um tesouro de saberes tradicionais sobretudo provérbios, a partir dos quais a autora procura demonstrar à sociedade, como estes saberes eternizam o sofrimento da mulher, numa sociedade em que ser mulher é ser condenada a uma vida recheada de “histórias de espinhos”. Esta comunicação defende a tese segundo a qual a liberdade da mulher ainda é uma utopia na sociedade moderna em que vivemos. Para a defesa, faz-se uma análise sociológica com o objectivo de compreender o valor social das falas das personagens na concepção dos papéis de género, comparando as vivências no espaço social romanesco com alguns provérbios que orientam o quotidiano da sociedade moçambicana, tais como: “mamas caídas, não pego”; ou “na capoeira, quem canta é o galo”; concretizando, no universo diegético da obra, cenários humilhantes à mulher

como a promiscuidade, enquanto elas sofrem em silêncio, porque desde a infância as mulheres nunca foram ensinadas o amor próprio, a amar-se e a respeitar-se; mas sim a respeitar o estado quo estatuído, o da obediência aos homens, facto que solidifica as hierarquias baseadas no sexo, colocando a mulher à margem da sociedade. Este estudo procura construir utopias de uma sociedade em que o sexo não deve determinar privilégios, tal como esclarece Simone de Beauvoir (1970) que “ninguém nasce mulher, torna-se”.

Palavras-chave: Utopia, liberdade, ser mulher, Niketche

GT 5 Cultura popular Auditório Multimédia do Instituto de Educação

A cultura popular: uma contracultura de massas

Alberto Fernandes (Universidade do Minho, Portugal)

As manifestações da cultura popular encontram-se no centro das reivindicações em torno da identificação e afirmação dos territórios onde ocorrem. Em particular, as festividades tradicionais que ocorrem distribuídas por todo o território português são manifestações cuja vitalidade está bem presente na efervescência com que os populares participam delas, não apenas nos momentos propriamente festivos, mas também nas diferentes fases de preparação que a antecedem. A sua realização cíclica atualiza (e reforça) o sentido de pertença e identificação coletiva com esse elemento comum, contribuindo decisivamente para a coesão e afirmação alteritária das comunidades.

Após um período em que a generalidade das manifestações populares, sobretudo as de caráter mais local, viram a sua existência ameaçada, por vários e diferentes motivos como sejam os relacionados com o abandono de um modo de vida regulado pelo tempo natural e pelos trabalhos agrícolas executados comunitariamente por um ritmo de vida modernizado assente na lógica da industrialização, também é certo que com o fim do Estado Novo o ênfase nas tradições locais como via de afirmação identitária experienciaram uma revitalização, e até atualização, que as fez chegar ao séc. XXI plenas de vigor e a contribuírem decisivamente para a atratividade territorial, enquanto património cultural que potencia igualmente a indústria do turismo, designadamente cultural.

A Bugiada e Mouriscada de Sobrado, Valongo, é uma dessas festividades que tem visto o número de participantes crescer a cada celebração. Além dos sobradenses que diretamente se envolvem como bugios, mourisqueiros ou outras personagens, esta festa tem atraído um crescente número de visitantes que ali se deslocam a cada 24 de junho para assistir aos vários momentos que compõem o elevado número de eventos que ocorrem na vila de Sobrado ao longo desse dia.

As manifestações da cultura popular, ainda que de forma natural, encontram-se diametralmente afastadas, e até isoladas, de formas culturais mais contemporâneas, vanguardistas, hegemónicas e globalizantes, mantendo-se como uma espécie de contracultura que reflete o passado no tempo presente e projeta o futuro num ato de resistência e sobrevivência de uma comunidade que é caracterizada e se identifica com essa mesma forma cultural. Esta aparente cristalização é fruto da resistência à mudança

e a sua “autenticidade” é outorgada como resultado de uma intrincada negociação entre os diversos indivíduos e grupos da comunidade, que assim determinam os limites da sua própria manifestação cultural.

Assim, as festividades representam uma contracultura de massas, resistente à mudança que, simultaneamente e não se opondo a outras formas culturais, afirma os seus limites e as suas características diferenciadoras, e progressivamente integra elementos contemporâneos à sua celebração.

Palavras-chave: cultura popular, festa tradicional, contracultura, forma cultural, Bugiada e Mouriscada

O grotesco na manifestação religiosa do Auto do Círio

Taís Morena (Universidade do Minho, Portugal)

O Auto do Círio é um cortejo realizado em formato de procissão teatral que acontece todos os anos na sexta-feira que antecede o Círio de Nazaré. Com o desejo de homenagear a santa padroeira dos paraenses, o Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará, idealizou em 1993 o cortejo que hoje é intitulado “Auto do Círio”, no período em que acontece a maior festa religiosa do Brasil, o Círio de Nazaré.

Observa-se na manifestação popular Auto do Círio que em um mesmo contexto cultural há a presença da ambiguidade representada pelas matrizes sagradas e profanas. Segundo Miguel Santa Brígida:

Os acontecimentos do Círio de Nazaré, na cidade de Belém, convergem, comungam e celebram a um só tempo o sagrado e o profano, a ordem e a desordem, o formal e o informal, o contrito religioso e o explosivo carnavalesco. Movimento que, em sentido espetacular, observamos também na manifestação ao carnaval e do teatro de rua, especificamente. (Santa Brígida, 2014, p. 104)

Seria considerado sagrado por todo o contexto religioso do Auto do Círio em homenagear Nossa Senhora de Nazaré, uma santa da igreja católica, referenciada na bíblia como a mãe de Jesus Cristo. O aspecto relacionado ao divino, ao sacro, ao imaginário popular ligado à religiosidade, é o que contribui para o entendimento do ritual como sendo de origem sagrada.

Entretanto, no Auto do Círio também é possível identificar o lado profano da manifestação popular, se observado todo o contexto da dramaturgia, da matriz carnavalesca, que compõe o cortejo, e da caracterização dos personagens em cena e suas próprias interpretações às simbologias do Círio de Nazaré e de Nossa Senhora de Nazaré. É como Isidoro Alves explica ao falar sobre as festas relacionadas ao Círio de Nazaré:

A um só tempo estão operando a devoção, a ordem consagrada, própria do rito sacral, e a informalidade, a descontração, a alegria da festa. O sagrado e o profano, assim, longe de serem aspectos absolutos, constituem-se categorias que operam simultaneamente. A festa de Nazaré é, a um só tempo, um conjunto de atos litúrgicos que celebram uma santa padroeira e também de atos de encontro, de solidariedade, de neutralização de diferenças. (Alves, 1980, p. 25)

Desta maneira, este estudo irá se debruçar em interpretar o aspecto profano do Auto do Círio nas suas simbologias estéticas presentes no imaginário popular que envolve a

manifestação. A interpretação será feita a partir do conceito de grotesco sob a ótica de Mikhail Bakhtin de maneira a identificar os elementos do grotesco propostos pelo autor na estética do Auto do Círio.

Palavras-chave: Auto do Círio, Cultura, Religiosidade, Profano, Grotesco

Slam: batalhas de poesia como performance e levante

Danielle Márcia da Gama (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Slams são batalhas de poesia criadas nos Estados Unidos em fins dos anos 80 e que, trazidas para o Brasil em 2008, caracterizaram-se na última década por serem promovidas em locais periféricos ou perifêricos de diversas cidades do país, em geral por grupos sociais atravessados por marcadores sociais da diferença (como raciais e de gênero), que compartilham diversas vivências de opressão. Nesses eventos, qualquer pessoa pode se inscrever para participar, desde que seus poemas sejam autorais, o que potencializa, nesses grupos, a expressão de si. Ademais, um intercâmbio constante entre públicos e poetas, não necessariamente distinguidos, produz nas batalhas o acolhimento desses sujeitos pela partilha de suas experiências. Assim, a partir de nossa pesquisa etnográfica no cenário de slams da cidade de Salvador, na Bahia, apoiados pela perspectiva teórica dos Estudos de Performance, nesta comunicação propomos pensar as performances das batalhas de poesia como “levantes”, nos termos de Didi-Huberman (2017). Para o autor, levantos implicam uma solidariedade que relaciona sujeitos por seus lutos e desejos. Esses desejos, vindos da dor e de perdas, ao serem colocados no espaço público tomam sentidos políticos. Deste modo, consideramos que no slam emerge uma poesia, nascida de perdas, exclusões e faltas, que se realiza como uma poesia de potências.

Em Salvador, onde realizamos observação participante em competições de slam e eventos relacionados (como saraus e rodas de conversa) e travamos entrevistas com alguns de seus atores, foi possível observar que o slam está engajado à afirmação da identidade étnico-racial negra, de modo interseccional a outros grupos socialmente minoritários como de mulheres e LGBTQIA++, e integrado a outras manifestações culturais de mesmo foco. Nesse cenário, nos termos de Schechner (2011), as performances do slam podem ser entendidas como ações de “comportamento reiterado”: pela dor que se vive e revive na performance, como em uma batalha ritualizada que dramatiza a vida, seus atores restauram cenários e vivências e acionam afetos, recriando alternativas de existência. Por sua vez, ao ato de levantar-se, sublevar-se, Didi-Huberman relaciona algumas ferramentas aparentemente muito singelas, como seria um panfleto – e aqui afirmamos, um poema: mesmo simples e pequeno, pode ser perigoso como uma arma. No slam é frequente a metáfora bélica, da poesia como arma, como um tiro, uma pedrada. Essa arma poética é a reação à violência, física e simbólica, lançada contra tais sujeitos cotidianamente e, ao mesmo tempo, ação de conscientização que conclama seus pares a se insurgir. A partir das batalhas, seus atores operam, então, usando termo êmico, um “tráfico de informação”, em ritos que acionam memórias, promovem ressignificações e re-conhecimentos. Assim, os atores do slam trazem em suas performances poéticas os seus “levantes”, como modos potentes de resistir.

Palavras-chave: slams, batalhas de poesia, performance, levantes

O resiliente Zé Pereira: das romarias minhotas ao Carnaval brasileiro, um exemplo de resistência cultural.

Vitor Padilha Mattos (Universidade do Minho, Portugal)

Através de emigrantes portugueses, o Zé Pereira, nome do tocador de tambor ou do conjunto de bombos e caixas de rufo (às vezes, acompanhados também da gaita-de-foles) presente tradicionalmente nas procissões e romarias do Norte de Portugal, principalmente na região do Minho – seria introduzido no Carnaval do Rio de Janeiro, no início da década de 1850.

O folguedo rapidamente seria alçado ao posto de uma das coisas mais tradicionais e típicas da folia carioca. Apontado pela historiografia brasileira como o pioneiro do Carnaval de rua, popular e do pobre no Brasil, o Zé Pereira teve seus detratores e defensores na imprensa brasileira. Incomodava pelo barulho excessivo e, posteriormente, por não ser algo tipicamente nacional. E com a mesma rapidez e mistério com que surgiu, a folgança iria morrer, sendo considerado desaparecido do Carnaval carioca já na primeira década do século XX. Porém, antes de sumir, espalhar-se-ia pelo Brasil.

Em Portugal, também esnobado pela elite cultural, que o considerava uma música primitiva, vai ser encarado como uma arte fadada a se extinguir. Já em 1863, o escritor Júlio Dinis, em *A Morgadinha dos Canaviais*, descrevia a preocupação de um tocador de bombo chamado de tio Zé Pereira com o desaparecimento de seu ofício depois da chegada das bandas marciais às aldeias. E, quase um século depois, o etnógrafo Ernesto Veiga de Oliveira, em *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, expunha a sua apreensão com o fato de não ver nas novas gerações o mesmo interesse por esta antiga tradição, e receava pelo fim, por exemplo, do uso da gaita-de-foles.

Entretanto, a realidade encontrada atualmente é bem distinta. O Zé Pereira tem demonstrado uma enorme resiliência. Em Portugal, os Zés Pereiras continuam sendo uma das maiores atrações das festas e romarias do Norte do país, e existem diversos Grupos de Bombos atuantes em vários concelhos da região, com a participação de um grande número de jovens. O Zé Pereira encontra-se pujante, o uso da gaita-de-foles ainda se faz presente, e as mulheres, que antes não participavam, agora também atuam como instrumentistas. O Zé Pereira é um exemplo de resistência cultural e de orgulho da cultura popular local.

E no Brasil, se desapareceu do Carnaval do Rio, há Zés Pereiras nos Carnavais de estados tão variados como Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Pernambuco e Piauí, em cidades como Florianópolis, São Bento do Sapucaí, Rio Novo, Ouro Preto, Itaberaí, Olinda e Teresina.

A troca cultural entre Portugal e Brasil continuou durante o século XX, e um grande exemplo disto está na presença de Gigantones e Cabeçudos nos desfiles dos blocos de Zé Pereira no Carnaval brasileiro, sendo bastante parecidos aos encontrados em romarias como a da Senhora da Agonia, de Viana do Castelo, ou do São João, de Braga.

Para a nossa apresentação, participante do grupo de discussão “Culturas, artes e saberes populares”, usaremos conceitos como o de Património Cultural Imaterial, invenção das tradições e hibridismo cultural.

Palavras-chave: Carnaval, Cultura Popular, Romarias, Zé Pereira

GT5 Instituições culturais, artes e média
Sala 0.38 Instituto de Educação

Instagramáveis Narcisos – materia-tela-imagem

Beatriz Pires & Renata Pitombo (Universidade de São Paulo & Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Em nossa sociedade, cada vez mais, a imagem se sobrepõe à coisa, objeto, pessoa. A possibilidade que ela, a imagem, tem de produzir versões melhoradas daquilo que representa, reproduz, molda e configura se encaixa perfeitamente ao sistema social vigente no qual a relevância de possuir uma estética corporal que esteja de acordo com os padrões de beleza momentaneamente estipulados causa, em uma parcela significativa da população, entre outras coisas, insatisfação constante com a própria aparência. O rentável mercado que se estabelece a partir da instalação dessa insatisfação, constantemente expande seus lucros com a invenção de novos problemas, produtos e procedimentos.

A implementação de câmeras digitais fotográficas de fácil manuseio nos aparelhos móveis de comunicação, permitiu a muitos o ato de registrar qualquer coisa, pessoa, ambiente e situação que se estabeleça a seu redor. O fato de tais câmeras poderem facilmente ser voltadas para quem as opera, possibilitou ao indivíduo ser o foco de seus registros. A febre das selfies ampliou e muito a possibilidade do indivíduo se ver a partir de diferentes ângulos, em diferentes locais e situações, sob diferentes iluminações. Com elas, a imagem se impõe e se difunde para além da matéria.

Simultaneamente ao fenômeno das selfies, a pandemia gerada pelo vírus Sars-CoV-19 impulsionou de forma acelerada o modo virtual de se relacionar. Reuniões, aulas, palestras, festas, encontros, etc. passaram a acontecer por intermédio das telas.

O contato constante e simultâneo da imagem do outro e do local em que esse está, com a imagem de si próprio e do local em que se está gera uma visão diferente da situação, na qual o sujeito se vê praticando a ação. A vida filmada requer, entre outros, ambientes, vestimentas, gestos, objetos instagramáveis.

Palavras-chave: Corpo, Imagem, Instagramável

Curadorias colaborativas e insurgentes: museus como ato de resistência

Elisa Noronha & Michelle Dona (Universidade do Porto, Portugal)

Na última década, no Brasil, a viragem decolonial (Maldonado-Torres, 2011) tem gradativamente estimulado uma reconfiguração discursiva do museu a partir de um pensamento crítico e de reparação. Neste sentido e referindo-se aqui especificamente ao campo da arte, os museus têm assumido a prática curatorial como um espaço de “experimentação de olhares, sentidos e saberes deixados à margem pela historiografia tradicional da arte”, bem como, de questionamento dos “regimes de inteligibilidade, visibilidade e sensorialidade” (Friques & Basbaum, 2020, p. 12) que regem as suas práticas e políticas. Assim, movidos pelas urgências sociais que marcam a nossa contemporaneidade, bem como pelo crescente debate sobre as políticas de representação e representatividade no país, outros posicionamentos emergem no sentido de se recuperar, reescrever e propor outras narrativas que levem em consideração saberes e imaginários marginalizados.

É neste contexto que se inscreve o Museu de Arte do Rio (MAR), assumido aqui como um lugar de pensamento privilegiado por ter sido criado de raiz como a possibilidade de um outro museu, atribuindo ao seu programa curatorial o papel norteador da sua institucionalidade. Ou seja, o MAR nasce propondo outros entendimentos sobre a cidade do Rio de Janeiro, sobre a arte e a cultura na contemporaneidade, sobre as suas dimensões sociais, simbólicas e políticas, bem como sobre os conflitos e as contradições que lhes são inerentes. Entendimentos estes que resultam de um programa curatorial assente em processos colaborativos e epistemologias insurgentes.

Esta comunicação apresenta-se, portanto, como uma reflexão sobre a curadoria como uma prática potencialmente disruptiva que tensiona o discurso do museu e a sua estrutura epistemológica, política e processual, i.e., sobre a curadoria como um exercício radical de despensar, desdisciplinar e reeducar (Maldonado-Torres, 2014). Para tanto, centra-se em duas recentes exposições realizadas pelo MAR, Mulheres na Coleção MAR (2018) e Casa Carioca (2020), que através de uma diversidade de olhares sensíveis e críticos, orientaram o (re) posicionamento político do Museu em relação a realidades próximas e ou que lhe são intrínsecas como as invisibilidades presentes em suas narrativas (históricas, disciplinares, institucionais) e a representação da cultura material e imaterial do seu território, particularmente, o morar ou o modo de habitar a cidade do Rio de Janeiro em todas as suas expressões, renovações e insurgências históricas (Berth, 2020, p.22).

Palavras-chave: viragem decolonial, discurso museológico, Museu de Arte do Rio, Mulheres na Coleção MAR, Casa Carioca

O conceito de Paisagem Cultural como elemento integrador da Museologia Social

Gabriela de Lima Gomes & Júlia de Assis Ferreira Silva (Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil)

O principal objetivo desta pesquisa foi compreender, conceitualmente, como as práticas aplicadas na construção do Centro de Referência do Carnaval em Ouro Preto, em parceria com a Associação Galpão Cultural Sinhá Olímpia, dialogaram com a Museologia Social, e como se aproximaram da categoria de análise Paisagem Cultural. Durante a investigação verificamos que a interface dessas duas áreas ocorre nas atividades culturais existentes durante todo o processo e são intrínsecas ao espaço e aos sujeitos envolvidos. Foi

possível verificar que a atuação da comunidade organizada garante a modificação, a apropriação e a ressignificação do seu território, ampliando a construção da identidade local e, conseqüentemente, a compreensão enquanto uma Paisagem Cultural. Refletir sobre o conceito de Paisagem Cultural como elemento integrador da Museologia Social surgiu no decorrer dos trabalhos desempenhados pelo Projeto de Extensão “Centro de Referência do Carnaval em Ouro Preto: lugar de memória e preservação” realizado em parceria com a Associação Galpão Cultural Sinhá Olímpia, em desenvolvimento desde 2018. O Centro de Referência do Carnaval em Ouro Preto vem desenvolvendo trabalhos de organização, documentação e digitalização de fotografias, documentos, acervos e registros de histórias orais contadas por produtores do carnaval da cidade. Além disso, auxilia na construção de narrativas dedicadas ao circuito expositivo, organiza visitas mediadas dedicadas ao reconhecimento dos referenciais espaciais e culturais existentes no bairro, promove encontro e eventos sobre as Culturas Populares. Diante do contexto de interações e possibilidades, nosso envolvimento com os integrantes da Associação vem sendo marcado pela constituição de um lugar de transformação social, de integração, de valorização do aposentado local e da exploração da potência criativa de seus associados. A Paisagem Cultural pode ser entendida como um complexo territorial que é composto pela inter-relação entre a natureza e a ação humana de modificação do espaço, não podendo assim separar elementos naturais e socioculturais que moldam um lugar, sendo uma “via de mão dupla” entre meio e produto, para a construção de uma paisagem humana, uma Paisagem Cultural (Scifoni, 2016). Já o significado de Museologia Social ou Sociomuseologia advém de um longo percurso teórico e prático na área museológica. Conceituar o termo não é uma ação simples, pois ao mesmo tempo que um conceito é definido e enquadrado, um enriquecimento e estatização é gerado não havendo espaço para a transmutação de acordo com as necessidades do tempo em que se encontra. Mas, para a melhor compreensão de seu contexto, se pretende aqui, não a denominar, mas apresentá-la em seus meios. Para Mário Chagas e Inês Gouveia “quando falamos em museu social e Museologia Social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que dizem respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas (Chagas; Gouveia, 2014, p. 14). Devido à escassez de materiais de estudos relacionados a Paisagem Cultural, voltados para a preservação do patrimônio e da memória social em diálogo com a Museologia, este trabalho se faz relevante como uma nova bibliografia geradora de dados para a ampliação dos estudos e pesquisas, especialmente no contexto da cidade de Ouro Preto.

Palavras-chave: paisagem cultural, museologia social, culturas populares, carnaval

Território e sustentabilidade, visibilidade de dados no projeto artístico Transdutor Ecomedia

Emilio Martinez Arroyo, M^a José Martínez de Pisón, Sergio Lecuona Fornes, José Maldonado Gómez, Trinidad Gracia Bensa, Emanuele Mazza. Pepa L. Poquet, Irene Sánchez, Sergio Martín, Manuel Ferrer, Alena Mesarsova & Fabiane Cristina Silva dos Santos (Universidad Politécnica de Valencia, Espanha)

O progresso técnico contínuo produz necessariamente um impacto ambiental e territorial que nos torna conscientes da necessidade de um desenvolvimento sustentável. Precisamos de reflexões e ações empáticas com a sociedade que, superando antagonismos, nos aproximem do conhecimento e da conscientização sobre esses problemas. As propostas artísticas podem ser um veículo a partir de posições mais ou menos complexas que nos permitem esta aproximação.

No Laboluz, grupo de pesquisa da UPV-ES, temos trabalhado na experimentação artística com as tecnologias de produção de imagens, aplicadas em estas ocasiões a problemas locais em nosso contexto imediato. Os problemas ligados ao território e ao meio ambiente desenvolvem-se e tornam-se visíveis localmente ao mesmo tempo que têm uma correspondência global e relacionados com tantos outros, eixo local/global que em certo momento deu origem ao termo glocal, como forma da expressão “pense globalmente, aja localmente”.

No nosso contexto particular estamos rodeados por uma rica rede de ecossistemas naturais que coexistem com usos agrícolas, industriais e urbanos. Até meados do século passado não havia consciência ambiental, e diferentes ações cidadãs e institucionais possibilitaram a proteção e recuperação de um número cada vez maior de espaços ambientais. Neste processo, a ZEPA do Marjal del Moro em Sagunto - ES foi pioneira na criação de uma sala de aula ambiental no terreno do Marjal del Moro, um espaço húmido de proteção especial pelos seus valores ambientais.

O projeto Transductor Ecomedia faz parte de uma pesquisa desenvolvida pelo Laboluz, com o objetivo de tornar visíveis as dificuldades que enfrentam territórios amplamente “entropizados”, devido aos usos agrícolas tradicionais e aos novos usos industriais nem sempre atentos para os problemas ambientais dos quais eles são responsáveis.

Criamos uma série de nós, que funcionam como balizas localizadas em diferentes contextos, um deles no Marjal del Moro. Esta primeira baliza coleta uma série de dados de imagens, sons, frequências eletromagnéticas que são gravadas e emitidas para uma segunda baliza. É composta por uma série de sensores, um pequeno processador, câmeras e microfones, e uma unidade de energia autônoma através de alguns minipainéis solares que proporcionam autonomia suficiente para se localizarem em diferentes locais da Marjal, recolher e enviar dados. A segunda baliza é um objeto, uma torre localizada em contexto expositivo, com acesso público, que recebe os dados enviados pela primeira baliza e os transforma por meio de um minicomputador, exibindo-os em uma tela na qual uma série de imagens e alterações recebidas do entorno ambiental do Marjal del Moro. Este dispositivo é montado em uma plataforma giratória que possui uma webcam que capta o próprio dispositivo, os espectadores e o espaço expositivo, projetando esta imagem em uma parede da sala. O espectador tem uma experiência de recomposição dos diferentes elementos propostos, gerando uma leitura própria e complexa com relação aos problemas do meio ambiente.

Palavras-chave: território, ecossistema, artes visuais, redes

Ações artistas como práticas de resistência no movimento social.

Intervenções artísticas colaborativas que utilizam processos artesanais e novas mídias em espaços físicos e virtuais.

Fabiane Cristina Santos (Universidad de Zaragoza, Espanha)

O crescente interesse pela arte política é marcado por uma mudança nas formas de visualizar, conceituar, produzir e visibilizar intervenções artísticas no espaço público, que estão diretamente ligadas às novas formas de ativismo político. Falamos da forma direta como a arte se relaciona com o contexto, a partir de um processo colaborativo onde o espectador tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da obra.

A transformação social que vivemos atualmente, em uma mudança de paradigma das relações sociais e políticas onde a participação, a colaboração e a comunidade têm sido as grandes ações para alcançar a mudança no desenvolvimento social. E uma das ferramentas que atualmente serve de veículo para alcançar essa coesão social é a arte, que promove o trabalho criativo, gerando um espaço de resistência, transformando ou tornando visível um problema.

Dentro deste contexto vamos analisar alguns projetos realizados de intervenção – mediação cultural através da arte no contexto de uma comunidade de moradores que estiveram ameaçados por um projeto especulação urbanística, onde propomos a arte a partir dos novos paradigmas da sustentabilidade como ferramenta de intervenção num contexto social complexo, colaborando com o próprio tecido associativo do bairro para permitir a visibilidade dos seus problemas sociais e canalizar as suas expectativas e criatividade.

A través do craftivismo, apresentamos a obra *Què passa ací?*, uma obra bordada coletivamente durante três meses, tendo como imagem principal o mapa do bairro Cabanyal, bairro histórico de Valência - ES, que esteve ameaçado por um projeto urbanístico durante 21 anos e que foi interrompido graças ao movimento cidadão. Esse bordado passa a ser interativo a partir de alguns chips de áudios com depoimentos de moradores do bairro e passa a ter uma versão de net-art como desdobramento do projeto. Assim como apresentamos outro projeto titulado Cabanyal Punt a Punt, uma serie de livros bordados que contou com a participação de mais de noventa pessoas. E finalizamos com o projeto Vespa passa por aqui, que utiliza técnicas de gamificação, novas mídias, geolocalização, refletindo sobre o papel atual dos cidadãos na construção da cidade, a partir de um lugar específico, o bairro El Cabanyal. Esta obra oferece ao espectador uma experiência de conhecimento baseada na ideia de uma viagem. Este passeio que permite conhecer o processo de transformação e decomposição de um bairro histórico de El Cabanyal, mergulhando o usuário em uma experiência de realidade virtual, onipresente em um tempo e espaço específicos.

A arte avança com o tempo em que se encontra e sua reprodução é constantemente realizada utilizando novos formatos. Cada vez mais os artistas usam as novas tecnologias ou tecnologia de baixo custo dialogando com outras linguagens como veículos para realizar suas criações, e que passam a ser ferramentas para visibilidade de alguns problemas sociais.

Palavras-chave: Ativismo, arte Colaborativa, mediação cultural, novas mídias, geolocalização

“Governo zangou. Nem TSU e nem TSA”. Rindo para não chorar: Uma análise da Cibercultura na consolidação da cidadania ativa em Moçambique

Tânia Machonisse (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal)

O governo de Moçambique aprovou a Tabela Salarial Única (TSU) por via da Lei nº 5/2022 de 14 de fevereiro, que estabelece os princípios, regras e critérios para a fixação de remuneração dos servidores públicos (Diário online *A Carta de Moçambique*). No entanto, logo após a entrada em vigor da referida Lei, a 15 de junho de 2022, reclamações dos funcionários públicos espoletaram devido a inconformidades existentes na aplicação da TSU referentes ao tempo de serviço e à idade. Este facto contribuiu para que o governo de Moçambique recuasse na implementação da TSU, o que supostamente provocou atraso no pagamento dos salários do mês de julho de 2022, indignando a sociedade que exigiu o retorno da Tabela Salarial Antiga (TSA). Este recuo gerou manifestações de indignação e solidariedade coletiva através do uso das redes sociais com enfoque para o Facebook e igualmente os média online com títulos como: “Governo zangou nem Tsu e nem Tsa. Professores e dívidas neste momento” Facebook; “Tsu: suor e lágrimas”, Facebook; “Eu aceitei lhe emprestar dinheiro a confiar nesse tal TSU e aqui em casa já não temos arroz”, *Jornal Visão*; “Governo de Moçambique vai provar que TSU não é TSUNAMI”, Portal mz Magazine. Estas ações coletivas por meio de plataformas digitais inspiram o estudo sobre como a sociedade e os média digitais moçambicanos têm construído um sentido de cultura participativa no ciberespaço. Os debates sobre o ciberativismo e cibercultura estão focados na relação entre participação virtual e presencial em movimentos sociais e na compreensão sobre o ciberativismo enquanto prática social que valide uma ação coletiva per se fora do âmbito não virtual (da Silva e Brignol, 2013; Guedes, 2013; Gajanigo e de Souza, 2014 e; Rodrigues e Carvalho, 2016). É neste último foco que a presente proposta de pesquisa indaga: que papel a cibercultura, em países como Moçambique com regimes democráticos em consolidação, desempenha na formação de evidências de uma consciência coletiva ativa e desperta sobre práticas de cultura participativa? De que forma o humor e a ironia têm sido usados na consolidação de uma cibercultura de contra poder em Moçambique?

Palavras-chave: TSU, cibercultura, ciberativismo, contra poder, humor, cidadania ativa

“Não há quem resista à luta feminista”: Ciberfeminismo e Interseccionalidade no Movimento 8M em Portugal

Camila Lamartine (Universidade do Minho, Portugal)

“A nossa luta é todo dia, somos mulheres e não mercadoria” é um dos gritos que se tem ouvido, com maior força, nos últimos quatro anos no dia 8 de março por diversas cidades

de Portugal. Desde os seus primórdios, ainda em 2016 na Polónia e Argentina, a Greve Feminista Internacional (também chamada de Movimento 8M) coloca na esfera pública a necessidade de repolitização do Dia Internacional das Mulheres ao amplificar o seu propósito e ação no alargamento da significação do que seria considerado e interpretado como trabalho (Arruzza *et al.*, 2019).

Nesse sentido, o Movimento 8M, apresenta-se como uma frente de greve feminista em protesto às diversas desigualdades que as mulheres enfrentam na sociedade, ao trabalho invisibilizado e à violência a que são condicionadas, atuando como uma potência que é prática (Gago, 2020) e que se qualifica como consequência do ativismo feminista no espaço digital e de rua (Zimmerman, 2017). Este feminismo contemporâneo assume um carácter diversificado e multifacetado, avocando uma dimensão glocal, ou seja, um intercâmbio de valores culturais tanto a nível global como local, dotando o feminismo de transnacionalidade a partir do desprezo as imposições fronteiriças por meio da cibertecnologia (Fraser, 2007).

Esse elo de interconexão entre as mobilizações do ciberespaço e do ambiente presencial tem sido trabalhado no campo dos estudos feministas como um novo momento dos feminismos, compreendido como quarta vaga, ainda que não haja, de facto, um consenso no mundo académico (Silva, 2019; Fernández *et al.*, 2019; Chamberlain, 2017). Se recorrermos à narrativa das vagas, pode dizer-se que esta caracteriza-se, especialmente, por emergir do espaço digital e promover um ativismo feminista pela cognição do ciberfeminismo (Lamartine, 2021; Martinez, 2019;) afirmando a interseccionalidade como uma estrutura fundamental desse novo momento (Zimmerman, 2017; Cochrane, 2013).

Com o objetivo de perceber como a interseccionalidade é incorporada no movimento feminista de quarta vaga mediante o uso das redes sociais digitais, intentamos investigar a construção da Greve Feminista Internacional em Portugal no ano de 2021. Para isto, analisamos as publicações do Instagram da Rede 8 de Março, coletivo que convoca a manifestação desde a sua primeira realização no país, durante todo o mês de março — ainda em período pandémico — através de um aporte metodológico netnográfico em junção com entrevistas semiestruturadas com ativistas integrantes da organização no intuito de trazer à investigação o “lugar de fala” (Ribeiro, 2019) de quem integra o movimento. Os principais resultados revelam a recorrência de temáticas em torno da violência machista e do trabalho doméstico, além de enfatizar a importância do ativismo feminista híbrido na construção de um movimento transnacional de resistência cultural, política e social.

Palavras-chave: Ciberfeminismo, Interseccionalidade, Quarta Vaga Feminista, Movimento 8M

Juventude(s). Discursos de Ódio. Redes Sociais: Um Olhar Sobre a Realidade Açoriana

Pilar Damião Medeiros, Lídia Canha Fernandes & Daniela Soares (Universidade dos Açores, Portugal)

A pandemia da Covid19 deu uma nova margem para a instalação do medo enquanto experiência individual e coletiva. A incerteza, a insegurança, a percepção de vulnerabilidade e o agravamento das desigualdades sociais contribuíram para que aquilo que é uma experiência pessoal, largamente mediada por processos psicológicos, seja também social e politicamente construída. Este ambiente, argumenta-se, foi particularmente favorável o florescimento de discursos do ódio que, sinalizando bodes expiatórios - na forma de outsiders -, dão a ilusão de serem eficazes para enfrentar a percepção de insegurança e o medo; oferecem um enquadramento simbólico identitário, tornando-se um instrumento crucial para lideranças populistas. Por outro lado, se a viragem do milénio veio assinalar o uso do ódio enquanto estratégia política, nos últimos anos assistiu-se a um declínio do vínculo Estado de Direito, democracia e direitos fundamentais e a crescente importância das redes sociais contribuiu para a formação de uma esfera pública híbrida, levantando novos debates e desafios quanto às possibilidades de combater a instalação do ódio como instrumento político banalizado.

Esta comunicação visa apresentar uma reflexão e é resultado do esforço de afinamento teórico realizado no âmbito de um estudo, de carácter exploratório, que visa fazer uma primeira abordagem à formação e desenvolvimento dos discursos de ódio nas redes sociais entre a juventude açoriana durante a pandemia da covid 19. É sintetizado o estado da arte considerado relevante para entender o fenómeno, no que concerne a textos teóricos fundamentais e a estudos relacionados com o tema. Na primeira parte, é abordada a tensão entre os valores da liberdade de expressão e o combate à intolerância, que está presente no debate filosófico e jurídico-normativo relativo à regulação e criminalização dos discursos de ódio. Numa segunda parte, focam-se os fatores económicos e psicossociais que caracterizam contextos que poderão ser propícios ao florescimento de violência e opressão, e que sublinham a multidimensionalidade e complexidade do fenómeno. Em terceiro lugar, aborda-se os desafios políticos e comunicacionais colocados pela crescente relevância das redes sociais na (trans)formação de uma esfera pública híbrida, onde privado e público se transmutam, e liberdade e intolerância se confundem, tornando o debate e a informação mais opacos e lançando novas exigências quanto à necessidade de aprofundamento democrático das nossas sociedades. Por fim, é apresentando um comentário sobre a oportunidade e relevância de uma análise deste tipo numa região insular ultraperiférica como é o caso dos Açores.

Palavras-chave: Juventude(s), Discursos de Ódio, Redes Sociais, Açores, Pandemia da covid19

A esfera pública habermasiana e as novas dinâmicas de participação política: o ativismo dos fãs de K-POP durante o Black Lives Matter

Gabriel D. Rossi (Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil)

Durante o Black Lives Matter, no ano de 2020, a polícia de Dallas criou um aplicativo para que as pessoas denunciassem os manifestantes que protestavam nas ruas da cidade texana. Sabendo disso, em uma manifestação política e militante, fãs de K-POP lotaram o dispositivo com vídeos do conjunto BTS, tornando inviável sua execução e fazendo com que a iniciativa fosse cancelada pelas autoridades locais. Dito isso, esta comunicação

levanta a seguinte pergunta: o que o ativismo dos fãs de KPOP durante o Black Lives Matter sugere sobre o modelo habermasiano de esfera pública?

Embora muito tenha sido escrito na área da comunicação sobre a noção de esfera pública habermasiana, ainda existe espaço para estudos e contribuições. Principalmente, ao levarmos em consideração a emergência de novos atores e de fenômenos socioculturais distintos. Ora, quem poderia imaginar que entusiastas da cultura pop coreana pudessem tencionar o que um dia foi performado exclusivamente por homens burgueses em salões e cafés dos séculos anteriores?

O assunto é relevante porque impacta o nosso modo de vida e a maneira como construímos a sociedade em que vivemos. Ademais, trata-se de reivindicar a centralidade das instâncias comunicacionais nas relações de poder. Desde as cartas comerciais trocadas um pouco antes da Revolução Francesa até fragmentações discursivas nos sites de redes sociais, a comunicação se coloca como o epicentro do processo.

O método escolhido foi, primeiramente, apresentar a clássica visão de esfera pública burguesa (Arendt, 2026; Habermas, 2003) e, logo depois, matizá-la com uma perspectiva que leva em conta os novos desafios e dinâmicas comunicacionais (Mendonça e Aggio, 2021; Mateus, 2012). Depois disso, foi feita uma análise empírica descritiva e interpretativa do caso citado no primeiro parágrafo dessa introdução. O objetivo foi responder à pergunta deste trabalho e, porventura, trazer algumas contribuições sobre o tema.

Se antes, indivíduos burgueses produziam uma espécie de contrapoder alicerçado pelo debate normativo, crítico e racional, atualmente, a experiência pública e coletiva carrega na sua centralidade um engajamento político mais ritualístico, efêmero e estético. Discursos e ações lúdicas são colocados em prática. A forma que a sociedade atual converge sobre um determinado assunto é multifacetada, fragmentada e performativa.

Palavras-chave: Ativismo, Comunicação, Cultura Pop, Democracia, Esfera Pública

Bienal e Circuito Universitário de Cultura e Arte da UNE: duas décadas de cultura e resistência na militância estudantil

Priscila Valente Lolata (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Em 1999, a União Nacional dos Estudantes - UNE realiza a 1ª Bienal de Cultura, Arte e Ciência, em Salvador – BA, reunindo, além de estudantes de todo o Brasil, importantes personalidades do meio artístico-cultural em apresentações e debates. Realizada com êxito e cerca de 5 mil participantes, o abre caminho para acontecer a 2ª Bienal, realizada no Rio de Janeiro, quando o evento se afirma no calendário do Movimento Estudantil e implementa o Circuito Universitário de Cultura e Arte – CUCA da UNE. A Bienal é um festival coordenado por estudantes que dura cerca de 5 dias com programação intensa e apresenta, dentre outras atividades, mostras estudantis de diversas linguagens artísticas, debates sobre variados temas relacionados à cultura a grandes shows musicais. Em geral, tem programação e convidados evidenciando posicionamentos de luta e resistência a favor da cultura com forte teor de engajamento político, característica natural do Movimento Estudantil e de tendências políticas de esquerda. O CUCA nasce tendo como um dos propósitos preencher o período entre uma Bienal e outra. Nesse entre meio, estudantes criadores e produtores estariam produzindo e promovendo trabalhos

artístico-culturais e trocando com a produção externa às universidades. O CUCA tem uma coordenação nacional ligada diretamente à UNE e o que poderíamos chamar de “filiais”, que são os CUCAs criados por estudantes de diversas universidades, por todo o país, com características próprias, a partir da adaptação a seus contextos. A Bienal e o CUCA são os principais projetos da UNE, no que tange políticas culturais. No entanto, com mais de duas décadas de existência ininterruptas, não existe um estudo que abarque todo o período, as mudanças e adaptações que levaram esses projetos a existirem, com fôlego, até hoje. A Bienal da UNE chega em 2023 a sua 13ª edição sendo considerada o maior evento produzido por estudantes da América Latina, com cerca de 10 mil pessoas participando de cada edição. Esse número cresce muito na 12ª edição quando, se adaptando à situação pandêmica, o evento aconteceu via plataformas digitais. O CUCA, é o projeto cultural criado, produzido e fomentado por estudantes mais duradouro de que se tem notícia no Brasil. Portanto, o objetivo é compreender a trajetória da Bienal e do CUCA da UNE e a relação com o contexto político cultural do país, considerando as informações e perspectivas de quem participou da produção das Bienais e das gestões do CUCA. Devido a escassez de publicações acadêmicas que aprofundem esse conteúdo, a principal metodologia adotada é a História Oral. Já foram realizadas 17 entrevistas cobrindo os 23 anos de existência da Bienal e os 21 anos do CUCA, empregando também pesquisa documental e bibliográfica. A reunião da perspectiva dos/das coordenadores/as de cada Bienal e do CUCA evidenciam conexões e ambiguidades entre alguns períodos e revelam como essas políticas culturais vem modificando o seio do ME tradicional, sendo também uma porta de entrada para estudantes que produzem/apreciam arte e cultura aderirem à militância do Movimento Estudantil e na luta pela qualificação e ampliação das políticas culturais públicas.

Palavras-chave: Bienal da UNE, CUCA da UNE, movimento estudantil, políticas culturais, cultura

GT1 Políticas, contra-memórias e imaginários Sala de Atos do ICS

Descolonização do currículo de formação de líderes das Forças Armadas Angolanas: entre as influências neoliberais e a cultura tradicional local

Felisberto Kiluanje Fragoso da Costa (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal)

A nação angolana é relativamente jovem. Após 500 anos de colonização, alcançou a independência em 1975, vindo a enfrentar um longo período de guerra civil, desde então, até 2002, levando a que o foco da nação fosse o esforço da guerra em detrimento de outros setores da administração pública, como a educação. Daí resultou o fraco desenvolvimento do sistema de educação, em geral, e do sistema de ensino militar, em particular, âmbito em que se inscreve esta comunicação. O sistema de ensino militar tem passado por sucessivas reformas, com vista ao seu aperfeiçoamento, designadamente: a formação de quadros, capazes de desempenhar exitosamente as suas funções em qualquer cenário. Perante os exigentes desafios, relativamente à qualidade e relevância

da formação militar dos oficiais das Forças Armadas Angolanas (FAA), questionamo-nos: como desenvolver a formação desses militares, entre a influência do neoliberalismo e a cultura tradicional local? A comunicação que nos propomos apresentar pretende fundamentar a necessidade de descolonização do currículo de formação de oficiais das FAA, enquanto líderes, arraigados na cultura tradicional local, designadamente a filosofia africana ubuntu. Para o efeito, emprega-se uma metodologia socio-crítica de investigação, a partir de uma breve revisão da literatura, com recurso a análise documental, realizando uma hermenêutica da legislação sobre a formação de oficiais das FAA, para identificar as representações ideológicas, políticas, históricas, económicas e socioeducativas presentes nos currículos, do referido contexto de formação. A análise em curso identificou já uma clara influência do neoliberalismo, que reclama a formação de técnicos, isto é, indivíduos eficazes, sob um ideal de meritocracia, muitas vezes sem o desenvolvimento da sua humanidade, implicada nos valores culturais tradicionais locais, em que “eu sou porque nós somos”, como ensina a filosofia africana ubuntu. Aliás, nesta filosofia e cosmovisão, entende-se que o indivíduo é fruto da comunidade de onde se origina e para a qual se destina a contribuir, sendo, portanto, moldado pela influência educativa dos que já partiram, dos que são e dos que nascerão, caminhando num contínuo e ascendente processo de desenvolvimento e amadurecimento, de um estado real, para outro, ideal. Assim, o trabalho realizado, até ao momento, revelou a necessidade de se compreender o significado do processo de formação de líderes (oficiais) nas FAA, assim como da ideologia que o fundamenta, afirma e distingue, principalmente se se almeja a sua melhoria.

Palavras-chave: currículo, descolonização do currículo, filosofia africana ubuntu, formação de oficiais das FAA

Entre Utopias e Distopias: A imaginação de Futuro Sob a Lógica do Capitalismo Tardio

Igor Gil (Universidade de Brasília, Brasil)

Esta pesquisa busca compreender a estrutura de sentimento que cerceia as sociedades contemporâneas e que possibilitou a proliferação das ficções distópicas no audiovisual nas primeiras décadas do século XXI, além de suas reverberações e desdobramentos como entes sociológicos dentro do capitalismo tardio.

As distopias possuem especificidades associadas às formas de massificação midiática, ganhando notoriedade através de disputas ideológicas nas relações interdependentes entre passado, presente e futuro. Entrelaçando elementos da sociologia e dos estudos culturais, a construção deste objeto mobiliza conceitos de “indústria cultural”, para Adorno e Horkheimer; hibridismo entre estética em mercadoria no “capitalismo tardio”, para Jameson, e materialismo cultural dentro da “estrutura de sentimento” vigente, para Raymond Williams. Nesse conflito de “campos de experiência” e “horizontes de expectativas”, será debatido um impulso distópico, em contraste com o “impulso utópico” de Jameson; e como esse se configura como possibilidade de alteração do presente na perspectiva de compará-lo às funções das utopias, para Bloch, como instrumentos na construção de futuros concretos.

Tais impulsos mobilizam ficções dentro da estrutura de sentimento, representando não somente o mapeamento de um gênero concatenado a anteriores futuros imaginados, as

utopias, mas também como essas produções engendram percepções de diferentes futuros inevitáveis e, paradoxalmente, possíveis ferramentas específicas para evitar a concretização daquilo representado em tela.

Sendo as distopias frutos de suas estruturas de sentimento, e como pontuado por Raffaella Baccolini ao distinguir o gênero em “distopias clássicas” e “distopias críticas”, o gênero transforma-se simultaneamente às etapas de captação da estrutura de sentimento dentro das mudanças nas novas plataformas midiáticas, possibilitando distinções e intensidades não vistas anteriormente; mobilizando outros símbolos e expondo outros campos de experiência. As distopias clássicas eliminam resquícios de esperança em meio ao recorte histórico-social em que foram escritas. Porém, nas transformações das necessidades representativas nas ficções nas denominadas distopias contemporâneas, inicia-se um período entre as décadas de 80 até os dias atuais em que uma maior diversidade de autores trouxeram temas silenciados pelas distopias clássicas à superfície, redefinindo e nomeando medos e temores de futuros que, para esses recortes, trata-se do presente. Outras vozes agora ecoam ao simbolizar o medo pelo futuro, e elementos carregados por essas ficções que são incorporados por diferentes sociedades e transformados em símbolos de protestos e movimentos sociais capazes de engendrar o que a socióloga italiana Donatella Della Porta define como “janelas de oportunidades”.

Para tais objetivos, o estudo se pautará na análise de cinco ficções distópicas: V de Vingança, Filhos da Esperança, Jogos Vorazes, O Conto da Aia e Squid Game. Essas serão posicionadas como formas de diagnosticar e interpretar as iminentes catástrofes sociais que as contradições do capitalismo engendram em suas sucessivas crises e reformulações. No ponto em que essas contradições possuem escalas globais e de rápido impacto, também serão debatidas essas disputas de futuro, criadoras de tanto de impulsos distópicos como das janelas de oportunidades a movimentos sociais de diferentes pautas, contextos e destinos, nas possibilidades últimas de emancipação ou instrumentalização do indivíduo.

Palavras-chave: Sociologia da Cultura, Teoria Crítica, Capitalismo Tardio, Estudos Utópicos, Distopias

Armando de Almeida, “o Negro Invencível”, um campeão ausente na “história dos vencedores”. Lições de resistência e contra-memórias na cultura de corrida portuguesa

Luís Camanho, José Carneiro & Susana Lourenço Marques (Universidade do Porto, Portugal)

Em março de 1913 Armando de Almeida venceu a maratona da semana desportiva do jornal O Mundo. Em maio do mesmo ano repetiu a proeza ao vencer a maratona dos Jogos Olímpicos Nacionais, na altura, a mais importante competição de atletismo no país. Por essas vitórias é considerado o campeão nacional da maratona para o ano de 1913 pela Federação Portuguesa de Atletismo (FPA). Recordemos que a FPA só existe formalmente desde 1921. É, conjuntamente, num contexto de grande perturbação político-social e num ecossistema elitista, programaticamente desestruturado, que Armando de Almeida se destaca de entre o grupo matricial de atletas que tomavam parte

nestas novas formas de lazer e demonstrações de cultura de massas – as corridas pedestres de longa distância. A sua presença ativa na cultura de corrida da metrópole é contemporânea com a origem e constituição do movimento negro (1911–1933) – pioneiro no combate político antirracista em Portugal.

Nesta comunicação, que tem como ponto de partida o resgate de fotografias e narrativas dos primórdios da história e da memória do atletismo português, procuramos biografar Armando de Almeida, num exercício simultâneo de empatia e militância como contributo para o debate, contrariando invisibilidades consequentes de negligências historiográficas. Tentamos, também, reconstituir a possibilidade de articulação entre os percursos emancipatórios do atleta com a organização de movimentos políticos e sociais no tumultuoso momento histórico da Primeira República, numa capital de império colonial com expressiva presença de pessoas afrodescendentes, esse fenómeno histórico plurissecular.

Esta investigação desenvolve-se no âmbito do Programa Doutoral em Design da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, acolhido pela Unidade ID+ (Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura).

Palavras-chave: Armando de Almeida, Antirracismo, Cultura de Corrida, Cultura Visual, História da Fotografia

Políticas públicas feministas, economia solidária e identidade regional: mulheres mil ouvindo as vozes do programa

Ludimila Brasileiro Guirra Couto (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Este é um trabalho de pesquisa que tem como objeto de investigação a despatriarcalização das políticas públicas voltadas às mulheres, partindo de uma análise sobre os avanços e limitações do Programa Mulheres Mil (PMM) na cidade de Seabra, na Bahia, entre os anos de 2011 e 2015. Com este estudo, busca-se analisar as estratégias de empoderamento da mulher em situação de vulnerabilidade social, egressas do PMM, tomando como referência a despatriarcalização das políticas públicas como um dos percursos fundamentais na efetivação das políticas sociais feministas. Do mesmo modo, a economia solidária é foco de investigação, nesta pesquisa, como importante itinerário para a construção de políticas sociais que promovam a inclusão social, o empoderamento da mulher e o resgate da identidade regional. O Programa Mulheres Mil é fruto de políticas públicas voltadas à inclusão de mulheres em situação de vulnerabilidade social, através da formação educacional e profissional. O Mulheres Mil é um programa de extensão oferecido nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifes), a partir de 2008, em todo o território brasileiro. Este trabalho objetiva, em primeiro lugar, identificar caminhos para a promoção de políticas públicas que rompam com a perspectiva androcêntrica na sua concepção e concretização, no sentido de compreender a complexidade das políticas sociais voltadas ao resgate da identidade regional através do empoderamento da mulher. Em seguida, avaliar itinerários, para a execução de políticas sociais, que busquem atender às mulheres em sua diversidade regional, étnico-racial, geracional, identidade de gênero e orientação sexual. Trata-se,

acima de tudo, de (re)pensar melhorias e avanços das políticas públicas voltadas às mulheres, diagnosticando seus limites e falhas.

Palavras-chave: Políticas Públicas Feministas, Economia Solidária, Identidade regional, Inclusão Social

A familiaridade na justiça epistêmica e a saída pelo Perspectivismo Ameríndio

Vinícius Amaral de Sousa & Thobila Gabriela de Lima Costa Sousa (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Nesta comunicação realizamos uma análise crítica do papel desempenhado pelas noções de alteridade e familiaridade na proposta de Miranda Fricker, em seu livro *Epistemic Injustice*, para uma prática epistêmica justa. Apontamos uma tensão no pensamento de Fricker, a saber: a prática virtuosa demanda uma distinção entre o Eu e o Outro, que é o motor das injustiças epistêmicas e ocasiona a exotificação, isto é, a demarcação da alteridade figura como o alicerce dos próprios preconceitos epistêmicos e silenciamentos de grupos socialmente marginalizados. Oferecemos uma saída possível para esses problemas levantados, baseada em uma recuperação da dinâmica entre o Mesmo e o Outro presentes em leituras do pensamento ameríndio.

Nesse sentido, nossa hipótese é que o reposicionamento da noção de Eu (Mesmo) e de Outro é capaz de propiciar uma sensibilidade perceptual virtuosa nos interlocutores e, com isso, atenuar a injustiça epistêmica. Esta sensibilidade é semelhante à preconizada por Miranda Fricker, em que um agente epistêmico dá uma recepção adequadamente crítica à palavra de um interlocutor sem recorrer a inferências e, sim, em função das entregas perceptivas de uma sensibilidade testemunhal bem treinada.

Para tanto percorremos o seguinte caminho argumentativo: 1) Apresentamos elementos do pensamento de Miranda Fricker, necessários para a compreensão de uma prática virtuosa, com ênfase na noção de familiaridade advinda do objetivo de se alcançar a justiça epistêmica; 2) Delimitamos o problema da noção de exotismo e alteridade, considerando que a familiaridade mencionada no tópico anterior, enfrenta um dilema de exotificação do Outro, visto que demanda de antemão um reconhecimento de quem é o Mesmo, no qual é depositado uma série de privilégios testemunhais e hermenêuticos, e de quem é o Outro que, por sua vez, recebe uma subtração da credibilidade e privações epistêmicas; 3) Construimos um diálogo entre as noções de perspectivismo ameríndio no pensamento de Eduardo Viveiros de Castro e a alteridade necessária para a prática de virtudes epistêmicas. Essa interlocução se mostra imprescindível, uma vez que o dilema do exotismo não é fácil de ser enfrentado e solicita pensarmos os processos de produção de uma alteridade, em que as fronteiras entre o Mesmo e o Outro são porosas o suficiente para abrigar uma familiaridade não exotista.

Por fim, concluímos que para libertar do exotismo a prática de familiaridade, como pretendido por Fricker, e aquela se ponha como neutralizadora dos preconceitos testemunhais e hermenêuticos é necessário que haja uma transitoriedade entre os mundos (no sentido ameríndio) em que os falantes e ouvintes habitam. Esse entrecruzamento se produz em uma noção de alteridade que não é marcada pela diferença na intencionalidade, mas por diferentes maneiras de performar o corpo e construir mundos. A familiaridade deve se produzir como a arte do xamã, em sua

capacidade de habitar as afecções de outros corpos, e, assim construir a sensibilidade capaz de ultrapassar o artifício intelectual que é se pôr no lugar do Outro e cultivar uma prática virtuosa que percebe que o Eu só é constituído em uma relação com o Outro.

Palavras-Chave: injustiça epistêmica, familiaridade, alteridade, perspectivismo ameríndio

GT2 Culturas, Género e Identidades
Sala 0.38 do Instituto de Educação

Travesti em revista: travestimento de gêneros nas Galáxias de Haroldo de Campos

Armando Sergio Prazeres & Rose de Melo Rocha (Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil)

O presente trabalho tem como eixo norteador uma analogia entre o travestimento textual e o travestimento do corpo na obra do poeta, crítico e tradutor paulista Haroldo de Campos, tomando como corpus o fragmento “vista dall’interno”, página-poema do livro Galáxias, na qual o autor tece um paralelo entre os procedimentos de escritura e os artifícios de montagem visual da travesti. Dito assim, busca-se apreender os pontos fulcrais da relação que estabelece Haroldo de Campos entre a ruptura de gêneros na literatura, a cargo de escritas disruptivas como a do próprio autor, e a transgressão de gêneros no campo social, encarnada pelo corpo-travesti. No referido poema, com base em uma notícia de jornal, é recriada uma perseguição policial a uma travesti pelas ruas de uma cidade italiana, sujeitando aquele corpo a violências semelhantes às que passam as travestis pelas ruas de diversas partes do mundo. Acreditamos que, ao traçar um diálogo intertextual entre o corpo-escritura e o corpo-travesti, o poeta está questionando a um só tempo as normatividades restritivas do cânone lítero-cultural e os ditames castradores da esfera social, tomando a travesti como metáfora daquilo que escapa às definições reducionistas de gênero. Estamos diante, portanto, de uma escritura contra-hegemônica, que vem reivindicar a diferença enquanto signo de transformação, crítica e criação frente aos sistemas reguladores da arte e da cultura. Para empreender tal leitura, utilizaremos sobremaneira as próprias reflexões erigidas pelo poeta acerca da ruptura de gêneros, assim como contemporâneos tratados sobre gêneros não binários e literatura LGBTQIA+, em especial ao que podemos chamar de transliteratura, ou seja, literatura escrita por/sobre transexuais e travestis, a exemplo de Transfeminismo (2021), de Letícia Nascimento, e Manifesto Transpofágico (2022), de Renata Carvalho, entre outras obras e autoras.

Palavras-chave: Travesti, Haroldo de Campos, Transgressão de gêneros, Galáxias, Poesia

Os silêncios sobre Safo - uma recuperação da Imprensa Lésbica portuguesa.

Letícia Emília Baptista (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil)

Esta comunicação tem como objetivo fazer uma breve recuperação histórica da imprensa lésbica portuguesa entre os anos de 1990 e 2007, através da análise dos boletins e revistas Organa (1990-1992), Lesbiana (1999-2000), Lilás (1993-2002) e Zona Livre (1997-

2007). A partir das fontes almeja-se reconstruir a trajetória da organização lésbica afim de evidenciar em que medida essas publicações se ampararam em correntes teóricas, bem como influenciaram na politização das identidades, possibilitando a existência de um referencial discursivo para a visibilidade e vivências lésbicas. Contribuindo ainda para a consolidação de espaços de debates, contato, informação e afeto. Demonstrando por fim como suas articulações auxiliaram a transgredir um modelo de sexualidade, formando uma rede que rompe com a solidão revelando como essas mulheres lutaram por seus espaços e como as suas narrativas construíram identidades e as transformaram em sujeitos políticos, com direito à fala e à escuta.

Palavras-chave: lesbianidade, imprensa, Portugal, lésbicas, gênero

A CARA DA AIDS: doença, representações multissemióticas e identidades

Fábio Fernandes (Universidade Federal do Oeste da Bahia, Brasil)

Os anos 1980 e 1990 foram marcados pela criação, proliferação e consumo de imagens de corpos deteriorados pelas consequências da emergência de uma nova epidemia: a síndrome de imunodeficiência humana, a aids. A grande mídia hegemônica expôs as imagens dos doentes nos hospitais e a narrativa associada a aids passou a ser a de um corpo definindo pela magreza, pelas manchas do Sarcoma de Kaposi, pelo cenário de ambulatórios e por um olhar profundo diante das câmeras. A morte tornou-se um signo complementar à aids e as imagens que circulavam tornaram-se representativas de como foram expostas as pessoas vivendo com HIV e aids nos mais diversos veículos e gêneros, dos jornalísticos aos ficcionais. Essas representações se alicerçavam nos discursos em torno da ideia de “câncer” e “peste gay”, isto é, a aids foi associada imediatamente em seus primeiros anos à homossexualidade, em uma sobreposição semântica que sinonimizou vírus, doença e vítimas. Por que então “câncer” e “peste gay”? A aids foi nomeada como câncer, pois degenerava o corpo com marcas explícitas na pele (e o sarcoma de Kaposi é considerado um tipo de câncer) e ao mesmo tempo peste, pois transmissível, impondo um risco social de caráter epidêmico. Essa iconografia centralizava a homossexualidade como protagonista. As epidemias de aids foram, portanto, marcadas por guerras de natureza multissemiótica, pois os ativistas que lutavam contra a aids, principalmente nas duas primeiras décadas da crise, também utilizaram como recurso diversos produtos multimodais em suas ações. Este trabalho pretende analisar, a partir de uma perspectiva analítica de viés interdiscursivo, como ativistas/youtubers/digital influencers brasileiros que utilizam a plataforma de compartilhamento de conteúdo e rede social multimídia Youtube em canais cuja temática seja HIV/Aids no Brasil representam a si, pessoas vivendo com HIV, e a temática da aids. Dos thumbnails (miniaturas) e suas imagens estáticas ao conteúdo dos vídeos após o clique, esta investigação mapeará as estratégias e recursos sociosemióticos de uso da imagem do rosto e do corpo soropositivo em contraposição às imagens lúgubres de outrora. Para tal empreitada, serão acionados conceitos, métodos e categorias analíticas pertinentes ao repertório teórico-metodológico dos Estudos Críticos do Discurso, em especial os eixos Dialético-Relacional (FAIRCLOUGH, 1992; 1999; 2003; 2010) e o da Multimodalidade (Kress; Leeuwen, 2006; Leeuwen, 2021).

Palavras-chave: Aids, Discurso, Identidades, Multimodalidade, Ativismo Digital

Como as marcas de luxo redesenham o seu consumo simbólico a partir de causas sociais

Tamiris Abib (Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil)

Devido ao enfraquecimento do poder regulador das instituições ao longo do tempo, é observada uma correlativa erosão da autoridade das normas coletivas e, assim, perguntas cruciais passam a serem respondidas mais pela aquisição de bens e pela publicidade das marcas (Canclini, 2010). O frenesi eufórico que alimenta a busca pelos sonhos acentuou a ideia de buscar pertencimento e identificação a um grupo através de símbolos visíveis e visuais através do consumo (Douglas, 2013). O consumo baseado em um hedonismo e exacerbação do eu, na busca de exprimir uma personalidade e promover uma determinada imagem pessoal, preserva razões por autossatisfação e, a ideia do mundo transitório exacerba o gosto pelas raízes e pela ‘eternidade’ – símbolos que são encontrados no luxo, assim como autenticidade, representatividade e emoção (Lipovetsky & Roux, 2018), assim como o ser bem visto, quisto e aceito em suas relações e sociedade. Na presente comunicação discutiremos a ideia de consumo simbólico anexado a ideais de distinção e participação social através de ativismos (Domingues, 2018), com a premissa de que bens são parte visível de uma cultura e representam identidades. Assim, para os indivíduos, o consumo pode significar o espelhamento das necessidades e anseio pelas satisfações e sensações de uma sociedade, além de seu transparecer ao mundo. Em um cenário atual de ativismo intenso, o consumo é mimetizado, então, a representar significados para quem consome, mimetizando uma representatividade de causas, ativismos e, também, para se tornar também melhor percebido e recebido, de acordo com seus interesses, em determinados grupos sociais (Bourdieu, 2011). O que está sendo produzido de sentido, resistência e cultura, dentro do cenário do luxo, para consumirmos, como representação simbólica de nós mesmos e de nossas resistências e posições? O intuito do trabalho é mostrar, por uma análise de fotografias de campanhas publicitárias atuais como o luxo se redesenha a partir de causas sociais, de inclusão e resistência, para transgressão de ideias e representação de identidades. O objeto de estudo toma forma pela análise fotográfica de uma campanha da marca Gucci e como, visualmente, o discurso ofertado pela marca abrange questões de gênero e sexualidades a partir de sua seleção de modelos e do posicionamento dos corpos em uso para as fotografias em questão. A importância desta análise vislumbra a ampliação de sentidos e significados para a inclusão de gêneros, visto que a produção de sentido não é fixa e é social e culturalmente construída (Hall, 2016). Para que os significados sejam construídos, o debate e a análise precisam ser fomentados. As marcas de luxo, principalmente a Gucci, têm levantado bandeiras a favor da inclusão e tornado a “diferença”, similaridade. Para esta discussão, o referencial teórico aqui proposto tensionará ideias sobre cultura e representação de Stuart Hall com consumo simbólico de Douglas e Canclini e distinção e limites de campo tratados por Bourdieu, além, também, de ideias de autores contemporâneos e congressistas que trazem questões sobre ativismos, resistências e inclusão.

Palavras-chave: cultura, ativismo, consumo, luxo

Feminismo e antifeminismo no TikTok durante a Pandemia de Covid-19

Agda Baeta, Bruno Frutuoso Costa & Rita Basílio Simões (Universidade de Coimbra)

As mudanças sociais e políticas na contemporaneidade são acompanhadas de desigualdades socioeconómicas, socioculturais e sociopolíticas que, com frequência, parecem manter as lógicas de desigualdade do passado e, além disso, fomentar novas formas de discriminação, violência e extremismos. Nas chamadas sociedades em rede, marcadas pelo recurso a meios de comunicação interativos e pelo acesso pretensamente universal a diferentes tipos de media sociais, vemos, muitas vezes, o feminismo e a misoginia articularem-se e gerarem dinâmicas complexas (e.g. Gill, 2016; Banet-Weiser, 2018). Nessas dinâmicas coabitam a misoginia e o feminismo popular que, estando ancorados em uma trajetória capitalista de sucesso, acabam menos por desafiar do que consentir e reforçar valores dominantes baseados na heteronormatividade.

Durante a Pandemia de Covid-19, o recurso às tecnologias digitais e a diversos tipos de aplicações móveis, incluindo de autovigilância (Simões, Amaral & Santos, 2020) acentuou-se, oferecendo novas oportunidades de inspecionar como a ação conectiva e diferentes dinâmicas entre feminismo, feminismo popular e misoginia podem ser interrelacionadas. O TikTok, em particular, que foi, em 2020, durante a primeira fase da pandemia, a aplicação mais descarregada, com 850 milhões de downloads (Jornal Económico, 2021) e que, em 2021, manteve níveis elevados de popularidade, afigura-se como um objeto de estudo estimulante.

Nesta comunicação, centramo-nos, precisamente, no TikTok, plataforma que apresenta conteúdo gerado pelos utilizadores na forma de vídeo com até um minuto de duração. Partindo de uma perspectiva interseccional feminista e recorrendo à análise de conteúdo, examinamos os 100 vídeos mais destacados nas hashtags #feminismo e #antifeminismo, às quais correspondem um total de 2,4 biliões e 25,9 milhões de visualizações, respetivamente no período temporal entre 25 e 26 de janeiro de 2021. Os resultados são pouco animadores. Do total de publicações, 82% são provenientes de contas pessoais que abordam temas, tais como igualdade de género (23%), feminismo (21%) e aborto (10%), maioritariamente através de vídeos que reproduzem e reificam estereótipos.

Palavras-chave: Feminismo, Antifeminismo, Misoginia, Participação, TikTok

Corporalidades, poéticas e historicidades: o Memorial de Dança da UFBA

Maria Sofia Villas Boas Guimarães, Ivana Bittencourt dos Santos Severino & João Riso Souza Liberato de Mattos (Universidade Federal da Bahia)

Nesta comunicação, apresentamos algumas das reflexões que permeiam o projeto de criação de um Centro de Memória da Dança. Os centros de memória, vinculados às instituições públicas e privadas, assim como os estudos sobre arquivos pessoais, se proliferam no Brasil a partir da década de 1980. As questões como memória coletiva,

disputas pelas memórias, lugares de memória, entre outros, complementam ou retroalimentam as discussões a respeito das “relações entre o público e o privado, entre o individual e o coletivo, entre o subjetivo e o objetivo [...]” (Camargo; Goulart, 2019, p. 39).

A falência de um modelo de narrativa de construção de um passado nacional comum, a partir da década de 1970, dá lugar para o surgimento de múltiplas memórias de diferentes sujeitos individuais e coletivos. Seus desdobramentos vão se intensificar e ganhar legitimidade a partir da década de 1980, fazendo emergir uma noção de cidadania ligada à memória e ao pertencimento locais, identitários, diversos. Como apontam diferentes pesquisadores, são memórias heterogêneas e que não possuem a necessidade de serem compatíveis entre si. Memórias que interditam determinados esquecimentos (Ramos, 2010; Ricœur, 2010) e que, conseqüentemente, ampliam os desafios impostos aos profissionais arquivistas, historiadores, museólogos, entre outros do campo da cultura, da identidade e do patrimônio.

Nesse fluxo, há uma proliferação dos Centros de Memórias no Brasil, não apenas como espaços para lembrar e contar histórias, mas espaços em que se acionam memórias. O projeto de criação do Memorial de Dança da UFBA nasce desse entendimento da urgência de um projeto de salvaguarda dessa memória, principalmente ao se observar o espaço lacunar de acervos de Dança no Brasil e a ausência de políticas públicas voltadas para a criação e/ou manutenção de acervos em Dança – sintoma agudo do desaparecimento dos rastros da Dança em sua trajetória no Brasil. Sem contar a perda de arquivos pessoais de artistas da Dança, fundamentais para estudos e pesquisa historiográficas na área.

Desse modo, buscamos levantar e analisar dados que possibilitem o registro dos grupos artísticos da Escola de Dança da UFBA; identificar acionamentos que estão na natureza da trajetória das ações extensionista da primeira Escola de ensino superior de Dança no Brasil, criada em 1956; refletir e articular ações desses grupos com questões inerentes ao desenvolvimento da Dança Experimental no Brasil. Vale ressaltar, a função social do Memorial de Dança, que tem a finalidade de “aproximar a Dança da sociedade trazendo reflexões sobre a natureza desse conhecimento, corporalidades, poéticas, historicidades, criando diferentes historiografias em nexos de identificações com o público, inventando reafirmando um lugar no qual a memória é acionamento do corpo” (Guimarães, 2020).

Palavras-chave: Centro de Memória, Dança, Arquivos institucionais

As leis da captura da atenção nas plataformas digitais: Facebook, Instagram, Tik Tok, Twitter e Wikipédia

Pedro Rodrigues Costa (Universidade do Minho, Portugal)

No entender de Bruno Patino (2019), capturar a atenção tornou-se uma ciência: a captologia. Para Srnicek (2017), a captura da atenção faz gerar um mercado que se encontra no interior do capitalismo informacional contemporâneo e que se organiza, fundamentalmente, em torno de plataformas digitais. Martens (2016) considera que esta lógica de plataformização sobrevive financeiramente porque tem uma captologia avançada do ponto de vista financeiro. A saber: 1) plataformas que são remuneradas por “publicidade” (Facebook, YouTube, Instagram, Twitter, etc.); 2) plataformas que se

destinam a “aproximar” diretamente compradores e vendedores (Amazon, eBay, etc.); 3) plataformas que “facilitam” operações financeiras (e.g. PayPal, etc.).

Para fazer “publicidade”, “aproximar” ou “facilitar”, estas plataformas necessitam de capturar a atenção primeiro para depois modificar e modelar o comportamento de acordo com objetivos muito mais financeiros do que sociais – daí a ideia de “dilema social”. A metáfora da colmeia, totalmente interconectada e controlada, faz confrontar ou interligar poderes entre todo o tipo de governos e empresas de alta tecnologia, alinhando comportamentos à medida de interesses premeditados (Zuboff, 2020).

Do ponto de vista social, há uma teia de usos e gratificações possibilitados por estas plataformas, fazendo da experiência quotidiana qualquer coisa que se assemelha a uma experiência de jogo RPG (Role-playing game) – surgem estímulos para a interpretação de papéis. O utilizador, o amigo, o profissional, o filho, o pai, o aluno, o consumidor, o cidadão de determinada nacionalidade, o fã de uma banda ou de um clube de futebol, entre diversos outros papéis, é convocado a responder a estímulos variegados sobre assuntos que os algoritmos detetaram como importantes para o sujeito. Jemielniak (2020) considera que as grandes plataformas digitais são, em geral, poderosos MMORPG – jogos multiplayer online, amplamente populares. do Facebook ao Twitter, passando pela Wikipedia ou pelo Instagram, há um movimento social de construção de sentidos e de informações que se divide entre uma colaboração de boa-fé (partindo do princípio de que a má-fé é considerada desinformação deliberada ou mesmo vandalismo informacional), comportamentos pró-sociais e as inevitáveis lutas políticas, tensões e reflexos de preconceitos sociais (Reagle, 2010; Tkacz, 2015; Rijshouwer, 2019; Hill & Shaw, 2020). Como tal, os participantes desse “RPG” (plataforma digital) desempenham um papel dinamizador nesse jogo quotidiano, imitando, contra-imitando e reproduzindo lógicas de jogo e de competição social nos mais diversos esquemas mundanos.

Tendo em consideração o exposto e convocando Gabriel Tarde (1978) e as suas “Leis da imitação” (Costa, 2021), entendemos que estas dinâmicas formam, também, no interior das plataformas digitais, um conjunto de “leis”, quer dizer, estruturas sociológicas ativas e passivas na captura da atenção. Existem “leis” de âmbito geral, que se aplicam a todas as plataformas digitais em geral, como esquemas algorítmicos ativos e passivos; mas também “leis” específicas e próprias das diferentes plataformas. É dessa dinâmica que queremos dar conta nesta comunicação, anunciando-as e descrevendo-as como um dos grandes vértices da cultura digital atual.

Palavras-chave: captologia, captura da atenção, leis, plataformas digitais

Paganismo técnico e derrota: um estudo sobre a modernidade

Ricardo Zocca (Universidade do Minho, Portugal)

Se considerarmos uma perspectiva histórica da humanidade, o momento atual é um período de opulência sem igual. Fomos capazes de combater e de virtualmente eliminar as maiores mazelas que atingiram nossa espécie por milênios, graças a coabitação do objeto técnico à vida humana, aliado às composições políticas e econômicas que reorganizaram diversas vezes o modo de vida.

Usufruímos de uma qualidade de vida técnica mais favorável, mas observamos uma rápida derrocada quando o assunto é a qualidade da vida mental e social. Quais são os

sinais de declínio que a pós-modernidade dá? Onde procurar tais sinais? Como e quando será o momento da queda completa?

Todo esse progresso também tem a sua contrapartida e este apelo crescente ao tecnicismo também é capaz de ceifar novos avanços, além melindrar a nossa própria capacidade de imaginação de uma sociedade melhor. O próprio método científico e a compartimentalização crescente do conhecimento também funcionam como barreiras para o entendimento deste problema que é transversal.

Neste estudo nos focamos na transição da modernidade para a pós-modernidade, aliando também perspectivas históricas da humanidade para a identificação de sintomas sociais atuais. Dentre os sintomas identificados, estão o aumento de doenças mentais como a depressão ou burnout (esgotamento), uma mudança radical na percepção tradicional da morte, um sentimento de exclusão social, acompanhado da convicção de perda da humanidade pelos humanos.

Esta problemática encontra-se, em grande parte, na passagem do analógico para o digital, onde a conquista do tecnicismo em várias partes da vida, desde o trabalho, o lazer e até mesmo na morte, apela para um aspecto produtivo das pessoas, convertendo-as em números, focados na constante geração de dados. A expansão do dimensionamento econômico-financeiro para todos os setores da vida, incluindo a arte e as noções de identidade e pertença, geram o paganismo técnico, conceitualizado por Maffesoli (2002). A própria mensuração das economias e da qualidade de vida das pessoas advém de uma maior confiança nos números, que não refletem necessariamente realidades a serem assinaladas. A dificuldade ainda se estende porque até mesmo o que não tinha valor geral atribuível, como a arte ou a vida, passa a vergar-se para o número num processo em que os artistas se preocupam cada vez mais com o impacto de sua obra e como será recebida pelo público, isso é refletido no domínio de grandes gravadoras ou produtoras de cinema que deixam pouca margem para o artista fugir de fórmulas pré-estabelecidas, em nome do sucesso comercial, em um processo expansivo, implacável e acelerado.

Palavras-chave: Cultura de mídia, Pós-Modernidade, Tecnicismo, Sociedade, Economia

Sessões Paralelas 4

GT1 Painel: Migrações, mídia e ativismos

Sala de Atos do ICS

Migrações, mídia e ativismos decoloniais: desafios de um programa de pesquisa-ação

Rosa Cabecinhas, Isabel Macedo & Júlia Alves Brasil (Universidade do Minho, Portugal)

As migrações constituem um dos desafios mais cruciais da atualidade. As narrativas mediáticas sobre migração contribuem amiúde para reforçar fronteiras entre ‘nós’ e os ‘outros’, baseando-se no uso de linguagem específica que muitas vezes silencia e desumaniza os migrantes, retratando-os ora como vítimas ora como ameaça.

O projeto de investigação MigraMediaActs visa colmatar algumas lacunas na investigação científica sobre narrativas da migração que circulam nas esferas públicas em língua portuguesa, adotando uma abordagem situada e interseccional, nomeadamente no que toca às intersecções entre grupos definidos por critérios raciais, género e classe, tendo

em conta as identidades múltiplas e as transformações sociais recentes. Em particular, visa colmatar estudos sobre a participação dos migrantes nos média, nomeadamente sobre como as pessoas migrantes usam os média para expressar as suas experiências, desconstruir fronteiras simbólicas e fomentar a descolonização do conhecimento. Ao dar visibilidade social a diferentes pessoas e grupos, os média podem desempenhar um papel central na promoção de imaginários decoloniais.

Este projeto de investigação tem como objetivo analisar conteúdos mediáticos em língua portuguesa, procurando compreender o modo como diferentes atores sociais (e.g., ativistas, associações, jornalistas, realizadores, etc.) contribuem para os processos de descolonização de paisagens mediáticas. Trata-se de um processo complexo, multifacetado e sensível, com múltiplos impactos sociais. Assim, o nosso projeto assume dois desafios principais. Por um lado, contribuir para uma maior visibilidade e reconhecimento das pessoas que ocupam um lugar de alteridade no contexto português, enquanto agentes ativos na transformação social e na construção de futuros justos e inclusivos. Por outro lado, promover a descolonização dos estudos da comunicação, do jornalismo e dos média em geral e potenciar relações construtivas entre os diversos agentes que intervêm nestes processos (cineastas, jornalistas, artistas, ativistas, etc.), de modo a encarar a diversidade como instrumento de transformação social, o que exige um esforço de reflexão crítica sobre os média, as migrações e os ativismos. Nesta comunicação, iremos discutir algumas das tensões e das ambivalências concetuais, sociais, económicas e políticas inerentes ao exercício da descolonização do conhecimento.

A partir de uma perspetiva situada e interseccional, considerando a complexidade das dinâmicas identitárias nas sociedades contemporâneas, o nosso projeto de pesquisa consiste em um conjunto de tarefas articuladas que visam, entre outros aspetos, contribuir para interrogar conhecimentos, pensamentos e sentidos sobre nós e sobre o mundo.

Palavras-chave: migrações, media, ativismos

Media alternativos e ativismos decoloniais: uma dialética em construção

Paula Lobo & Carla Cerqueira (Universidade do Minho e Universidade Lusófona, Portugal)

A proposta de comunicação aqui apresentada enquadra-se num projeto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sob o tema “Migrações, media e ativismos em língua portuguesa: descolonizar paisagens mediáticas e imaginar futuros alternativos”.

Partindo do reconhecimento da importância da garantia de um acesso equilibrado à esfera pública por parte de todos os grupos sociais, como pressuposto para o bom funcionamento de uma democracia equilibrada, iremos debruçar-nos sobre o potencial dos meios de comunicação alternativos para disseminar narrativas diversificadas que possam aprofundar a participação e o exercício de cidadania, das contra esferas públicas associadas às comunidades migrantes e às pessoas racializadas no debate sobre o bem comum. Esta análise do potencial dos media alternativos tem como propósito perceber se estes têm vindo a contribuir para garantir a presença das vozes dos grupos que representam no debate público sobre o bem comum.

Num primeiro momento, será apresentada uma reflexão sobre o conceito de media alternativos, tendo por base a atual literatura disponível nesta área para, posteriormente, nos reportarmos, mais em concreto, à problematização do papel destes meios alternativos, no plano digital, tendo em conta o contexto nacional português.

Centraremos o nosso foco nos media alternativos digitais relacionados com ativismos descoloniais que incluam migrantes ou pessoas racializadas nas suas estruturas editoriais e, também, nas redes sociais de maior expressão

Num segundo momento, o nosso olhar centrar-se-á particularmente em media que contribuam para a exploração de narrativas simbólicas de desordem sobre migração e que coloquem nas suas agendas os interesses, preocupações e reivindicações destas contra esferas públicas associadas aos ativismos descoloniais.

A ideia será desenvolver um primeiro mapeamento dos medias alternativos associados a ativismos descoloniais em Portugal e da respetiva participação de migrantes e pessoas racializadas na produção de conteúdos para estes meios.

Esta comunicação pretende oferecer uma reflexão sobre o atual potencial destes meios digitais alternativos para desafiar ideias e conceitos que contribuem para a perpetuação de desigualdades que, ao longo da História, têm vindo a ser cristalizados nos discursos dominantes com efeitos significativos na invisibilização e silenciamento das vozes e dos contributos dos elementos destes grupos sociais.

Palavras-chave: ativismos descoloniais, migrações, media alternativos, esfera pública, cidadanias

Ativismos migrantes: caminhos de uma investiga-ação

Gessica Borges & Ana Cristina Pereira (Universidade do Minho e Universidade de Coimbra, Portugal)

Embora vivamos em tempos alegadamente pós-coloniais e pós-raciais, as pessoas percebidas como brancas ainda são consideradas o referente neutro para a humanidade, uma vez que as formas que estabelecem as relações sociais e como o poder circula têm a marca da colonialidade. Neste contexto, os modos de Outrificação são diversificados e passam pela racialização dos grupos percebidos como não brancos. A racialização, por sua vez, consoma-se na desumanização do Outro racializado. O projeto de investigação MigraMediaActs tem como objetivo analisar conteúdos mediáticos em língua portuguesa, procurando compreender como se desenvolvem os processos que procuram descolonizar paisagens mediáticas; e o modo como diferentes atores sociais (e.g., ativistas, associações, jornalistas, realizadores) contribuem para esses processos. Em suma, busca-se compreender as estratégias utilizadas por migrantes e grupos racializados para promover uma sociedade mais inclusiva.

Uma das tarefas empíricas do projeto (T3) nomeada “Ativismos Migrantes”, visa compreender os processos de desoutrificação desempenhados por activistas da sociedade civil que são migrantes ou membros de grupos racializados em Portugal, considerando o mundo Pós-Imperial (do Brasil, Timor-Leste e países africanos de língua oficial portuguesa), e o Povo Cigano, que apesar da sua cidadania é socialmente percebido como estrangeiro. Busca-se compreender as estratégias utilizadas por estes

sujeitos e/ou coletivos para promover 'comunidades inclusivas de pertença'. Utilizando-se estratégias metodológicas diferentes, a pesquisa-ação pretende focar-se em dois eixos: 1) a consulta e análise dos média e meios de comunicação sobre associações e eventos existentes, além de materiais produzidos por ativistas e associações, e 2) entrevistas com histórias de vida que depois serão sujeitas a uma análise multimodal, através de lentes interseccionais e descoloniais.

Esta comunicação visa refletir sobre esta tarefa, seus desafios e caminhos possíveis, considerando a necessidade de trabalhar a partir de uma perspectiva de pesquisa-ação, com envolvimento ativo junto esses sujeitos, não só para fins académicos, mas também para contribuição efetiva com suas causas.

Palavras-chave: ativismos migrantes, decolonial, migrações

Alcindo: Resistir aos legados de racialização num Portugal pós-colonial

Sheila Khan (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal)

Em Portugal escasseiam os estudos em torno do crime racial como um espaço de reflexão histórica, social e cultural. Não obstante os esforços de um ativismo social e cívico, são pouco visíveis os esforços de se encarar os crimes raciais como fenómenos relevantes para compreender a sobrevivência de legados e percepções racializantes sobre o Outro na sociedade portuguesa. Recentemente, este compromisso foi assumido por Miguel Dores, realizador do primeiro documentário sobre o crime hediondo praticado contra a vida de Alcindo Monteiro, cabo-verdiano, barbaramente espancado até à morte por skinheads no centro de Lisboa, ironicamente, no dia 10 de Junho de 1995, há precisamente 27 anos. Celebramos o trabalho de Miguel Dores, que a partir do seu documentário convida-nos a criticamente refletir o lugar do Outro numa sociedade dita de pós-colonial. Com rigor, esta obra documental serve como ferramenta para sinalizar e enfatizar as lutas anti-racistas urgentes não apenas para este crime, mas para outros crimes raciais que surgiram após a morte de Alcindo Monteiro.

Por conseguinte, o presente trabalho tem por objetivo olhar o documentário entre outras ferramentas do real, para mapear e sinalizar, por um lado, os legados de racialização e de colonialidade tardias em países ex-colonizadores e, por outro lado, demonstrar o papel do documentário como uma plataforma de uma cidadania em exercício, de um dever de não esquecimento, de resistência e, claramente, de reparação histórica.

Palavras-chave: Memória, legados, racialização, ativismo, reparação histórica

O cinema brasileiro contemporâneo e a crença nas imagens

Michelle Sales, Irislane Mendes & Leonardo Gonçalves (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

Considerando que a repolitização do cinema brasileiro é um aspecto importante na produção audiovisual realizada, sobretudo, a partir da segunda década do século XXI, esta comunicação esforça-se por refletir sobre as formas, estilos e linguagens adotados pelo

cinema brasileiro contemporâneo, e reivindica, juntamente com os filmes analisados, a crença nas imagens e no seu potencial de engajamento e de representação. Nosso olhar recai sobre duas vertentes: o curta-metragem *Periféricú* realizado por jovens LGBTs, vindos das regiões “periféricas” de São Paulo. Nossa análise argumenta que como contraponto à representação do popular nas décadas passadas, *Periféricú* mostra-se como possibilidade de um cinema decolonial, construído dentro da multiplicidade de vozes e urgências. Questões de gênero, raça e classe social propõem uma discussão acerca de temas considerados ainda tabus, ao questionarem padrões e agregarem “minorias”. Nossa hipótese é a de que a dimensão dessa coletividade faz com que identidades não contempladas se sobressaiam, desfazendo estereótipos através de narrativas polifônicas. Além deste, analisaremos o documentário *Chão* (2019), de Camila Freitas, pensando na forma como este cinema político é capaz de questionar, subverter e problematizar os antigos esquemas e estereótipos de representação, trazendo novos desafios ao documentário. A diretora de *Chão* propõe caminhos alternativos à usual representação do documentário clássico, constituindo modos sensíveis de apreensão da ação política e identidade do MST do ponto de vista estético. Destaca-se a valorização da encenação livre e espontânea dos militantes do MST, conferindo maior dignidade e potência aos seus gestos. Como aporte teórico pensamos a metodologia de análise estilística desenvolvida por Bordwell (2013), além das contribuições de Migliorin (2011) e Rancière (2009) no intuito de investigar as estratégias sensíveis e discursivas responsáveis por manifestar não apenas a luta do MST, como também dotar esse movimento de sensibilidade, humanidade e beleza estética.

Palavras-chave: cinema brasileiro, cinema contemporâneo, relações étnico-raciais, gênero, documentário

GT3 Média, expressões culturais e representações Auditório Multimídia de Educação

A mediatização do “racismo”? Análise a partir da representação dos casos Marega, Webó e Diakhaby nas primeiras páginas da imprensa nacional e internacional

Fábio Ribeiro & Susana Pimenta (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Universidade do Minho, Portugal)

O racismo é um assunto candente nas sociedades contemporâneas. Por um lado, o desporto e o futebol, em particular, configuram espaços relevantes de expressão individual e coletiva. Por outro, é nestes ambientes de grande concentração de pessoas e culturas que surgem grandes desígnios sociais, apoiados por campanhas de promoção da prática desportiva saudável, que extravasam, na verdade, a saúde física. A UEFA e a FIFA, apenas para citar alguns exemplos, desenvolvem frequentemente campanhas nos relvados internacionais onde a expressão “No to Racism” é utilizada. Os média, e o jornalismo em concreto, participam ativamente na construção da compreensão destes fenómenos, sobretudo em situações mais polémicas. Neste sentido, esta comunicação pretende refletir sobre a dimensão mediática do racismo no futebol, a partir da primeira página dos jornais, relativamente a três episódios amplamente noticiados, em 2020 2021, e que envolveram três futebolistas negros: Moussa Marega, Pierre Webó e Mouctar

Diakhaby. Optou-se por uma metodologia qualitativa, com a análise formal e textual de um corpus selecionado das primeiras páginas de jornais generalistas e desportivos, nacionais e internacionais, como Record, Marca, AS, SuperDeporte, Daily Mail, entre outros. Através da análise do corpus deste estudo, sugere-se um paradoxo relevante: a linguagem dos média potencia a condenação de alegadas práticas racistas, marcada pela solidariedade para com as vítimas e a denúncia dos eventuais responsáveis por crimes públicos, perante as leituras ligeiras e menos gravosas das entidades legais e jurídicas – civis e desportivas – que praticamente desresponsabilizam os incidentes.

Palavras-chave: racismo, desporto, futebol, imprensa, primeira página

Passa-se alguma coisa estranha aqui! O movimento das editoras indie lisboetas dos anos 2010 e reestruturação cultura em Lisboa

Luiz Alberto Moura (Universidade do Minho, Portugal)

Este trabalho pretende avaliar, numa linha dupla de ação, os impactos sofridos e os causados pelo que ficou conhecido como movimento Geração à Rasca: jovens que fazem parte de uma leva que convivia com a falta de perspectivas causada pela grave crise econômica em meados dos anos 2000. Estar 'à rasca' significa estar sem perspectivas, sem possibilidades. O panorama fez com que uma numerosa parcela jovem da população tivesse que encontrar métodos criativos de trabalho e de lazer e, também, de carreiras. Aqui falaremos das coletividades formadas em torno de editoras discográficas indie como Cafetra Records, Xita Records e Spring Toast, que lideraram, já na década passada, movimentações culturais em Lisboa na forma da democratização da atividade musical na sua prática, produção e edição. A criatividade conectada com métodos mais qualificados transformou o panorama musical da cidade, abrindo novos espaços e fazendo assim emergir novas bandas e artistas. Foi e continua sendo um esforço em torno de um sistema alternativo de promoção, edição e distribuição que pudesse se sustentar. Com isso, surgem novas formas de tratar o processo musical, criando carreiras, desenvolvendo aptidões.

Esse movimento parte também da tendência desse tipo de editora em se tornar mais profissional no começo do novo século, visto o desinvestimento das grandes companhias do ramo em artistas sem retorno certo. Essas editoras precisaram se organizar, se estruturar, para poderem manter ambientes sustentáveis de cultura, de música, de arte em geral, dando voz a artistas e bandas à margem do que chamamos de mainstream, para criarem espaços não paralelos, mas intermédios, entre o underground e o grande mercado. São jovens que aprenderam de forma autodidata como gerir um coletivo que surge com o intuito de – como de costume – dar vida aos projetos musicais do grupo e de amigos próximos. Dividem salas de ensaio, de gravação, promovem festas e editam discos em conjunto, não raro com músicos de um selo participando em álbuns de outros. Esses grupos sociais se afirmam pela diferença em relação à grande indústria cultural por seus valores, crenças, símbolos, estilos e música". Assim, a música tem a habilidade de configurar sentimentos de pertença a um lugar, gerando imagens deste fazendo com que o território seja explorado de forma consciente.

O trabalho calcado no coletivismo, ou 'do-it-together', no processo de redes, fez surgir esses projetos direcionados por uma visão 360°, promovendo e acompanhando novos

artistas desde o início das suas carreiras. Também são ligados a produtoras e agências, como Maternidade e Filho Único fazendo de palcos da capital encontros de nova música e novas relações.

São circuitos baseados nos conceitos de mundos da arte e de redes (não sem conflitos). São um tipo de estrutura, que agrega gravação, edição, agenciamento e demais necessidades de uma editora que não é inédito. Surgem como consequência das novas formas de organização, mais próximas, mais comunitárias, criadas perante a nova realidade da indústria musical.

Palavras-chave: democratização, crise, profissionalização, territórios, Lisboa

Sono, sonho ou anestesia? A campanha publicitária “O amigo impossível” e a intensificação dos estímulos na cibercultura

Roberto Oliveira (Universidade do Minho, Portugal)

É Natal e uma menina sonha com um boneco de neve. O sonho parece impossível. Os pais, empenhados em realizar o desejo da filha a todo custo, traçam planos. Dedicam-se com afinco. Produzem uma fantasia e vestem-na performaticamente, mas a filha não se satisfaz. Decidem escupir um boneco de gelo e passam a noite na garagem a colocar à prova suas habilidades devido à difícil tarefa. Concluída, a surpresa decepciona. A filha continua triste. Na manhã seguinte, finalmente vê-se a menina a correr alegremente, satisfeita com um perfeito boneco de neve em seu quintal. A façanha é revelada quando a criança retira dos olhos os óculos de realidade virtual. O presente que finalmente a satisfaz. E a frase de desfecho da campanha surge na tela e em voz off: “Neste Natal, não há ligações impossíveis”. Esta campanha publicitária, intitulada “O amigo impossível”, foi veiculada em canais de TV em Portugal no período do Natal de 2021. Pretende-se, por meio de uma análise semiótica, encontrar relações de tal campanha com aspectos constitutivos do imaginário contemporâneo cibercultural, a partir de uma reflexão sobre a ideia de “anestesia”, passível de ser verificada em textos de autores como George Simmel, Guy Debord, Jonathan Crary e Moisés de Lemos Martins. George Simmel (1973) pensava a modernidade a partir da sua dimensão sensorial, já que os novos meios de transporte, a eletricidade, a construção civil, a indústria, os jornais, o entretenimento constituíam um novo arranjo do cotidiano, determinado pela lógica metropolitana. A abordagem sensorial de Simmel ecoou em pensadores como Walter Benjamin e Siegfried Kracauer, mas é possível encontrar pontos de contato das teorias de Simmel com obras que viriam a surgir muitas décadas depois, em diferentes momentos, como “Sociedade do espetáculo” (2006), de Guy Debord e “24/7: capitalismo tardio e o fim do sono” (2016), de Jonathan Crary. Enquanto Simmel, em 1902, chamava a atenção para o blasé como comportamento sintomático do sujeito moderno anestesiado pela absorção psíquica da alta carga sensorial, Guy Debord afirma, em 1967, que o espetáculo é o “guarda do sono” da sociedade. Sono que pode ser interpretado como anestesiamento, o qual o espetáculo, a partir do envolvimento sensorial das tecnologias da imagem, trata de garantir. Em 2013, Jonathan Crary escreve sobre uma das últimas fronteiras do mercado: o sono. Ou melhor, a privação deste. Mas o “sono” de Crary não é o mesmo “sono” de Debord. Para este último, o “sono” é metafórico, por isso a relação possível com “anestesia”. Crary, por outro lado, fala literalmente do sono como necessidade

fisiológica da vida, período de suspensão da vigília. Avançar sobre o sono seria, portanto, potencializar o efeito anestésico e ampliar, assim, a exposição sensorial dos sujeitos. Para fins de fundamentação da análise que se pretende, buscar-se-á encontrar correspondências desta perspectiva transversal do anestesiamento com a ideia de “crise do sentido”, presente na reflexão de Moisés de Lemos Martins sobre a “mobilização infinita” (que altera a apreensão das experiências do cotidiano devido à velocidade de consumo, trocas e partilhas induzida pelas tecnologias na era da cibercultura) provocada pela ubiquidade tecnológica de uma era mergulhada no imediato.

Palavras-chave: Sono, Anestesia, Intensidade, Sensorial, Cibercultura

O impacto das plataformas digitais na difusão da cultura de responsabilidade social: o caso das universidades

Sónia Silva (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal)

Durante a última década, o conceito de Responsabilidade Social Organizacional tem vindo a atrair atenção de académicos e profissionais. Este é um tema de relevância comprovada na comunidade científica internacional e cujo interesse parece ter-se acentuado no último ano.

Ao longo da história, as universidades têm sido reconhecidas como portos seguros, principalmente em contextos socioeconómicos desafiantes, como aquele a que temos assistido, fruto da pandemia provocada pela Covid-19 (Carden & Young, 2020). Dado o seu potencial para criarem e difundirem conhecimento, as instituições de ensino superior tornaram-se lugares de referência dos quais se esperam boas práticas, atitudes transparentes e soluções inovadoras para o ambiente, para a saúde, para a pobreza, etc. (Silva, Ruão & Gonçalves, 2021).

Numa conjuntura em que se nota a concorrência no ensino, a redução dos apoios do estado, a necessidade de financiamento externo, o apelo ao empreendedorismo académico (pela apoio à criação de spin-offs ou pela intensificação de patentes resultantes de descobertas científicas, por exemplo) e a exigência de uma atitude ética e transparente, as competências de comunicação saem valorizadas, cabendo-lhes fomentar o cumprimento da missão das universidades, a qual parece depender da interação constante com os públicos institucionais, que são cada vez mais diversos e mais exigentes.

É neste contexto que inscrevemos o presente estudo. Partimos da premissa comprovada pela literatura de especialidade de que as universidades públicas são instituições que, nos seus traços genéticos, carregam importantes responsabilidades para com o desenvolvimento da sociedade, dada a sua missão de produção e transferência de conhecimento. De acordo com esta ideia procuramos perceber como é que as universidades públicas procuram promover a sua cultura socialmente responsável, tendo por base a informação publicada nos seus websites.

Para isso, utilizámos uma metodologia de carácter qualitativo mediante a realização de uma análise ao conteúdo dos websites de quatro universidades públicas portuguesas – Universidade da Beira Interior, Universidade de Lisboa, Universidade do Minho e Universidade do Porto. Os resultados obtidos demonstram que todas as universidades analisadas parecem estar interessadas em demonstrar a sua preocupação geral com a

satisfação e o bem-estar de todos os seus públicos. Todavia, ainda que com algumas semelhanças, as quatro universidades interpretem, com algumas diferenças, aqueles que devem ser os seus compromissos sociais, já que se tratam de entidades com histórias, com percursos de crescimento, com localizações e com dimensões bastante distintas.

Palavras-chave: comunicação organizacional, responsabilidade social, universidades públicas, website

GT5 Cultura visual e ação Sala de Reuniões do ICS

A produção do texto como extensão do corpo e do desejo – Caminhos de resistência através da arte e ciência

Felipe Nicori Pereira, Luiz Paulo Carvalho Pires de Oliveira & Natália Barreto de Mesquita (Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales e Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Brasil)

O interesse sobre as formas de comunicação é possivelmente tão antigo quanto a própria humanidade, a importância da produção de textos está presente não apenas nas civilizações antigas como também no século XXI. O “novo século” tem em si tempos de pandemia e conflitos geopolíticos, além de (re)ascensão de lógicas totalitárias e preconceitos, como criar culturas de resistência frente as convocações desse novo tempo? O que pesquisamos e como pesquisamos pode contribuir de forma ativa frente à inquietação do nosso tempo? O objetivo do trabalho é discutir sobre as culturas de resistência nos meios de comunicação e nas artes e de que forma pensar o produzir da ciência como uma forma de resistir. Associando a proposta da discussão com os exemplos encontrados entre os próprios autores, se propõe a criação de um terreno fértil reflexivo para discussão sobre o produzir de um texto como uma forma de extensão do corpo e do desejo, introduzindo o saber cultural em pesquisa com tamanha importância, tanto quanto as metodologias científicas em si. Sobre a produção textual, nas palavras de Albert Camus, “O papel do escritor, ao mesmo tempo, não está separado dos deveres difíceis. Por definição, ele não pode se colocar, hoje, a serviço daqueles que fazem a história: ele está a serviço daqueles que a sofrem” (1957, s.p.), demonstrando desta forma o posicionamento do autor frente às funções da sua própria escrita, como encontrado em suas diversas obras, assim como em sua forma de pensar a posição da qual o escritor ocupa o mundo. Se a resistência está imbuída na cultura, e a ciência tem como objetivo explicar o mundo, de que forma podemos usar os espaços científicos, como o qual propomos a nossa fala (instrumento de extensão de corpo e desejo), para que a nossa voz seja escutada e que transformações culturais, artísticas e sociais sejam viabilizadas?

Palavras-Chave: Cultura, Arte, Texto, Corpo & Desejo

Cartografia do tempo - Arte, design, pensamento e ação

Francisco Mesquita & Madeleine Müller (Universidade Fernando Pessoa e Escola de Propaganda e Marketing, Brasil)

MAP.a é um espaço colaborativo onde pessoas de diversas formações e proveniências de várias geografias se conectam entre si, questionando o tempo presente. A Moda, a Arte e a Poesia são os veículos dessa atitude questionando quem somos, o que consumimos e como o fazemos.

O primeiro MAP.a aconteceu numa das zonas mais deprimidas da cidade do Porto, Campanhã, onde nasceram as galerias Espaço Mira e Mira Fórum. O conceito de transdisciplinaridade desenvolvido para o MAP.a 1, reuniu 8 marcas de moda sustentável, sendo 4 portuguesas e 4 brasileiras, 8 modelos femininos, com idades compreendidas entre os 20 e os 60 anos, poesia sobre o ambiente e música ao vivo acompanhando o trajeto das modelos.

Todas as marcas presentes evidenciaram uma identidade própria, uma filosofia de ser e estar, produzir e se manifestar. A Ablesia (PT), com um conceito minimalista, mulheres fortes, únicas e moda circular; a Kozii (PT), destacando técnicas de impressão milenares, viagem e slowfashion; a Obi Clothing (PT), com o intemporal, tecidos e manufatura nacional; a Dona Rufina (BR), evidenciando a lã que iria para o lixo, fazendo das peça um registo da cultura; o Rico Bracco (BR), enaltecendo o local que se sobrepõe ao global; a Daterra Project (BR), com restos de jeans, mostrando peças a partir de técnicas artesanais e ancestrais; a Marita Moreno (PT), com acessórios que registam o quotidiano; a Ideal & Co (PT), acentuando durabilidade e o uso de matérias-primas sustentáveis; e a Elementum (PT), destacando o Zero Waste, materiais naturais e de baixo impacto. Uma outra moda falou, não sobre produtos, mas sobre pessoas, e essas pessoas integram o meio-ambiente.

Na performance, a cada marca desfilada, um poema, mas não só: além da beleza e da sonoridade, um cruzar de temas atuais. Entre tecidos e passos cautelosos, um poema de alerta, de resistência, de futuro. Cecília Meireles, Luís Vaz de Camões, Carlos Drummond de Andrade, Xie Tiao, Sima Xiangru, Louise Gluck e um anónimo chamaram à atenção, acompanhando cada pausa, cada passo e cada respiração, com a força da palavra.

O que se propõe, para além de uma reflexão dos atores e das fotografias do desfile é um questionamento, abrindo portas onde todos possamos entrar, promovendo olhares múltiplos sobre o caminho que percorremos neste lugar que é de todos, o planeta. Não se pretende tirar conclusões, mas sim levantar questões, através do desfile e respetivas marcas, das modelos presentes, na sua diversidade de vivências, biótipos e idades, dos poemas declamados, trazendo a riqueza e a beleza de se expressar pacificamente, unindo a moda, a música e a poesia. A narrativa visual e verbal pode ser simples como um poema lido olho no olho, frente a frente, na defesa dos valores mais altos para nossa sociedade, buscando a transformação através de pequenas ações capazes de induzir o senso crítico e a percepção de que a moda nada mais é do que um retrato velado de condutas quotidianas e a reverberação das escolhas que fazemos ou que deixamos fazerem por nós.

Palavras-chave: Arte, Design, Moda e ativismo ambiental

Ronaldo Fraga e a tradução de *Grande Sertão: Veredas* para a moda

Bruna Costa Nogueira (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil e Universidade do Minho, Portugal)

Ao falar em tradução a primeira definição que vem à mente é o processo de transcrição de um idioma para outro, é a ação de reescrever um texto em um novo idioma, tomando os devidos cuidados e fazendo as devidas alterações para que o sentido do mesmo não se perca. No entanto, é possível uma tradução que passe um texto escrito ou imagético para outra linguagem, como a musical ou a pictórica, por exemplo. Esse processo também pode ser chamado de Transposição Intersemiótica.

O presente trabalho tem a intenção de apresentar essa relação de tradução da obra Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa para a coleção intitulada A cobra ri, do estilista Ronaldo Fraga. Quando se pensa na relação da moda com as artes é quase sempre das artes plásticas que tratamos, a literatura fica esquecida e aparenta não ter conexão com formas mais visuais de expressão. Entretanto, a literatura, com sua abundância de enredos é uma forte referência na história da arte, com peças teatrais, óperas e produções plásticas inspiradas em suas passagens. Já no campo da moda um dos que fomenta essa relação é Ronaldo Fraga, estilista brasileiro contemporâneo, grande entusiasta da cultura nacional e dos elementos que possam remeter a essas tradições e, justamente por isso, mergulha nos clássicos da literatura e das artes brasileiras, a fim de encontrar materiais e inspiração para suas coleções, apostando nos elementos regionais sem perder o caráter global que a moda demanda. Fraga revisita lugares da história brasileira que muitas vezes estão esquecidos e além de transpor obras literárias também realizou coleções inspiradas em momentos históricos do país, como a coleção Futebol, ou em personalidades das artes e da política, vide as coleções Pina Bausch e Quem Matou Zuzu Angel, sem buscar substituir quaisquer dessas histórias por suas versões fashion. Vidas e a obras não poderão ser substituídas e nem mesmo abarcadas completamente por sua representação em uma coleção, porém, o seu alcance e suas interpretações podem se ampliar a partir dessa nova possibilidade de leitura.

Uma das coleções mais profícuas do estilista é, a já citada, A Cobra Ri, que teve como inspiração a obra de Rosa. Esse que por sua vez é uma tradução do sertão que o próprio autor conhecia e visualizava, já que cada elemento ali presente está posto a partir de sua ótica, de seu método de composição e de como ele definiu apresentar a história ao público, assim como Fraga também trabalha com sua própria tradução em vestimenta, na qual se vale de sua interpretação, adaptando suas reflexões para a roupa. O processo de tradução ou a transposição semiótica, consegue ampliar os sentidos de ambas as linguagens, demonstrando que a moda pode se valer de referências clássicas, dentro de uma linguagem consagrada como a literatura, e que por outro lado, a literatura pode se adaptar e ocupar diversos lugares, como os grafites nos muros ou as passarelas de um desfile.

Palavras-chave: Ronaldo Fraga, Guimarães Rosa, Tradução, Moda, Cultura brasileira

Vestígios visuais do sagrado: a realização documentária e a construção de uma memória fílmica.

Max Freitas Bittencourt (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

Esta comunicação busca fazer uma breve reflexão a respeito da função arquivística do filme A vida de São Jorge, realizado por mim, pesquisador-documentarista, entre 2016 e

2019, no Terreiro de São Jorge, extremo oeste baiano. Como arquivo e memória, o documento fílmico permite salvaguardar comportamentos e tradições para as gerações futuras, numa época em que se tende para certa uniformização das culturas. Neste sentido, ao constituir-se em um documento audiovisual da Festa de São Jorge - realizada pela comunidade de santo desde 2005 para homenagear o patrono da Casa - o documentário acaba por se configurar em uma plataforma que, ao produzir os registros e depois organizá-los na montagem, incide na construção da memória cultural daquele espaço-território. Lançando mão da escrita etnográfica como método, procuro descrever o festejo a partir das imagens-câmera, ou seja, do que é visível no plano das imagens, estabelecendo uma relação entre o rito espetacular comemorativo em louvor a São Jorge e a expressão da identidade cultural da comunidade, destacando, no relato, o modo como os sujeitos filmados e suas ações se exibem para a máquina-câmera, e para mim, no antecampo da imagem, e o resultado disso na montagem final. O filme é um ativador de memórias. Devido à morte da ialorixá, em 2020, o Terreiro encerrou suas atividades. Enquanto patrimônio artístico e cultural desta comunidade, suas imagens representam vestígios de uma prática já perdida, dá a ver um acontecimento que está apenas na memória daqueles que participaram da festa em algum momento, pois não está registrada nem preservada em acervos, instituições ou museus. Memória filmada, o documentário apresenta ao espectador uma cultura de resistência e seus símbolos através das imagens dos excluídos e seus discursos, “comportamentos insubstituíveis e que não poderão ser reproduzidos” (Ramos, 2016, p. 8) – a não ser pela reprodutibilidade técnica inerente à imagem filmada – com a intenção de combater o desaparecimento das existências periféricas dos espaços de poder, imposto pelo discurso hegemônico, colocando-os como protagonistas de suas próprias histórias.

Palavras-chave: documentário, etnografia, memória cultural

Miss Brasil Gay Juiz de Fora: montagens, glamour e a moda

Paulo Júnior (Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil e Universidade do Porto, Portugal)

O presente trabalho tem como escopo discutir as aparências e os saberes processuais dos trajes típicos entre 2017 a 2022 do maior concurso transformista gay do Brasil, o Miss Brasil Gay. Realizado há mais de 40 anos na cidade de Juiz de Fora, o evento foi idealizado pelo cabeleireiro Chiquinho Motta a fim de levantar fundos para a escola de samba local. Num primeiro momento, levantamos na Biblioteca Municipal Murilo Mendes os jornais que circularam pela cidade no período compreendido, sendo eles “Diário Mercantil”, “Diário da Tarde”, “Tribuna de Minas” e, também, o material na página eletrônica “Acessa”. Posteriormente, realizamos algumas entrevistas com misses e figurinistas que participaram do concurso, igualmente, fui como observador participante de uma edição regional em 2022 (São Paulo) e da edição nacional em 2022 (Juiz de Fora), na tentativa de observar as dinâmicas que estão inseridas neste campo específico, sobretudo em relação ao vestuário e os processos estéticos. Num diálogo com a Cultura Visual, a História Oral e os Estudos Queer, buscamos compreender por intermédio do material coletado como as identidades femininas se fazem na montagem destas misses e figurinistas e quais as referências disponíveis dentro de seu repertório material e visual

para construírem enquanto mulheres, usando o vestuário como suporte para estas transformações/subversões e, deste modo, possibilitar a reflexão sobre os discursos que nos efetivam enquanto sujeitos (in)coerentes, as possibilidades artísticas de fuga destas identidades deslocadas da heteronormatividade, o mercado constituído para estes concursos de beleza e as identidades LGBTQIAPN+ dentro de um recorte histórico.

Palavras-chave: Miss Brasil Gay, moda, LGBTQIAPN

Quarta-feira, 7 de dezembro de 2022

GT3 Literacia mediática, ativismos e novas tecnologias
Sala de Atos do ICS

Fact-checking: liquidez de um género. Estudo de um caso português em contexto pandémico

Clara Almeida Santos, Ana Teresa Peixinho, Felisbela Lopes, Catarina Duff Burnay, Rita Araújo & Olga Estrela Magalhães (Universidade do Minho, Universidade de Coimbra, Universidade do Minho, Universidade Católica Portuguesa, Universidade do Minho Universidade do Porto, Portugal)

O fact-checking vem juntar-se a uma plêiade de géneros – uns novos, outros reciclados (Santos & Peixinho, 2016) – que caracterizam a produção jornalística contemporânea. Desde o final do século XIX e o princípio do século XX, o fact-checking era uma prática associada à profissionalização do jornalismo, ligada aos ideais de rigor e imparcialidade. Graves (2016) faz remontar a origem do fact-checking político à década de 80 do século XX mas afirma que a sua codificação e padronização se materializou já no século XXI.

A presente comunicação pretende dar conta da passagem do fact-checking de prática e ferramenta jornalística a género e, sobretudo, analisar o modo como foi apropriado pela comunicação estratégica. Este fenómeno é potenciado no contexto da comunicação digital no âmbito da sociedade em rede. A democratização da comunicação, facilitada pela internet, conduz à disseminação de desordens informativas que colocam em causa os alicerces da própria democracia na era digital. O advento da pós-verdade, a proliferação e consciencialização sobre fenómenos de desordens informativas e a necessidade de as combater colocam o fact-checking na ribalta.

A pandemia de Covid-19 agudizou a necessidade de destringir entre informação falsa e informação fidedigna, tendo jornalistas e entidades oficiais, nomeadamente autoridades de saúde, procurado fórmulas para combater a infodemia (Santos *et al.* 2021). Neste contexto, assistiu-se a um fenómeno em que jornalismo e comunicação estratégica partilharam o mesmo espaço discursivo e se alimentaram mutuamente.

Analisa-se, assim, o caso português da comunicação estratégica de saúde durante a pandemia de Covid-19, atendendo ao facto de a principal fonte de informação sobre a doença ter sido a Direção-Geral de Saúde (DGS): esta entidade oficial foi fonte privilegiada na TV e imprensa (Lopes *et al.*, 2021) e registou um crescimento de 359% de seguidores na sua página de Facebook (a rede com maior número de utilizadores em

Portugal) nos dois primeiros anos da pandemia (de 11 de março de 2020 a 11 de março de 2022), de acordo com dados recolhidos através do Crowdtangle. A DGS estabeleceu uma parceria com o Polígrafo, que se assume como “um projeto jornalístico online que tem como principal objetivo apurar a verdade – e não a mentira - no espaço público” (Polígrafo, 2022) e como “o primeiro jornal português de fact-checking”, com o objetivo de “identificar, avaliar e classificar a informação que vai sendo publicamente partilhada sobre um tema que é já um case study mundial em matéria de desinformação” (Público, 2020).

Selecionou-se um corpus de análise extraído da página de Facebook do Polígrafo, utilizando como critério de pesquisa as expressões ‘Covid-19’ e ‘vacina’ e o operador lógico ‘e’, num período de um ano a partir do primeiro dia da vacinação em toda a União Europeia (27 de dezembro de 2020) a 27 de dezembro de 2021, num total de 50 publicações. Relativamente à verificação de factos, o veredicto em 32 casos é de que se trata de informação falsa, 2 casos de “pimenta na língua”, 1 caso de informação manipulada, 1 caso de “verdade, mas”, 3 video checks e 11 casos verdadeiros, a maioria dos quais relativos a esclarecimentos sobre medidas de saúde pública.

Palavras-chave: Fact-checking, desinformação, vacinação, Covid-19, Facebook

Literacia mediática como ferramenta de contenção da desinformação no contexto da comunicação digital

André Santoro (Universidade Mackenzie, Brasil)

O fenômeno das fake news tem sido amplamente discutido nos últimos anos. A proliferação de informações inverdídicas, com destaque para aquelas que circulam nas redes digitais, tem efeitos políticos já bem conhecidos (Freelon & Wels, 2020). No Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo, grupos vinculados à extrema-direita utilizam a desinformação como estratégia de fortalecimento de suas matrizes ideológicas (Ituassu *et al*, 2019).

Alguns fatores contribuem para agravar essa situação. Um deles, no caso brasileiro, é a falta de pluralidade de grupos de comunicação. Apesar de sua extensão territorial, o país tem uma baixa diversidade de meios jornalísticos, problema que persiste desde a redemocratização de 1985 (Barros, 2018). Outro fator é a desigualdade social, que faz com que 1% da população detenha 28,3% da riqueza nacional (ONU, 2019).

O desequilíbrio econômico prejudica o acesso à informação, hoje predominantemente consumida pela internet. As operadoras de telefonia, no Brasil, oferecem franquias para navegação na internet que, quando esgotadas, seguem a permitir o acesso a comunicadores, redes sociais e ferramentas de vídeo. Com isso, a população fica sujeita à desinformação e perde acesso à mídia tradicional.

Por outro lado, ainda no cenário brasileiro, são abundantes as ferramentas de fact-checking, muitas das quais mantidas por grandes grupos de mídia. Iniciativas como essa carecem, contudo, de penetração junto ao público e têm baixo índice de acesso (Kyriakidou *et al*, 2022), embora sigam relevantes para a contenção da desinformação.

Por esses e muitos outros fatores, as fake news se mantêm em ritmo acelerado de proliferação. Neste contexto, a literacia para os media, ou alfabetização mediática, é uma das poucas formas realmente efetivas de combate à desinformação, pois instrumentaliza

o receptor e torna-o apto a lidar com os fluxos comunicacionais na busca de uma consciência crítica (Pereira, 2000).

No Brasil, o ano de 2022 trouxe a possibilidade de intensificar a alfabetização mediática no ensino médio (secundário). Esta janela de oportunidade é a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implantada pelo Ministério da Educação (MEC, s/d). Formada por um conjunto de dispositivos que atualizam a matriz educacional no Brasil, a base traz a possibilidade de os estudantes do ciclo médio optarem por linhas formativas complementares ao currículo tradicional. Uma dessas linhas prevê a oferta de conteúdos relacionados às ciências sociais e, por extensão, à comunicação social. Na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, os alunos passaram a ter, no rol de disciplinas ofertadas em seu ciclo formativo, uma com o título de “Jornalismo”, da qual o autor desta pesquisa participou voluntariamente como palestrante.

A presente pesquisa pretende apresentar a base de uma investigação a ser realizada na Universidade do Minho (CECS/MILObs) e na Universidade Presbiteriana Mackenzie a respeito da alfabetização mediática no Brasil, na Europa (com destaque para Portugal) e nos demais países vinculados à iniciativa “Media and Information Literacy Alliance”, da Unesco.

Palavras-chave: literacia mediática, comunicação digital, fake News, desinformação

Comunicação, ciência e alterações climáticas: ativistas climáticos jovens nas plataformas digitais

Daniela Ferreira Silva & Anabela Carvalho (Universidade do Minho, Portugal)

As ondas de manifestações de jovens pela defesa do meio ambiente que eclodiram entre 2018-2019 – Fridays For Future (FFF) e Extinction Rebellion (XR) – possuem traços muito particulares, nomeadamente a inclusão do campo científico/académico como aliado nas suas ações (por ex., o movimento “Scientists For Future”) e nos seus argumentos (por ex., várias referências ao “IPCC 1.5 report”). Um dos aspetos que tem sido apontado na literatura prende-se com o facto de este constituir um grupo “embaixador” da ciência (Eide e Kunelius 2021). São conhecidos os diversos discursos proferidos pela jovem ativista Greta Thunberg, apelando a que se ouçam os cientistas – “I don’t want you to listen to me, I want you to listen to the scientists” (sessão pública no Congresso em Washington DC, em 2019).

O conhecimento científico está imbuído nas suas narrativas contra-hegemónicas e confere uma fonte de informação importante. A alusão a provas baseadas na ciência facilita o envolvimento dos grupos com instituições altamente legitimadas, como o governo, ou com a população em geral (Conde, 2015; Fitzjohn, 2019). Embora a ciência climática seja procurada por todos os grupos, o movimento português não evoca a ciência como um fim em si mesmo, mas consolida propostas políticas muito concretas. Enquanto uma “ciência-clara-consensual-que-dita-as-mudanças-necessárias” é retratada, alguns grupos equilibram um discurso de cientificização (Blue, 2018) com uma reflexão interseccional e tradução local das maneiras como lidamos com as mudanças climáticas.

É importante sublinhar que estes jovens ativistas possuem acesso a uma miríade de fontes e plataformas de informação, comunicação e (co)produção que devem ser tidas

em conta na análise. Os websites podem ser entendidos como um esforço de comunicação de ciência propriamente dito, apresentando informação sobre a ciência climática (Rohden, 2021, p. 14). As redes sociais, por seu turno, facilitam a tradução do complexo fenómeno das alterações climáticas em eventos locais e promovem redes de contactos que desencadeiam uma mobilização coletiva.

Neste sentido, perguntamos (a) que fins discursivos serve a evocação da ciência por parte dos ativistas climáticos? e (b) que estratégias digitais são mobilizadas para amplificar o conhecimento científico sobre as alterações climáticas?

Nesta apresentação irá analisar-se estas questões no âmbito do movimento climático jovem (não estritamente estudantil) em Portugal, a partir dos seus websites e das suas redes sociais.

Palavras-chave: Plataformas digitais, Narrativas contra-hegemónicas, ativismo climático, alterações climática, comunicação de ciência

Hashtag #designativista, uma experiência brasileira do design em rede, colaborativo e progressista

Tarcisio Silva (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil)

A Mídia Ninja é uma rede de mídia independente com atuação em todo o Brasil e também no exterior. Foi fundada em 2013, quando ganhou destaque na cobertura das manifestações de junho daquele ano. Atua a partir de “frentes” com foco em jornalismo, cultura, tecnologia, etc. O Design Ativista é uma delas. Tem como prerrogativa unir designers de todo o país para colaborarem em projetos ou de forma espontânea, tendo como ferramenta principal o design gráfico e a ilustração. Apresenta como principal canal de divulgação e mobilização o Instagram, através do perfil @designativista. Surgido no ano de 2018, o movimento aparece em meio a uma crise política crescente e polarização partidária que se intensificou durante as eleições presidenciais. Com a eleição de Jair Bolsonaro, tornou-se uma rede de forte oposição ao presidente, oferecendo leituras visuais críticas das atividades governamentais. Além de chamadas coletivas, em que os designers são convidados a participar a partir de um tema específico sugerido, há também o intuito de disseminar ideias políticas e sociais, divulgar eventos e marcar datas significativas por meio da hashtag #designativista. A prática, adotada por toda a rede de colaboradores, incluindo nomes bastante conhecidos do design gráfico no país, contribui para desenhar uma atmosfera política brasileira no Instagram, além de servir como apoio a outras iniciativas da Mídia Ninja. Neste trabalho, iremos descrever o funcionamento desse fenómeno, considerando sua contribuição para a visibilidade de pautas significativas no contexto progressista brasileiro. Além disso, iremos observar a maneira como funcionam as chamadas de trabalhos de design e a rica diversidade que produzem. Para tanto, selecionaremos o ano de 2022 como recorte e a chamada pública de maior envergadura do movimento nesse ano que levou o nome de Design Contra Bolsonaro (#designcontrabolsonaro), um manifesto visual envolvendo mais de 300 designers em 17 países a favor do então candidato Luís Inácio Lula da Silva. Observaremos o teor geral dos trabalhos divulgados com a hashtag e as principais linhas narrativas oferecidas, considerando seu legado para construir (e desconstruir) verdades em torno de um ambiente político bastante tóxico naquele momento e permeado por notícias falsas. Por

fim, como não poderia deixar de acontecer, mostramos os contra-ataques por parte da oposição que tenta corromper o movimento através da criação de trabalhos agressivos e com a subversão do uso da hashtag oficial do movimento.

Palavras-chave: design, ativismo, Brasil, Instagram, Mídia Ninja

GT3 Memória, Redes e Imaginário Social Auditório Multimédia do Instituto de Educação

Marca lugar digital: o estudo de caso da Marca Açores

Mariana Pinto Miranda (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

O conceito de marca lugar envolve concepções culturais, semióticas e econômicas dos territórios. Este tema tem sido emergente em círculos do poder público e privado, chegando também à academia com um desafio a mais: além de qualificar e projetar a imagem de cidades, estados e países, ordená-la enquanto ferramenta de desenvolvimento e sustentabilidade. Neste estudo, analisaremos o recente desenvolvimento da Marca Açores, região autônoma de Portugal, localizada a 1.500 km do continente. Marcado por uma imagem de isolamento e rusticidade, este território periférico esteve historicamente exposto a desafios geográficos e políticos. Em 1975, após sucessivos movimentos de emancipação, as ilhas conquistaram poder executivo próprio e administração regional independente, mantendo-se vinculadas a Portugal apenas no tocante aos órgãos de soberania nacional. Hoje, o arquipélago investe em ações de desenvolvimento da economia local e subsistência da comunidade nativa. Desde 2015, por iniciativa governamental, foi criada a Marca Açores, uma identidade guarda-chuva para 180 empresas regionais, com portfólio de produtos culturais, alimentícios e/ou voltados para o turismo alternativo. Um projeto de reafirmação de marca lugar e pertencimento, que engloba ações coletivas de logística e comunicação, como distribuição internacional, representação em eventos e campanhas publicitárias. Diante da repercussão da iniciativa nos ambientes de estudo da gestão pública, este trabalho pretende fazer a análise das campanhas digitais empreendidas pela Marca Açores sob a ótica de pesquisadores como Andrea Semprini e Zygmunt Bauman. Por fim, teremos indícios sobre seu possível impacto na economia, na autonomia, na topofilia e no desenvolvimento econômico sustentável das comunidades do arquipélago dos Açores.

Palavras-chave: Marca Lugar, Açores, Território, Digital

A invisibilidade de uma cultura de resistência: o caso das dinâmicas culturais de Lourenço Marques no colonialismo tardio

Lurdes Macedo & Vanessa Rodrigues (Universidade Lusófona, Portugal)

A partir da constatação da existência de dinâmicas culturais singulares, entre o final dos anos 1960 e o início dos anos de 1970, na então Lourenço Marques, atual Maputo,

propõe-se a hipótese de as mesmas terem constituído o despontar de um movimento cultural no qual resistia uma contranarrativa, transformada pelo curso da História e invisibilizada até hoje.

Tomando como referência Gombrich (1994), para quem um movimento cultural se caracteriza por uma forte penetração nos meios mais evoluídos da sociedade e por uma indiscutível influência nos comportamentos da época, esta hipótese é colocada pelo facto de as dinâmicas culturais identificadas se terem desenvolvido numa dialética causa/efeito das transformações sociais do colonialismo tardio em Lourenço Marques, constituindo um valioso contributo para a cultura da língua portuguesa. Sendo o conceito de cultura também político (Clammer, 2012), analisar os seus significados é ter em atenção os seus usos e consequências para o desvelar de outras ecologias de saberes (Santos, 2009). Os estudos culturais, ao enquadrarem o conceito de cultura como política de representação (Barker, 2004), configuram-na como uma dimensão que evidencia a interseção de poder e de significado. Logo, dentro de um sistema colonial, ao vigorar um império cognitivo (Santos, 2018), outras formas de conhecimento tornam-se pontos cegos, silenciados pela narrativa vigente.

A investigação que conduziu à proposta desta hipótese, parte da visita de Jorge de Sena a Moçambique, na segunda quinzena de Julho de 1972, suscitando a consulta das seguintes fontes: i) pesquisas no Arquivo Histórico, na Biblioteca Nacional e na Biblioteca do Centro Cultural Português de Maputo; ii) entrevistas a profissionais dos media e a outros interlocutores privilegiados que acompanharam a visita de Jorge de Sena; iii) audição/interpretação de uma entrevista de Jorge de Sena à Rádio Clube de Moçambique, a 19 de Julho de 1972, e da conferência proferida por Jorge de Sena no Teatro Gil Vicente, a 25 de Julho de 1972.

Os resultados desta investigação demonstraram que a visita de Jorge de Sena constituiu um acontecimento anti-regime no contexto mais vasto de uma dinâmica de produção cultural que buscava a liberdade de criação na interculturalidade e na resistência ao Estado Novo e ao colonialismo. Um bom exemplo será a publicação da revista *Caliban*, editada entre 1971 e 1972 por João Pedro Grabato Dias (pseudónimo de António Quadros) e por Rui Knopfli, na qual foi publicada poesia da autoria dos editores e de outros autores de Moçambique, bem como de autores de língua portuguesa espalhados pelo mundo, à época proscritos pela intelectualidade de Lisboa.

Também a publicação de *As Quybyrycas – Poema Éthyco em Outavas*, de Frey Joannes Garabatus (outro pseudónimo de António Quadros), a afirmação da arte moderna de Malangatana ou de Alberto Chissano, ou o pensamento associado à arquitetura e ao urbanismo de Pancho Guedes devem ser incluídos nestas dinâmicas que confluíam num todo fervilhante e original, que merece ser estudado como hipótese de movimento cultural em estado embrionário que se desmultiplicou ora na cultura moçambicana contemporânea, ora em produções culturais ainda hoje remetidas à invisibilidade.

Palavras-chave: Cultura da Língua Portuguesa, Moçambique, Invisibilidade, Contranarrativas

Centro Cultural UFMG – Cultura, desenvolvimento e inclusão: territórios híbridos

Fabício Fernandino (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

O Centro Cultural UFMG é uma instituição com 30 anos de atuação nas áreas da arte e cultura. É vinculado à Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais e está situado na Praça da Estação, que é um patrimônio histórico e cultural de Belo Horizonte. A praça por ter grande circulação de pessoas e diversidade de formas de utilização congrega diversos grupos alternativos, tribos, duelos de Mc's, entre outros, que produzem cultura em um movimento de resistência e aproximação centro/periferia. Além disso, também tem uma forte cultura institucionalizada representada pelos seguintes equipamentos: Centro Cultural UFMG, Centro de Referência da Juventude, Museu de Artes e Ofícios, Arena da Cultura, o CentoeQuatro, Funarte, Serraria Souza Pinto, Complexo da Casa do Conte e o Teatro Espanca. A produção de cultura na região era planejada e executada de forma presencial e a partir de 2020 um novo cenário se delineou com a pandemia, quando todos os agentes culturais e instituições tiveram que se adaptar às novas formas de atuação em um ambiente totalmente virtual. Nesse contexto o trabalho remoto e o isolamento social impuseram também ao Centro Cultural UFMG os mesmos desafios enfrentados pela área cultural para manter a difusão de conteúdos culturais disponibilizados, agora, em projetos digitais. Dessa forma pretende-se discutir e apresentar resultados e o alcance das ações virtuais desenvolvidas durante o período de isolamento social. Uma nova dinâmica de produção foi implementada pela instituição para que os eventos fossem publicados exclusivamente online pelo Site, YouTube, Facebook, Twitter, Instagram e Spotify, assim foi necessário preparar-se tecnicamente para criar uma agenda de programação de eventos primeiramente a partir dos arquivos de memória do Centro Cultural UFMG e posteriormente em vídeos e transmissões gravados em casa, realizadas basicamente por meio de celular e também por outros dispositivos. No período foram criados os projetos: "Aulas Abertas" – falas de especialistas sobre diversos temas contemporâneos; "Baixo Centro En*cena+" – transmissões de espetáculos teatrais; "CineCentro" – conteúdo de cinema e mostras virtuais; "Arte Revista" aborda eventos ocorridos na instituição; "Arte Revistinha" – conteúdo educativo voltado para o público infanto-juvenil; "Diálogos: Artista e Curador(a)" – exposições virtuais com curadoria convidada; "Podcasts" – conversas com artistas, professores e escritores; "Quem Será o Artista?" – vídeo educativo sobre artistas visuais, etc. As publicações dos eventos compartilhados entre março de 2020 e dezembro de 2021 tiveram como consequência um engajamento inédito nas redes sociais da instituição. Foram realizadas 177 ações sendo: 20 lives, 16 mostras de cinema, 07 exposições virtuais, 03 oficinas, 05 transmissões de espetáculos de teatro, 104 vídeos e 26 podcasts. No total, o Centro Cultural UFMG conseguiu um alcance de público de 303.756 entre visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos. A diversidade das áreas artísticas contempladas nos projetos virtuais mantiveram um diálogo com o que era oferecido na programação presencial, não perdendo a essência do campo de atuação do Centro Cultural UFMG. Portanto uso da tecnologia se mostrou uma importante ferramenta na produção de conteúdos artísticos-culturais, tornando-se um forte aliado no alcance do público, atingindo pessoas de vários segmentos sociais e diversas nacionalidades.

Palavras Chaves: Redes culturais, Inclusão social, Cultura, Arte, Formação de público

A música no Brasil e a imagem do país nos média de Portugal

Pablo Branco, Carlos Pazos-Justo & José Gabriel Andrade (SENAI/SC, Brasil; Universidade do Minho, Portugal)

A comunicação aqui apresentada discute as imagens que a mídia digital portuguesa constrói através da música brasileira. O trabalho parte de textos de três cadernos de cultura de jornais portugueses, dos quais foram selecionados textos que se referem a músicos brasileiros. A base metodológica do trabalho é a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). Nesta comunicação, priorizamos os resultados das pesquisas realizadas no ano de 2019. Tais resultados discutem os três temas de maior relevância, consideradas a discussão teórica e a análise dos dados: a política brasileira, mulheres e questões de gênero, além da própria relação entre os países através da música. As conclusões apontam para uma imagem do Brasil pautada pela diversidade, tanto musical quanto indenitária, e pela grande presença do gênero MPB no corpus do trabalho.

Palavras-chave: Estudos culturais, Brasil, Portugal, Música brasileira, Imagem

Chico Encantado Aruá

Ivana Severino & João Riso Mattos (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

O presente trabalho pretende apresentar a produção documental do artista plástico e cineasta Chico Liberato e dialogar a respeito do processo artístico do autor.

Os acervos pessoais representam uma fonte inesgotável de pesquisa, além de serem valiosos repositórios informacionais. Recentemente, os avanços teóricos e metodológicos no campo da arquivologia, assim como, da história, da antropologia, da linguística e áreas afins, sobre os arquivos pessoais, veem contribuindo para o alargamento do debate sobre patrimônio cultural, memória individual e coletiva, e suas implicações na sociedade contemporânea. No caso do acervo em questão sua contribuição direta será para os estudos das artes plásticas e da arte em animação, na Bahia e no Brasil.

Francisco Liberato de Mattos ou Chico Liberato, como artisticamente é chamado, nasceu em Salvador no ano de 1936 e faz parte da segunda geração de artistas modernos da Bahia, conectado aos movimentos de vanguarda. Autodidata, passou a integrar o mundo da arte desde que entendeu o seu lugar no mundo, abrindo e explorando caminhos próprios de expressão. É um artista multimeios: desenhista, pintor, escultor, gravador, cineasta, designer gráfico. Sua obra é reflexo de experiências vivenciadas no exercício dessas múltiplas linguagens visuais, em sete décadas de produção ininterrupta.

Completamente identificado com as mais autênticas referências do Nordeste brasileiro, pulsou por justiça social, integração com a natureza, idiosincrasias e sentimentos humanos, em pesquisas e percepções que lhe pautaram vida e obra.

Nas artes plásticas, o trabalho de Chico Liberato se integra ao de renomados artistas, se fazendo presente em centenas de exposições, nacionais e internacionais, com destaque para a realização, em parceria com o amigo Juarez Paraíso, da I Bienal de Arte da Bahia. O êxito do evento tirou Salvador do provincianismo cultural e pavimentou caminho para a realização da II Bienal, em 1968, interrompida pela ditadura militar.

Chico Liberato expandiu suas arte para a tridimensionalidade, com a produção de objetos e esculturas, mas foi com a lenda do Boi Encantado e Aruá, que resultou no primeiro filme

animado de longa metragem da região Norte/Nordeste, em que explorou uma estética nacional ainda inédita nessa linguagem artística, que fez história na cinematografia brasileira, acumulando prêmios nacionais e internacionais. Os seus filmes Boi Aruá e depois, Ritos de Passagem, foram eleitos pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema como duas das 100 melhores animações brasileiras de todos os tempos, sendo o único cineasta brasileiro com dois filmes escolhidos.

Dentre os documentos que contam um pouco da sua trajetória artística estão uma série de fotografias, textos, storyboards, model sheets e filmagens que relatam o processo de elaboração dessas animações, composição e gravação das trilhas sonoras e edição final. Hoje, aos 86 anos de idade, continua na cena artística baiana. Em diversas ocasiões tem sido procurado por artistas, pesquisadores, estudantes e jornalistas que buscam informações sobre sua obra ou sobre episódios da história cultural da Bahia em que teve participação direta. E, é sobre essa história que iremos dialogar!

Palavras-chave: Arquivo pessoal, Artes plásticas, Artes em Animação

GT4 Média, saúde e resistência
Sala de Reuniões do ICS

As fontes especializadas e a mediatização da Covid-19: o caso de Portugal

Felisbela Lopes (Universidade do Minho, Portugal)

Durante o período pandémico, os média noticiosos portugueses assumiram um papel fundamental na disseminação da informação, empenhando-se em promover comportamentos de prevenção para reduzir a transmissão do vírus. Para isso, socorreram-se de modo especial das fontes especializadas. Foi através delas que as redações procuraram dar respostas e encontrar soluções. É verdade que os interlocutores oficiais continuaram a estar muito presentes nos textos jornalísticos, mas os especialistas, nomeadamente os médicos e os académicos, adquiriram grande visibilidade.

Nesta comunicação, procuraremos perceber qual o grau de intensidade que essas fontes mais especializadas tiveram nos conteúdos jornalísticos da imprensa, apresentando parte dos resultados de uma investigação que analisou a mediatização da COVID-19 em Portugal. A base do nosso estudo são as edições dos jornais Público e Jornal de Notícias, referentes a todo o período em que vigou o estado de emergência no nosso país (de 18 de março a 2 de maio de 2020, de 9 de novembro a 23 de dezembro de 2020 e de 15 de janeiro a 26 de fevereiro de 2021), compondo-se o corpus de análise por 2933 textos noticiosos e por 6350 fontes.

O Day After Covid-19 no turismo urbano cultural: a pandemia ainda tem impacto?

Pedro Andrade (Universidade do Minho, Portugal)

O setor de turismo mundial entrou numa crise muito séria, devido à propagação do Corona vírus. De março a julho de 2020, o número de turistas caiu 300 milhões, o que

significa uma queda de 56%, em comparação com o mesmo período de 2019, segundo a Organização Mundial do Turismo-UNWTO (2020). Questões de partida: qual o impacto que o Corona Vírus está a ter, em particular, no turismo urbano cultural, desde 2020? Hipóteses: Embora a incidência de Covid-19 seja menos notória em 2022, o vírus continua ativo em outras configurações. De qualquer modo, parece que estamos a entrar numa 'sociedade viral', caracterizada, entre outros atributos, pelos seguintes traços: uma crise económica e capitalista global sem precedentes; confinamento e distanciamento social; aumento do uso da Internet e dos telemóveis enquanto alternativas de interação face-a-face. O turista cultural urbano encontra-se a experimentar novas maneiras de se relacionar com as sociedades e culturas visitadas, em particular através da substituição de alguns comportamentos do turismo presencial, pela ação virtual no ciberespaço, por exemplo, por forma a consultar ou partilhar conteúdos, práticas e discursos, relacionados com a viagem que empreende. Por outras palavras, um turismo virtual viral emerge hoje. Esta reflexão é inspirada em algumas explicações e intuições produzidas por Ulrich Beck sobre a 'sociedade de risco' (na medida em que o Corona Vírus constitui um dos riscos sociais mais recentes), por John Urry sobre tecnologias móveis da cidade (2006), etc.

Palavras-chave: Covid-19, turismo cultural urbano móvel, metodologias visuais virtuais, modos virais de comunicação

O mercado público como lugar de resistência em contexto pandémico: o caso da Praça de Braga

Zara Pinto-Coelho & Helena Pires (Universidade do Minho, Portugal)

Presos entre discursos contraditórios de declínio ou decadência e renascimento, os mercados públicos têm-se tornado, em várias geografias, e de diversas formas, motivos de “contestação urbana” entre atores com interesses muitas vezes antagónicos (Gonzalez, 2020). A discussão no meio académico em torno da natureza excludente da recente renovação dos mercados públicos tradicionais é contrabalançada por uma linha de literatura que aborda os mercados como um dos locais críticos do espaço público nas cidades, essenciais para “a mistura de diferentes culturas e a construção de um sentido de comunidade local” (Watson & Suddert, 2006, p. 3).

A crise da Covid-19 adicionou um desafio adicional aos mercados, pondo em causa o seu estatuto de lugar público de relações comunais e fácil sociabilidade, dadas as dinâmicas de regulação e cancelamento motivadas por exigências de saúde pública (van Eck, van Melik & Schapendonk, 2020). Para compreender como esta crise impactou nas formas como as pessoas vivem o seu dia-a-dia, esta comunicação centra-se num mercado público concreto, o Mercado Público de Braga (Norte de Portugal) num momento particular de sua longa história — o da sua abertura como um mercado renovado, durante o segundo confinamento no país. O principal objetivo é fornecer uma descrição e análise das formas específicas como este fenómeno ocorreu, com vista a contribuir para uma discussão mais ampla sobre o papel dos espaços públicos na resistência ao “tempo indomável” (Gil, 2020), em fases de profunda crise social.

A pesquisa focaliza as práticas veladas da infrapolítica, na perspetiva de Scott (1992/2013). A par das novas configurações de ação coletiva no espaço público,

nomeadamente a ação de movimentos sociais e até de ativistas, os autores interessam-se por várias formas de resistência subtil nos contextos quotidianos da vida urbana, abordando os mercados públicos como instituições essenciais à produção de um sentido de comunidade. De que maneira os mercados são locais de resistência oculta, simbólica e material? Em que medida os itinerários de mobilidade no contexto da vida quotidiana e nos mercados combinam a reprodução da ordem estabelecida com a errância e, como tal, o exercício marginal da(s) liberdade(s)?

No contexto de um projeto de pesquisa de inspiração etnográfica de longo prazo (2021-2024), o trabalho de campo, que inclui visitas regulares semanais ao local, utiliza a caminhada como meio e método (Lee & Ingold, 2006). Integra a escrita de notas de campo, conversas com informantes-chave, bem como o recurso a registos fotográficos, gravação de som e pesquisa de arquivo.

Durante o segundo confinamento em Portugal, o Mercado Público de Braga tornou-se um espaço público aberto único, pois permaneceu o único espaço público de convívio, no centro da cidade. Observámos no terreno a forma como clientes, vendedores e meros visitantes transformaram este espaço público num local de convívio quotidiano, de cumprimento de rotinas, fundamental para o sentimento de segurança individual e coletiva, mas também num local de resistência ao medo e imprevisibilidade, bem como a um sentimento de tédio que as medidas restritivas da pandemia, generalizadas a toda a população, acentuaram.

Palavras-chave: mercados públicos, cidade, quotidiano, resistência, covid

Transformando lixo em arte participativa: Trash art + heritage

José Prieto Martín & Vega Ruiz Capellan (Universidade de Zaragoza, Espanha)

O objeto desta pesquisa é o projeto processual artístico, educativo, colaborativo e de autoria compartilhada, que promove o reaproveitamento de resíduos de forma individual e coletiva.

O seu referencial teórico relaciona dois conceitos: Educação Artística, centrada no conhecimento do patrimônio mudéjar da cidade de Teruel – Espanha, e da arte contemporânea (Trash Art); e, da Educação Ambiental, com foco nos problemas ambientais contemporâneos, buscando formas de resolvê-los e favorecer alguns Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da agenda 2030.

Começou a ser desenvolvido em 2018 e foi concluído em 2021. Seus resultados são fruto do trabalho colaborativo e participativo de 200 pessoas (professores, estudantes universitários, escolares, artistas e gestores culturais) e foram exibidos em quatro exposições. Além disso, durante estes três anos estivemos difundindo o progresso da pesquisa, apresentando trabalhos em várias conferências e eventos académicos.

O objetivo desta atividade é promover a reflexão pessoal sobre nossos hábitos relacionados à reciclagem; transformar resíduos em arte comunitária; y, sensibilizar os participantes nos temas relacionados com la sustentabilidade e a gestão de desperdício para fomentar os valores ambientais (3R) y, para aproxima-los a arte contemporânea (Trash Art) y, al patrimonio artístico de Teruel (Bestiario de la techumbre mudéjar de a Catedral).

Palavras chave: Trash art, ODS, escultura, património, arte mudéjar, bestiário.

Diálogos: uma experiência de divulgação científica em tempos de pandemia

Paulo Antonio Marquez, Fábio Henrique Mascarenhas & Paulo Celso da Silva
(Universidade de Sorocaba, Brasil)

O acesso às informações públicas confiáveis para enfrentar a crise sem precedentes, causada pela pandemia da Covid-19, e o combate ao aumento de rumores e desinformação, só será possível quando instituições públicas, privadas e da sociedade civil comunicarem e divulgarem trabalhos científicos para um público mais amplo. Diante desse cenário, o Laboratório de Inovação – LabLeg Sorocaba e a Escola do Legislativo da Câmara Municipal de Sorocaba, em parceria com o Grupo Internacional de Pesquisa Mídia, Cidade e Práticas Socioculturais da Universidade de Sorocaba, idealizaram um projeto de comunicação de interesse público, para divulgar ciência, numa perspectiva mais ampla, permitindo instrumentalizar o cidadão para o debate na sociedade democrática, bem como ampliar o conhecimento e a compreensão a respeito do processo científico e sua lógica. Transmitido ao vivo, via aplicativo Zoom, pela TV Legislativa, Rádio Câmara e mídias sociais da Câmara, o programa de TV ‘Diálogos’ foi produzido em home office e se diferenciou pelo contexto no qual surgiu – durante a pandemia – e pelo processo de idealização pelo qual ficou caracterizado: 1) metodologia, que seguiu os procedimentos metodológicos da pesquisa-ação, já que os pesquisadores estão envolvidos de modo cooperativo e participativo na resolução de um problema coletivo: o combate a desinformação. 2) conceito, que contemplou premissas de comunicação pública de Pierre Zémor, Elizabeth Pazito Brandão e Jorge Duarte; 2) conteúdo, contextualizado pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030; 3) linguagem, por meio da Linguagem Simples, técnica de comunicação para transmitir informações de maneira clara e objetiva, proposta por Heloisa Fischer; e 4) estética, com sugestões de boas práticas para replicação das experiências apresentadas por pesquisadores em nível de mestrado e doutorado. A construção dos temas se deu por uma curadoria de conteúdo, que contextualizou os cinco pilares da Agenda 2030, percebidos nas dissertações e teses pesquisadas: 1) Pessoas (erradicar a pobreza e a fome de todas as maneiras e garantir a dignidade e a igualdade); 2) Prosperidade (garantir vidas prósperas e plenas, em harmonia com a natureza); 3) Paz (promover sociedades pacíficas, justas e inclusivas); 4) Parcerias (implementar a Agenda por meio de uma parceria global sólida); e 5) Planeta (proteger os recursos naturais e o clima do nosso planeta para as gerações futuras). Entre agosto e dezembro de 2021 foram exibidos 18 episódios de uma hora cada – na sua maioria (85%) relacionado às áreas de ciências biológicas, ciências da saúde e ciências sociais aplicadas – onde os telespectadores foram convidados a refletir sobre o significado dos ODSs, como as informações compartilhadas poderiam contribuir para influenciar decisões governamentais às gerações futuras nas cidades, além de transmitir novas ideias, propagar o aprendizado, abrir a mente para novos conceitos e estimular o pensamento crítico. Com isso, o programa Diálogos inspirou as câmaras municipais das 27 cidades da Região Metropolitana de Sorocaba, que desde fevereiro de 2022, têm disseminado conhecimentos baseados em ciência, com a

finalidade de sensibilizar, mobilizar e capacitar gestores públicos e a sociedade civil, na elaboração de políticas públicas, de acordo com as necessidades, aspirações, contextos, realidades e culturas das cidades.

Palavras-chave: Agenda 2030, Cidades, Comunicação Pública, Divulgação Científica, Pandemia

Sessões Paralelas 6 GT 1 Educação, cultura e mudança social | Auditório Multimédia de Educação

Aproximações entre pensamento descolonial e Educação Superior como possibilidade de transformações sociais e culturais

Aline Gobbi Dutra, Rosa Cabecinhas & Ana Costa e Silva (Universidade do Minho, Portugal)

O estudo da descolonialidade, como fio condutor de discussões em diversas áreas do conhecimento, consegue promover o debate de ideias aparentemente desconexas. Assim é que podemos falar em aproximações entre o pensamento descolonial e a educação.

As práticas descoloniais, que são práticas contra – hegemônicas, avançam para o campo da Educação Superior colaborando com as instituições de ensino no processo de desafiar as estruturas que ainda sustentam modelos coloniais de poder, de saber e de viver no mundo acadêmico. Cultura e educação andam juntas, parceiras e podem ultrapassar barreiras epistemológicas e metodológicas em prol da construção de novas realidades descoloniais. A cultura pavimenta a educação e a educação sustenta a cultura. Pensar numa educação descolonial é pensar numa educação de resistência a imposições, exclusões, preconceitos e atrasos.

O processo de descolonização é um reencontro e uma redescoberta de ser, de existir, de agir, de identificar, muitas vezes doloroso, silencioso e lento, que perpassa o mundo acadêmico, seus indivíduos e estruturas de poder. É olhar para os territórios que ocupamos, aqueles que nunca pisamos, o território que é nosso corpo, mente, alma, expressões, reações, aceitações, decisões e perceber várias perguntas surgindo e insurgindo. Olhar para as estruturas, os conhecimentos, as sabedorias, as culturas e perceber mais perguntas. É também uma lente através da qual podemos (re)estabelecer modos e intensidades de interações humanas e de interações homem-máquina-tecnologia num momento histórico de vertiginoso crescimento das tecnologias da informação e da comunicação, das redes sociotécnicas, das mídias digitais em geral. Vivemos um tempo em que precisamos utilizar e acessar os média em favor de uma aprendizagem descolonial.

Na divulgação de resultados de pesquisas, na escolha de metodologias de ensino e aprendizagem, na facilitação de atividades de grupos diversos de estudo e de trabalho, na velocidade e na democratização do acesso à informação, na busca por referências intelectuais e culturais descolonizadas e descolonizantes, na escolha que estudantes fazem de cursos e universidades, na construção e implantação de políticas educacionais, na construção e implementação de currículos, na forma como avaliamos a aprendizagem,

é impossível conceber um caminho de trabalho longe das tecnologias digitais e do conhecimento trazido com elas. Entretanto, grande desafio é nadar no mar de informações, percebendo e escolhendo caminhos que levem à construção real de sociedades que respeitem o humano e a natureza.

O que mais pode promover transformação cultural, política e social com tanto potencial tal qual a educação? O conceito de descolonialidade, portanto, trata de reverter a trajetória de epistemologias que remem contra esse caminho socioeducativo. Além do mais, o processo de descolonização está sempre se dando, devindo, e o convite para aproximarmos o pensamento descolonial da Educação Superior é que ambos podem se retroalimentar, já que no percurso acadêmico – entre outros – formamos as(os) profissionais que atuarão diretamente na sociedade e nas estruturas que a moldam.

Palavras-chave: Descolonialidade, Educação Superior, Cultura e Educação, Políticas de resistência

Cultura, educação superior e desenvolvimento Comunitário sustentável: desafios e caminhos possíveis

Lídia Carvalhaes, Helena Pires & Manuel Gama (Universidade do Minho, Portugal)

Esta pesquisa de doutorado está inserida na corrente de investigação dos Estudos Culturais, no âmbito da educação pública de ensino superior, com o intuito de saber, principalmente, como a cultura está (ou não) articulada nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF) brasileiros, que fazem parte da rede de Educação Profissional Tecnológica (EPT). Importa perceber, a partir dessa (não) articulação, o papel que a cultura pode ter no desenvolvimento comunitário sustentável no contexto dos IFs. Nesse sentido, é fundamental conhecer o lugar que a cultura ocupa na estrutura organizacional dos IFs, bem como as políticas institucionais de cultura, suas interfaces e relações com o setor cultural local e as comunidades onde essas instituições estão inseridas. Para tanto, faz-se relevante perceber a relação do ensino superior com o cumprimento dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, acordo firmado entre os 193 Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU). O estudo tem como objetivo geral conhecer as políticas e os planos de cultura, além de identificar as principais ações de cultura realizadas pelos IFs que articulam-se em prol do desenvolvimento comunitário sustentável, com base na Agenda 2030 e nos Indicadores de Cultura da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para o Desenvolvimento. Para a realização desta investigação, está sendo feito um diagnóstico inicial através de análise documental de dados sobre as políticas culturais, os planos de cultura e a existência de núcleos de arte e cultura, disponibilizados publicamente nos sites dos IFs e será enviado questionário online direcionado aos servidores responsáveis institucionalmente pela cultura ou que trabalhem na área cultural nos IFs. Posteriormente, entrevistas semi-estruturadas serão realizadas com estes servidores das instituições que possuem uma política cultural e/ou um plano de cultura estabelecidos ou em construção. A última etapa da pesquisa propõe a elaboração de um guia de boas práticas para os IFs com a intenção de colaborar para a organização de informações e experiências envolvendo a cultura que contribuam para o desenvolvimento comunitário sustentável sob a perspectiva da educação pública.

Espera-se, portanto, conhecer experiências exitosas que indiquem caminhos possíveis na articulação entre o ambiente acadêmico e a sociedade em geral, oportunizando intercâmbios culturais, científicos e sociais, tão importantes na construção de uma comunidade. Além disso, o estudo poderá contribuir para uma compreensão mais alargada do conceito de cultura no contexto educacional de ensino superior, reforçando e reconhecendo sua importância na formação humana e cidadã.

Palavras-chave: Cultura, Educação Superior, Desenvolvimento Comunitário Sustentável, Agenda 2030, Institutos Federais Brasileiros

Memórias que tecem nossa história: Relatos de experiência e resultados de intervenção Projeto EDUPAZ

Myriam Cecilia Echeveria (Universidade do Minho, Portugal)

Este trabalho relata o resultado de um processo de atividades documentais e in situ com um grupo de 12 participantes colombianos que vivem no norte de Portugal. Sua ênfase é a construção de habilidades para a paz através da ancoragem de ações de reparação simbólica e não repetição no contexto do conflito armado colombiano. Seu objetivo é tentar compreender a importância da memória coletiva na recuperação da memória histórica e conduzir atos de homenagem que garantam processos de reconciliação e construção da paz para a reparação integral das vítimas, analisando fenômenos socioemocionais no contexto do confronto em conflito armado e as intervenções metodológicas, com as técnicas consideradas para superar os impactos sociais do conflito, bem como as ações de integração na nova comunidade de acolhimento no país estrangeiro. Foram realizadas quatro atividades centrais onde foram aplicadas diferentes ferramentas pedagógicas e técnicas didáticas de trabalho emocional, superação da violência, recuperação da qualidade humana e esignificação do projeto de vida pessoal. O produto foi a articulação dos diferentes elementos didáticos que deram origem à criação de um livro e dois empreendimentos de inovação e gestão social. A intenção de recordar não é outro senão aprender a gerir as emoções, a lidar com a dor e a estabelecer metas pessoais que permitam canalizar os projetos de vida de pessoas que, vítimas de uma guerra, viram seus sonhos e ideais interrompidos, e por isso sofreram uma transformação de suas vidas e sua projeção futura. É importante abordar aqueles de nós que tivemos de vivenciar a guerra de espaços mais próximos, como vítimas diretas do conflito. As vítimas precisamos desenvolver a capacidade de narrar nossas histórias, sem medo, sem julgamentos, e assim fortalecer a memória histórica, talvez tentando de uma perspectiva sem lentes, preconceitos ou paradigmas, destacar a importância dos processos que abrem a oportunidade de intervir a memória do pessoal ao coletivo, formalizando linhas de vida que contam uma história. A memória histórica baseia-se na construção da realidade que nos acontece no passado, no presente e o que ela projeta para o futuro, se não forem exercidos mecanismos de ação para a mudança, certamente neste caminho será necessário aceitar as visões complexas, a incompreensão e a memória seletiva de quem assiste à guerra pela televisão e ainda acredita que isso não acontece no mesmo mundo em que todos habitamos. As histórias contam testemunhos de força, resiliência e redenção, resistência de vida e capacidade de trilhar novos caminhos em direção à PAZ e precisam ser contadas, como um dever, para não esquecer

de onde viemos e o que perdemos pelo caminho. É uma forma de curar e reconstruir, de tornar a verdade visível, permitindo-nos enfrentar o passado e, a partir daí, construir um novo futuro que contenha melhores oportunidades, a partir do precedente do ocorrido.

Palavras-chave: política, democracia, conflito armado na Colômbia, interdisciplinar, memória histórica

A democratização da prática artístico-cultural na universidade - um olhar sobre os resultados do Mapeamento Cultural da UFMG 2019-2021.

Thobila Gabriela de Lima Costa Sousa & Mônica Medeiros Ribeiro (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Nesta comunicação investigamos a democratização da prática artístico-cultural na universidade a partir de dados coletados no primeiro Mapeamento Cultural da UFMG 2019-2021. Para tanto, apresentamos três movimentos argumentativos: I) Abordamos a democratização da práxis artística em interlocução com o filósofo Arthur Danto, que preconizou a arte pós-histórica, i.e., a arte liberada do peso das narrativas históricas e de quaisquer restrições estilísticas ou metodológicas, livre para mesclar mídias, linguagens e modos de presença. Sob esta ótica, a prática artística em questão, emancipada e motivada por outros critérios que não meramente os estéticos, convoca uma promessa de produção e recepção mais plural e democrática das nossas ações culturais. II) Analisamos as respostas dos participantes do Mapeamento Cultural da UFMG buscando vislumbrar uma fotografia dos modos de democratização artístico-cultural encontrados na referida universidade. Contemplamos em tal análise agentes culturais que identificam suas atividades artístico-culturais com as práticas da tradição, com a dimensão cultural Diversidade de culturas, de linguagens e formas de conhecimento, com as culturas indígenas, com as culturas de matriz africana, com o campo LGBTQI+, entre outros. III) Por fim, refletimos sobre políticas que objetivam intensificar a democratização de ações artístico-culturais no âmbito da universidade.

Palavras-chave: Democratização, prática artístico-cultural, universidade, mapeamento cultural

GT 1 Políticas culturais e democracia Sala de Atos do ICS

Albino Rubim (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

O século XXI parece estar tentando desenhar uma nova América do Sul. Depois da onda de governos democrático-progressistas a partir da virada dos anos 2000 e da onda de retrocessos em torno dos anos 2010, novas expectativas de mudanças emergem nos anos 2020, por meio de movimentos sociais e de eleições, que recolocam no poder nacional forças democrático-progressistas, conformando uma possível nova onda. O texto trata os dilemas vividos pelas políticas culturais em tal dinâmica de avanços e retrocessos. Ele se inscreve em projeto de pesquisa apresentado ao CNPq para ser realizado entre 2020 e 2025.

A opção por tratar de América do Sul e não da América Latina deriva da proposição que tal delimitação mais circunscrita garante uma maior aproximação geográfica-histórico-social-cultural e que ela afeta a vida político-cultural de cada país sul-americano, ainda que de modo desigual. A aproximação possibilita imaginar dilemas comuns. Os traços compartilhados da colonização ibérica e do neocolonialismo inglês e norte-americano, impõem dilemas, enfrentados de modos distintos em tempos e espaços nacionais. Entretanto, devemos excluir as três guianas, pois elas tiveram histórias, colonialismos e neocolonialismos bem distintos: inglês, holandês e francês, sendo esta última ainda hoje uma colônia.

A tese do texto pode ser formulada como: a potência da situação geográfica-histórica-social-cultural compartilhada pelos países sul-americanos possibilita que os países, ao vivenciar conjunturas comuns, tenham afetadas suas dinâmicas e passem a ter dilemas compartilhados em políticas culturais.

Por certo, a proposição de analisar os países sul-americanos a partir dos avanços e retrocessos acontecidos no século XXI coloca em cena conflitos e divergências de interpretação. A própria nomeação democrático-progressista implica em polêmicas acerca da denominação proposta, bem como da inclusão ou não de determinados governos. A consciência das turbulências não deve impedir a viagem aos países sul-americanos e suas políticas culturais.

O século XXI fez o subcontinente navegar com ondas. Tais ondas viraram de ponta cabeça a história do ambiente sul-americano, provocando guinadas em seu processo histórico, ainda que, na maioria das vezes, sem recorrer ao recurso da violência explícita, como ocorreu quase sempre por meio de brutais ditaduras civil-militares. Ao invés das arbitrariedades da violência aberta, uso intenso da violência simbólica com a construção cotidiana do ódio pela grande mídia e judicialização da política, por meio da instrumentalização abusiva do poder judiciário, dentre outros meios.

Tais procedimentos das classes dominantes, a presença de novos agentes político-culturais e a ascensão de dirigentes vindos de outros setores sociais - a exemplo de operários, indígenas, mulheres etc. - colocou na agenda pública o tema da cultura e das políticas culturais.

O texto busca discutir como avanços e retrocessos, movimentos e governos trataram os dilemas das políticas culturais. A emergência de novos estratos sociais, a relevância adquirida pela diversidade cultural e por temáticas voltadas às culturas identitárias - povos originários, negros, mulheres, comunidades LGBTQIA+ etc. - torna as políticas culturais componente vital para entender o que se passa na América do Sul do século XXI.

Palavras-chave: Políticas culturais na América do Sul, Políticas culturais, políticas públicas de cultura, gestão cultural, América do Sul

Políticas Públicas: Governança democrática e gestão social em museus

Adélia Zimbrão & Lessandra da Silva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Com base nas categorias analíticas governança pública, gestão social e no levantamento teórico sobre a atuação de museus em sua função social, o trabalho traz estudo preliminar acerca da emergência da experiência de gestão compartilhada do Acervo

Nosso Sagrado, que se encontra sob a guarda do Museu da República (MR), do Instituto Brasileiro de Museus.

O Acervo Nosso Sagrado é composto por objetos de religiões de matriz africana que foram apreendidos pela polícia do Rio de Janeiro, entre 1891 e 1946. Houve violações a essas práticas religiosas posto que a primeira Carta Constitucional (1891) do Brasil republicano já estabelecia a laicidade do Estado e a liberdade de crença e culto. Durante décadas houve movimentos de resistência contra esse tipo de prática do Estado e ações organizadas que buscavam resgatar essas peças apreendidas. Em 2017, formalizou-se uma campanha designada “Liberte Nosso Sagrado”, apoiada por ativistas do movimento negro, pesquisadores, organizações da sociedade civil e a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Esta Campanha teve êxito, pois foi instalado inquérito civil que tramitou no Ministério Público Federal e culminou com a doação definitiva do Acervo, que estava sob guarda do Museu da Polícia Civil (com a denominação “Coleção Magia Negra”), ao MR, sob a condição de que sua gestão fosse compartilhada, já que uma das reivindicações da Campanha foi a participação de lideranças religiosas na definição de como as peças poderiam e deveriam ser expostas, em razão de seu caráter sagrado, assim como seus atributos simbólicos, sociais e culturais. O MR buscava com essa ação e acordo contribuir para promoção da política pública museal, dos planos nacionais de Museus e de Cultura, nos objetivos relacionados à reparação, promoção e preservação de acervos e memórias de expressões culturais de matriz afro-brasileira.

À luz de referencial teórico de governança pública e de gestão social, o estudo apresenta resultados parciais obtidos a partir da análise documental. Assinala-se que há variação sobre o entendimento de tais conceitos, assim como distintas abordagens teóricas em que se fundamentam. Em que pese haver pontos de proximidade e de distanciamento entre estes conceitos, aventa-se que há entre eles relações cooperativas e complementares, o que lhes confere potencial relevante para a construção democrática da gestão (ALCANTARA, PEREIRA e SILVA, 2015). Nesse trabalho, partimos da abordagem de gestão social como um processo gerencial dialógico no qual a autoridade decisória é compartilhada entre os participantes da ação (Tenório, 2008). E de concepções de caráter emancipatório relativos à governança pública, tais como “governança participativa” (Grote; Gbikpi, 2002) ou “governança social negociada” (Hirst, 2000), que salientam a importância da governança “como uma fonte de novos experimentos na prática democrática” (Hirst, 2000, p. 19). Portanto, subjacente à governança democrática e gestão social, há a noção de processo de tomada de decisão compartilhada. Na nova perspectiva museal também subjaz a ideia de que a prática museológica deve fomentar a participação da comunidade, dos movimentos sociais e de atores privados. Tais embasamentos contribuem para reflexão acerca dessa proposta de gestão participativa do referido Acervo.

Palavras-chave: Governança Democrática, Gestão Participativa, Museus

Paradigmas das Políticas Culturais no Brasil contemporâneo: quais conceitos contribuem para classificar as ações do governo federal na área da cultura entre os anos 2018 e 2022?

Gleise de Oliveira (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

O mundo tem sofrido os, cada dia mais volumosos, impactos de uma conjuntura econômica-política-sociocultural marcada por entraves diversos: pandemia, guerra, ampliação das desigualdades para citar algumas. No Brasil a situação se agravou nos últimos anos com a instalação de ideias conservadoras/autoritárias alinhadas com a extrema direita personificadas pelo presidente eleito, Messias Bolsonaro. Neste contexto cabe anotar a repercussão sobre o campo da cultura e sua conseqüente incidência sobre as políticas culturais.

O debate que pretendemos desenvolver considera como ponto de partida os paradigmas ora anotados por Néstor García Canclini (1987), a saber: 1- Mecenato liberal, 2- Tradicionalismo patrimonialista, 3- Estatismo populista, 4 – Privatização neoconservadora, 5- Democratização Cultural e 6 – Democracia participativa; para buscar compreender quais paradigmas das políticas culturais estão presentes no contexto brasileiro dos últimos quatro anos (2018-2022). Para tanto, acionamos diferentes definições, tentativas de tipificação e debates conceituais acerca das políticas culturais. Buscar compreender qual o paradigma que caracteriza o momento presente implica em esmiuçar discursos, planos e caminhos escolhidos na gestão da cultura. Sintomático anotar que no plano do governo em análise a Cultura aparece em três citações que pouco (ou nada) indicam em termo de diretrizes políticas para o setor. É este pano de fundo que mobiliza a tentativa de compreender quais velhos/novos paradigmas estão presentes na política cultural brasileira já caracterizada por sua tradicional instabilidade, descontinuidade e fragilidade.

Palavras-chave: políticas culturais, paradigmas, governo Messias Bolsonaro, Brasil

Planos Estratégicos Municipais de Cultura: recomendação de um quadro de indicadores para avaliação e monitorização

Manuel Gama, Rui Vieira Cruz & Belmira Coutinho (Universidade do Minho, Portugal)

São enormes as lacunas no desenvolvimento de Planos Estratégicos de Cultura em Portugal. Como uma ferramenta analítica, a elaboração de um Plano Estratégico Municipal de Cultura (PEMC) procede a um amplo diagnóstico sobre o estado de arte do setor cultural e das indústrias criativas de um território, as relações, parcerias e redes manifestas e latentes entre os seus agentes públicos e privados, e igualmente a conexão destes com os outros interlocutores à escala regional, nacional e internacional. Para além da escassez numérica verificada na elaboração destes planos, também os quadros de indicadores transversais para efetuar a sua avaliação e monitorização são escassos, apresentando lacunas e falta de sistematização. Atendendo a que estes objetivos e indicadores apresentam a função de direcionar a atuação estratégica dos diferentes agentes culturais de um território, os diferentes níveis de intervenção dos distintos agentes, como o Estado, os municípios, as CIM, as associações, os produtores culturais e a sociedade civil em geral assumem particular destaque.

Na sequência dos PEMC desenvolvidos/em desenvolvimento em Torres Novas, em Guimarães, e em Setúbal, e que partir incluiu a análise de diferentes documentos e diversos momentos de auscultação a personalidades, entidades, agentes culturais, através de ferramentas metodológicas diversificadas como inquéritos por questionário, entrevistas, grupos de discussão e laboratórios criativos, uma equipa multidisciplinar de

investigadores do Observatório de Políticas de Comunicação, Ciência e Cultura (PoObs) propôs-se criar um quadro/bateria de indicadores construídos a partir de guias nacionais e internacionais, tais como os Indicadores Cultura 2030 da UNESCO, o Nueva guía para la evaluación de las políticas culturales locales, o Monitor das Cidades Culturais e Criativas, Cultura 21 Ações, etc., e que sejam capazes de calcular quantitativa e qualitativamente guias especificamente construídas para a avaliação e monitorização dos PEMC, e possam contribuir para apoiar os municípios a aferir o contributo local da cultura para os ODS e para as diferentes métricas de desenvolvimento local dos indicadores.

Palavras-chave: Plano Estratégico Municipal de Cultura, Indicadores, Avaliação, Monitorização

Cultura, mobilização e democracia em meio à pandemia de Covid-19: o processo de construção, aprovação e implementação da Lei de Auxílio Emergencial ao setor cultural brasileiro no ano de 2020

Sílvia Mota Dantas (Universidade Federal da Bahia, Portugal)

O setor cultural movimenta bilhões de reais anualmente na economia do Brasil, reunindo milhões de fazedores de cultura nas mais diversas regiões do País. No ano de 2020, em função da pandemia de Covid-19, artistas, produtores, gestores culturais e trabalhadores de áreas de apoio viram suas fontes de renda desaparecerem da noite para o dia, com a suspensão de eventos, produções e espetáculos e a proibição do funcionamento de espaços culturais e de lazer na tentativa de conter a propagação da doença. Em meio a este cenário de crise e incertezas, a categoria artístico-cultural brasileira uniu esforços e, através de intensa mobilização na internet e nas redes sociais, conseguiu uma importante conquista: a criação e a aprovação da Lei Aldir Blanc (LAB), que determinou o repasse de R\$ 3 bilhões para o socorro emergencial ao setor, que foi profundamente afetado pelas medidas de isolamento social. O presente trabalho analisa como se deu o processo de construção, mobilização e aprovação da referida lei, observando como os recursos tecnológicos de comunicação e informação foram utilizados e viabilizaram a participação social ao longo deste processo e, mais especificamente, como a nova legislação foi implementada em Feira de Santana, segunda maior cidade do Estado da Bahia, no primeiro ano da crise sanitária mundial.

Palavras-chave: Cultura, Pandemia, Mobilização, Democracia, Lei Aldir Blanc

GT 5 Interseções entre arte, memória e cultura popular
Sala de Reuniões do ICS

A culinária brasileira fisgada na cultura portuguesa

Cynthia Luderer (Universidade do Minho, Portugal)

A culinária é um dos fenômenos culturais proeminentes de um povo. Já entendida como Património Imaterial, há diversos tópicos a serem considerados nesse eixo quando se confere a história da criação e da elaboração de um prato. Além da junção de

ingredientes e do uso de técnicas para o processo de sua produção, uma iguaria revela uma gama de questões envolvidas com a dinâmica social, econômica e geográfica. O destaque de alguns pratos em determinadas sociedades pode ser um indicador para revelar diferentes dilemas de uma época, e para verificar a dinâmica do gosto que se constrói por alguns alimentos nas diferentes culturas. Nesse sentido, os hábitos alimentares de imigrantes tornam-se dispositivos proeminentes para perceber a dinâmica que oscila entre a resistência e a transformação cultural. No caso de Portugal, e o significativo aumento de imigrantes no país nesses últimos dez anos (Pordata, 2021), torna-se plausível questionar: Como as propostas culinárias dos estrangeiros estão a ser inseridas na cultura portuguesa? Essa questão permite explorar diferentes frentes além dos próprios pratos vinculados aos imigrantes que estão a adensar os dados demográficos luso, como chineses, ingleses ou indianos. No entanto este trabalho foca nos brasileiros, pois além de haver o vínculo com Portugal diante a sua condição de ex colônia, e fazer parte dos países que falam a língua portuguesa, os brasileiros se destacam como a maior população de imigrantes no país. Com o propósito de responder essa questão, o objetivo deste trabalho foi analisar as narrativas vinculadas ao gênero da culinária tipicamente brasileira divulgadas em Portugal. Para tanto, foi pertinente conferir as iguarias brasileiras que tem ganho destaque na cultura lusa contemporânea e examinar o contexto dessas respectivas divulgações. O corpus selecionado para perseguir esses objetivos foi composto de 90 edições de revistas portuguesas de culinária, a *Continente Magazine* e a *Sabe Bem*, ambas customizadas. Elas mantêm a maior tiragem no país, circulam há mais de dez anos, e são promovidas pelas duas maiores redes de supermercados portugueses: o *Continente* e o *Pingo Doce*. Além da busca de mensagens sobre a culinária brasileira nessas revistas, agregou-se ao processo metodológico o exame de dezenas de entrevistas abertas direcionadas aos portugueses e brasileiros que vivem em Braga, uma cidade que se destaca pela concentração de imigrantes brasileiros. Ao pensar na imigração e na bagagem culinária que nela está envolvida, foi pertinente ter o aporte da semiótica da cultura para pensar no processo da inserção e do cruzamento de textos culturais. Para tanto, este estudo guiou-se pelos conceitos de semiosfera e de texto conforme defendidos por Lotman (1986). Verificou-se nesse exercício investigativo que ainda há poucos e pontuais propostas alimentares típicas do Brasil a adentrar na cultura lusa, no entanto, vale salientar que algumas propostas já se transformaram em mercadorias, como é o caso do brigadeiro e da farinha de tapioca, por exemplo.

Palavras-chave: imigração, revistas de supermercados portugueses, Braga, brigadeiro, tapioca

“Isso tudo é louvor, isso tudo é louvar”: A construção dialógica entre dois mundos culturais, o entre-lugar e as fronteiras.

Mirtes de Menezes Almeida & Fernando José Ferreira Aguiar (Universidade Federal de Sergipe, Brasil)

A herança de duas atividades, uma como líder religiosa na Irmandade Santa Bárbara Virgem, baseada na pureza Nagô, e a outra como líder de um grupo cultural chamado Taieira, formado a partir de uma promessa devocional católica a São Benedito das flores

e a Nossa Senhora do Rosário, possibilitou um arranjo espacial arquitetado a partir da memória de uma velha mãe-de-santo neta de africanos, Umbelina de Araújo. Este projeto permitiu sua atuação em lugares distintos nas relações dialógicas entre o culto Nagô, o catolicismo popular e nas culturas populares. Essa comunicação teve como objetivo analisar os “entre-lugares” ocupados por esta liderança feminina, entendendo-os como lugares de resistência percebendo as encruzilhadas do discurso original Nagô e suas relações com estes universos: Catolicismo popular, as práticas culturais populares para além do dualismo profano/sagrado. Tanto o culto Nagô, como as práticas culturais se enquadram como uma ação decolonial de resistência afrodiaspórico dentro de Laranjeiras-Sergipe. Ambas atividades são consideradas e reconhecidas pela comunidade de Laranjeiras e pelo Estado de Sergipe como patrimônio imaterial, pela sua tradicionalidade, dinâmica e funcionalidade. A pesquisa foi desenvolvida numa perspectiva teórico-metodológico pós-colonial, com ênfase na Decolonialidade (Quijano, 2012) (Bernardino Costa, 2020); nos Estudos Culturais (Cuche,2002); (Hall,2003), e Pós-Modernidade (Boaventura de Sousa Santos,2009). A pesquisa foi norteada pelos conceitos de “entre-lugar” e “fronteiras” propostos por Claudio Ferraz (Ferraz, 2010) que dialogou com o conceito postulado por Homi Bhabha (Bhabha, 2019). Foi utilizado o método etnográfico (Angrosino, 2009; Meihy & Holanda,2020). Foi fundamental para esta comunicação dialogar com pesquisas documentais e bibliográficas (Dantas,1988;2013). Foram utilizadas também, uma dimensão imagética sobre a comunidade Nagô, e sobre as Taieiras, como documento (FeldmanBianco, 1998). Além disso, foram produzidas, entrevistas com três participantes, sendo, duas da liderança Nagô, e a terceira, com o pároco da Igreja Católica da cidade de Laranjeiras/SE. Assegurou-se “o lugar-de-fala” e de escuta (Ribeiro, 2017; Spivak, 2010). Assim, três gerações femininas, uma foi honrando a outra através do conhecimento oral (Martins,2003); (Hampaté Bâ, 2010) como guardiãs da promessa devocional do catolicismo popular e da memória dos primeiros líderes africanos, Ti Henrique e Ti Herculano, fundadores do culto Nagô (Santos,2012). Assim, essa herdeira inicial, detentora dos saberes e fazeres culturais conservou, preservou e passou para outras gerações, suas obrigações hierárquicas, seu calendário festivo e seus rituais Nagô. Mas, ainda, contribuiu levando rainhas negras da Taieira para serem coroadas dentro da Igreja Católica anualmente, durante o final do ciclo natalino. Desse modo estas atividades são comprovadas, a partir de um arranjo-espacial, como atividades distintas, ocupadas por uma única pessoa, que exerce liderança religiosa do Nagô, e também exerce o papel de Mestre da cultura popular dentro do meio cultural de Laranjeiras em Sergipe, tendo como requisito que estes papéis sejam exercidos por uma “moça virgem” e que seja eleita pelos Orixás Nagôs.

Palavras-chave: Taieira, Nagô, Resistência, Estudos Culturais, Decolonialidade, “Entre-lugar”, “Fronteira”

Musealidade e Território: uma investigação do bairro Nossa Senhora da Piedade no município de Ouro Preto, Minas Gerais

Paloma Christina Nascimento de Jesus & Gabriela de Lima Gomes (Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil)

Com o intuito de contribuir para democratização das instituições museais e com a intenção de romper com o pensamento de que os fenômenos associados ao campo da Museologia estão estritamente ligados aos museus institucionais, este trabalho buscou compreender e entrelaçar, conceitualmente, as definições de Musealidade e Território. O movimento da Nova Museologia e os pensamentos propostos pela Nova Geografia foram base para realização desta pesquisa. Com o título de Musealidade e Território: uma investigação do bairro Nossa Senhora da Piedade no município de Ouro Preto, Minas Gerais a proposta surgiu a partir dos interesses da aluna pesquisadora em compreender as diferentes formas de atuação da Museologia, associado com a ação extensionista, Sentidos Urbanos: Patrimônio e Cidadania, uma parceria entre a Universidade Federal de Ouro Preto e Escritório Técnico de Ouro Preto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), projeto coordenado pela professora Gabriela de Lima Gomes. As décadas de 1970 e 1980 foram de profundas transformações para a Museologia. No âmbito internacional, deu-se início a reflexões críticas sobre suas práticas, técnicas e teorias. Naquele momento, os profissionais e acadêmicos passaram a questionar o caráter elitista, onde as representações giravam em torno de um grupo social específico. Neste contexto, surgiu o movimento denominado Nova Museologia que, segundo Cury (2005, p. 63) “não é uma outra em contraste com a antiga, mas sim modelo metodológico de interação entre o patrimônio cultural e a sociedade”. Esta linha dentro do campo museológico, que vem sendo amplamente estudada desde então, também reconhece que o objeto de estudo da museologia não é o museu, assim como “a pedagogia não é a ciência da escola e a medicina não é a ciência do hospital” (MENSCH, 1994, p. 15). Já na Geografia, nessa mesma época, ocorreu o movimento de geógrafos que discutiam os significados atribuídos à natureza e às construções humanas, a chamada Nova Geografia, que trazia para o campo a dimensão não material para as pesquisas. Diferentemente da Geografia Clássica, esse movimento busca analisar fenômenos geográficos de forma interligada, ou seja, levando em consideração também as ações humanas. Essa nova forma de pensar a geograficidade, sobretudo por meio do pensamento do geógrafo brasileiro Milton Santos, buscou entender o território de forma crítica, trazendo à tona a relação entre os indivíduos e o território. Partindo destas premissas e entendendo a Museologia enquanto campo interdisciplinar que dialoga com diversas áreas do conhecimento, dentre elas a Geografia, as pesquisas desenvolvidas interligou a sociomuseologia e o movimento da geografia humana como aparato para investigar a relação dialógica entre Musealidade e Território tendo como campo investigativo o bairro Nossa Senhora da Piedade - Ouro Preto (MG).

Palavras-chave: Paisagem Cultural, Museologia Social, Culturas Populares, Carnaval

A Festa Artura: Memória e recriação da História

Elenice Castro (Universidade Federal da Bahia, Brasil)

A Comunidade Quilombola dos Arturos é um grupo formado por descendentes de Arthur Camilo e Carmelinda Maria da Silva, ambos filhos de sujeitos escravizados e que constituíram uma grande família conhecida pelo nome de “Arturos”. Essa comunidade localiza-se na cidade de Contagem, estado de Minas Gerais e possui mais de cem anos de existência. Com ricos valores tradicionais, em que festejam o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, a Folia de Reis e São Sebastião, assim como as festas da Abolição e da Capina, seus integrantes prezam pela manutenção destas tradições rituais e lutam por manter a memória coletiva do grupo. Evocar o passado histórico pode ser uma estratégia que, positivamente, tende a sedimentar essa tradição. Essa é a proposta de vida dos Arturos, quando inventam, ou reinventam, maneiras de manter uma tradição viva na memória das gerações.

A oralidade exerce o papel de transcrever, ao longo dos tempos, histórias de vida e experiências vividas nesta comunidade. Assim, passado e presente se articulam entre as vivências arturianas, de maneira que seus integrantes se inserem no plano temporal e espacial, de um lado buscando a rememoração através dos ritos e, de outro lado, convivendo com a vida cotidiana. Essa dualidade permite e oferece suporte para que os Arturos possam manter viva a memória de seus ancestrais e, portanto, dar continuidade as suas histórias. A memória para alguns membros dessa comunidade transita através da linha do tempo, retomando ao passado quando se é necessário, mas mantendo o propósito de sustentar o presente, para assim, assegurar o futuro. Gagnebin (2006, p. 16) defende a importância de “[...] manter a palavra, as histórias, os cantos que ajudam os homens a se lembrarem do passado e, também, a não se esquecerem do futuro”. Assim, proponho demonstrar mecanismos engendrados pelos Arturos, no sentido de manter viva a memória da comunidade, performatizando sua tradição, a fim de salvaguardá-la, a partir de diálogos coletivos no grupo, revivendo lembranças, através de sua(s) festa(s). A tradição faz parte da vida dessas pessoas, por seu turno, a memória é o recurso que adotam com o desejo de reter e/ou retomar momentos vividos e que, segundo eles, não podem ser esquecidos, devendo, portanto, ser salvaguardados.

A festa Artura, em toda sua plenitude, beleza, cores e sabores, marca o encontro entre memória e a história de vida desse povo. Não querendo deixar que o rastro da memória se perca, os mais velhos orientam aos mais novos para dar continuidade à festa. E nesse exercício de manter a festa e a tradição, os Arturos se esforçam coletivamente e unem forças para dar seguimento a seus propósitos, resistindo às contingências da contemporaneidade. Festejar, reinando com a Virgem é um dever, um trabalho, uma missão, uma promessa, pois assim ensinaram os antepassados (Gomes e Pereira, 2000). Vestindo-se da memória e da história, o Arturo canta, dança, gira e rodeia, batendo os pés com a mente carregada de lembranças de épocas remotas.

Palavras-chave: Arturos, Tradição, Memória

Negação do direito à cidade e práticas de resistência

Joaquim Paulo Serra (Universidade da Beira Interior, Portugal)

O direito à cidade (Lefebvre, 1967; Harvey, 2008) é não só tão importante como os restantes direitos humanos como, em certo sentido, é a própria base – física, material – desses direitos. O direito à cidade é, em primeiro lugar, o direito a uma habitação, bem como ao espaço geográfico e cultural em que ela se situa.

Não admira, assim, que Flusser, que é e se reconhece como apátrida, refira que, e ao contrário do que se costuma considerar, o nosso ponto de referência permanente não é a pátria, mas a habitação: “pode-se mudar de pátria ou simplesmente não tê-la, mas é sempre preciso morar, não importa onde” (Flusser, 2007, p. 232). Por sua vez, Levinas (2000) defende que a casa ocupa um lugar privilegiado na atividade humana, já que é “a sua condição e, nesse sentido, o seu começo” (p. 162).

No entanto, e como mostra já o filme *Metropolis* (Fritz Lang, 1927), o direito à cidade sempre esteve distribuído de forma (muito) desigual. Assim, na obra distópica, metafórica e hiperbólica de Lang, o direito à cidade é completamente diferente para os de cima e os de baixo, os senhores dos arranha-céus e os escravos dos subterrâneos, o jardim dos prazeres e a cidade dos trabalhadores.

A escassos quatro anos do ano em que Lang situa a sua distopia (2026), podemos perguntar-nos se a concretização do direito à cidade está longe da realidade retratada por Lang – nomeadamente no que se refere a Portugal e ao Brasil.

Filmes documentais como *O que vai acontecer aqui?* (Left Hand Rotation, Portugal, 2019) e *À margem do concreto* (Evaldo Mocarzel, Brasil, 2006), entre muitos outros, dão-nos conta de como as nossas cidades – Lisboa, S. Paulo – excluem os mais pobres, os mais velhos, os mais desfavorecidos em geral, do direito à cidade, remetendo-os para as periferias mais remotas ou mesmo para a rua. As razões são mais ou menos conhecidas: o imobiliário de luxo, o turismo selvagem, o arrendamento rapace, a política de betão das prefeituras, a procura generalizada da obtenção de mais-valias por todos os meios.

Mas esses filmes dão-nos conta, também, de uma “cidadania insurgente” (Holston, 2008) que resiste e se opõe a essas tendências de exclusão, de gentrificação e de mercadorização que caracterizam, cada vez mais, as nossas cidades.

Tomando como ponto de partida os filmes referidos, a nossa comunicação discute, também numa perspetiva comparativa, não só as exclusões do direito à cidade e à habitação que se observam em Lisboa e em São Paulo mas também, e sobretudo, as resistências e os combates que se observam a essas exclusões por parte de coletivos e organizações cidadãs, e que vão mesmo até à ocupação (dita “selvagem”) das habitações devolutas. Mesmo se os resultados desses combates e resistências nem sempre são os almejados, cumpre lembrar aquilo que Brecht diz num dos seus poemas: “em tempo de [...] humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar”.

Palavras-chave: Direito à cidade, cinema, exclusão, práticas de resistência, cidadania insurgente